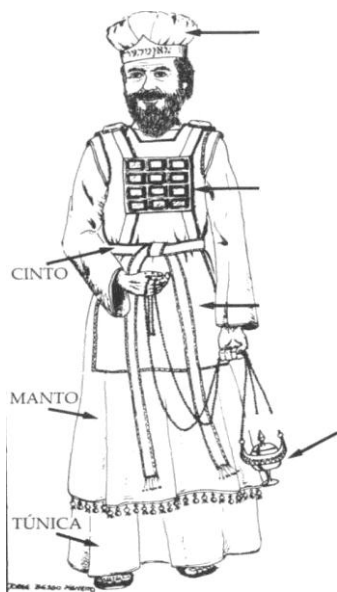


DOCTRINA DE SANTIDADE - II

Prof.Rev.. SILA D. RABELLO



קדש



SEMINÁRIO TEOLÓGICO NAZARENO
ETED – PIRACICABA – RIO CLARO

INDICE

CONCEITUAÇÕES	P. 04
RELACIONAMENTO: A CHAVE DA SANTIDADE	P. 07
O FECHAMENTO DE UMA ERA	P. 12
 ASCESE CRISTÃ	 P.16
MONASTICISMO	P.18
PIONEIROS DO MONASTICISMO	P.23
MONGES QUE SE DESTACARAM	P.26
PAULO DE TEBAS – STO.ANTÃO,PACÔMIO MARTINHO DE TOURS, BASÍLIO MAGNO, GREGÓRIO DE NISSA, MACÁRIO, JERÔNIMO AGOSTINHO, SIMEÃO ESTILITA, COLUMBANO BENTO DE NÚRSIA.	
 TRABALHO DE PESQUISA I E II	 P.37/38
RELIGIOSIDADE E O MISTICISMO DA IDADE MÉDIA	P. 39
MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS IGR.CATÓLICA	P.42
CÁTAROS OU ALBIGENSES	
VALDENSES – CISTERCIENSES	
OS LOLARDOS	
PRINCIPAIS ORDENS CATÓLICAS	P.47
AS ORDENS MENDICANTES E OUTRAS	
IDADE MÉDIA – A BUSCA DA ESPIRITUALIDADE	P.52
CARTUSIANOS	
PRINCIPAIS EXPOENTES: ANSELMO, BERNARDO DE CLARAVAL, ABELARDO, SÃO DOMINGOS, TOMÁS DE AQUINO,ECKHART, RUYSBROECK, HUGO DE BALMA, TAULER, HILTON,NORWICH, CATARINA DE SIENA, KEMPIS, LOYOLA, TEREZA DE ÁVILA, LORENZO SCUPOLI, S.J.CRUIZ, Fco.SALES, MOLINOS.	
QUIETISMO – MADAME GUYON, FÉNELON,OWEN	P.68
A PERFEIÇÃO CRISTÃ NA TEOLOGIA REFORMA	P.71
A PERFEIÇÃO CRISTÃ NO PERÍODO DA REFORMA	
PIETISMO/QUAKERS/MORÁVIOS/WESLEY	
DECLARAÇÃO DE DOUTRINA	P. 75
A DOUTRINA BÍBLICA DA SANTIDADE	
RESUMO DOS MOVIMENTOS DE SANTIDADE E ENF.	
O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE WESLEY	P. 81
TAREFA	P.101
BIBLIOGRAFIA	P.102

Matéria: Doutrina de Santidade II

Professor: Rev. Sila D.Rabello

Créditos : 03

I. DESCRIÇÃO DA MATÉRIA

- Compreende o estudo dos fundamentos bíblicos e históricos da espiritualidade e da busca da Perfeição Cristã através dos séculos.
-

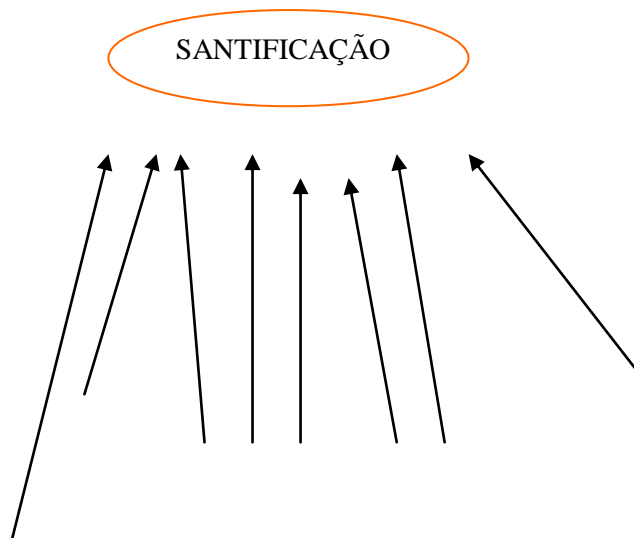
II. OBJETIVOS DA MATÉRIA

Durante o curso o aluno deve:

- Descobrir na confrontação com a Palavra de Deus, os fundamentos da doutrina da santificação.
- Conhecer a história da doutrina da santificação e da busca da espiritualidade.
- Saber diferenciar as diversas visões de Perfeição Cristã nos escritores de espiritualidade.

III. RESPONSABILIDADES DO ALUNO

1. Frequência: estar presente em todas as aulas com pontualidade.
2. Tarefas: Resumo crítico de leituras indicadas
3. Prova escrita final.



CONCEITUAÇÕES

SANTIDADE:

O “Dicionário da Bíblia de Almeida” assim define a palavra santidade:

1- Atributo de Deus (Pai, Filho e Espírito) pelo qual ele é moralmente puro e perfeito, separado e acima do que é mau e imperfeito.(Ex.15:11, Hb.12:10).

2- Qualidade do membro do povo de Deus que o leva a se separar dos pagãos, a não seguir os maus costumes do mundo, a pertencer somente a Deus e a ser completamente fiel a Ele. (I Ts. 3:13)

3- No A.T., separação de coisas ou pessoas para Deus e para o culto. Eram santos os sacerdotes (Lv. 21:6-8), os Nazireus (Nm. 6:5-8) o Templo (Sl.11:4) Jerusalém (Is. 52:1) Os altares, o óleo e os utensílios do culto (Ex. 30:25-29), Os sacrifícios (Ex. 28: 38).

Na teologia Armínio-wesleyana, a santidade pode ser expressa com 3 termos:

- Santidade – Ponto de partida na regeneração. É derivada de Deus que é santo e ministrada pelo Espírito Santo. É contínua.
- Perfeição – Ponto de prosseguimento na vida cristã. É alvo.(Mt.5:)
- Amor perfeito – Ponto de maturidade na relação com Deus. Este amor sem hesitação, opta por agradar a Deus e não a si próprio. Este é um estágio de espiritualidade onde se venceu todos os inimigos internos que combatem contra a perfeita obediência. (Mc. 12:30) Este amor não é mero sentimento humano, mas amor forjado no coração pelo Espírito.

Perfeição Cristã: Ressalta a inteireza do caráter cristão e a posse dos dons espirituais.

Inteira Santificação: Destaca a limpeza de todo o pecado, incluindo a mente carnal ou o pecado inerente; que está unido à estrutura da pessoa.

Amor Perfeito: Ressalta o espírito e a têmpera da vida moral dos inteiramente santificados. Implica libertação completa do egoísmo, devoção total a Deus e amor desinteressado para com todos os seres humanos.

Batismo com o Espírito Santo: Ressalta os meios de graça pelos quais o coração pode ser purificado e repleto do amor divino, capacitando o crente a vencer o pecado.

Contemplação: Forma de oração em que o indivíduo evita ou minimiza o uso de palavras ou imagens para experimentar diretamente a presença de Deus.

Ascetismo: (Gr. Askesis = disciplina) Termo aplicado a uma grande variedade de formas de autodisciplina utilizada pelos cristãos com o objetivo de aprofundar seu conhecimento e compromisso com Deus.

Misticismo: Termo de múltiplos sentidos. No sentido mais importante, o termo se refere à união com Deus visto como objetivo final da vida cristã. Essa união deve ser entendida em termos racionais e intelectuais, porém mais em termos de uma consciência ou experiência direta com Deus.

Maniqueísmo: Uma posição fortemente fatalista identificada com **Maniqueu**, a quem Agostinho de Hipona se associou no princípio de sua trajetória teológica. De acordo com essa visão, existe clara distinção entre duas divindades, uma considerada má; outra, boa. O mal, então, é entendido como resultado da influência do deus mau.

Devotio Moderna: (devoção moderna) Escola de pensamento desenvolvida nos Países Baixos no século XIV, principalmente ligada a Geert Groote (1340-1384) e Thomás à Kempis (1380-1471), que enfatizaram a Imitação da humanidade de Cristo.

Catarse: Processo de limpeza ou purificação por meio do qual o indivíduo se livra de obstáculos para o crescimento e desenvolvimento espirituais.

Hagiografia: Gr. "hagios" = sagrado. Pesquisa, história e biografia dos santos.

Hesicasmo

A palavra **hesiquia**, em grego, traduz-se como sendo um estado de tranquilidade, de paz ou de repouso. Quem a possui encontra-se equilibrado, vive em paz; às vezes cala e guarda silêncio. Recorda a atitude que Platão afirma ser a do autêntico filósofo: mantém-se tranquilo e se ocupa daquilo que lhe é próprio. Também se ajusta às palavras do Livro dos Provérbios: «O homem sensato sabe se calar»; ou ao estilo do solitário de quem disse o Profeta Jeremias «É bom esperar em silêncio a Salvação do Senhor.» (Lm.3:23)

No Novo Testamento, o próprio Cristo disse a seus discípulos; «Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde

de coração, e encontrareis repouso (*hesiquia*) para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve». (Mt 11: 28-29).

Foram os anacoretas os primeiros a se chamarem *hesicastas*. Se a virtude dos *cenobitas* (monges que vivem em comunidades) é a obediência, a dos *hesicastas* (anacoretas ou solitários) é a oração perpétua. A busca da *hesiquia* é tão antiga como a vida monástica.

Filocalia

Já em fins do século XVIII compila-se e traduz-se para o eslavo a *Filocalia* com o que a tradição hesicasta chegará primeiramente à Rússia, e logo à Romênia, e dali a toda à Europa Ortodoxa. A *Filocalia* (termo grego que significa amor ao belo e ao bom) está composta por uma antologia de textos ascéticos e místicos, recopilados por Macário de Corinto e Nicodemo, o Hagiorita. Foi publicada em Veneza, em 1782 e diz-se que ela constitui o breviário do hesicasmo. Sua publicação coincide com o renascimento da fé ortodoxa na Grécia do século XVIII e, ao ser traduzida para o eslavo por Paisy Velichkovsky, e para a língua russa por Ignacio Brianchaninov, em 1857, marcou a renovação do monaquismo oriental.

Quietismo: Concepção místico-religiosa que busca a união do homem com Deus por meio de um estado de passividade “quiete”, e de total submissão da vontade.

APOTÉGMAS

Os Pais do Deserto emitiam sentenças curtas, chamadas apotegmas (do grego, apóphthegma - após + phthéggomai: falar sentenciosamente). São aforismos, ensinamentos que eram transmitidos oralmente como regra prática de vida para os discípulos. Cada um deles para refletir, guardar no coração por algum tempo, até que, através do Espírito Santo, aquela frase, fruto da experiência de um santo homem de Deus, se torne uma fonte de inspiração prática em nossa vida.

JANSENISMO

Foi um movimento religioso, embora político, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas evoluções da Igreja Católica e ao absolutismo real. Tem esse nome por ter sua origem nas idéias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen.

Com o intuito de reformular globalmente a vida cristã, o holandês Cornélio Jansênio (1585-1638) deu início a um movimento que abalou a Igreja Católica durante os séculos XVII e XVIII. Descontente com o exagerado racionalismo dos teólogos escolásticos, Jansênio - doutor em teologia pela universidade de Louvain e bispo de Ypres - uniu-se a Jean Duvergier de Hauranne, futuro abade de Saint-Cyran, que também pretendia o retorno do **catolicismo** à disciplina e à moral religiosa dos primórdios do cristianismo. Os **jansenistas** dedicaram-se particularmente à discussão do problema da graça, buscando nas obras de Santo Agostinho. (354-430) elementos que permitissem conciliar as teses dos partidários da Reforma com a **doutrina católica**.

CENÓBIO – Habitação de monges que vivem em comunidades.

ANACORETA – Ermitão, eremita, solitário.

RELACIONAMENTO: A Chave da Santificação

Leitura: Êxodo 19: 4-5 e 10-11

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de benção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele.” (Efésios 1: 3-4)

A santidade tem a sua origem em Deus. Deidade e santidade estão unidas. Na acepção do termo santidade, estão os conceitos de “Glória”, “Esplendor”, “Beleza”, “Refinamento Moral”, “Amor”, “Isenção de contaminação.”

Quando Isaías contemplou o Senhor em seu alto e sublime trono, logo mencionou a sua glória. (Is.6:3)

Se Deus não fosse perfeito, santo e amoroso, não seríamos despertados para adorá-lo. Se Deus não fosse distinto das obras criadas, não haveria motivo para ser exaltado por nós.

“Não há santo como o Senhor; porque não há outro além de Ti.” (I Sm.2:2)
“Eu sou Deus e não homem, o santo no meio de ti.” (Os.11:9)

Um Deus diferente do homem, transcendente; mas não distante. Santo, mas não isolado, por isso imanente.

Deus criou todos os seres humanos, mas se tornou seletivo. Escolheu Abrão para dele formar um povo.

Podemos acusar Deus de injustiça? Não. O “Lapso” (queda) foi nossa escolha e rejeição de Deus. Toda espécie humana se tornou reprovada. *“Não há um justo sequer.” (Rm.3:10, Rm. 3:23)*

Abrão aceitou o desafio do relacionamento proposto por Deus:
*“Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda na minha presença e sê **perfeito.**”*
(Gn.17:1)

Sobre o povo que vai surgir de Abraão, também pesa o desafio divino:
“Santo sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo.” (Lv.19:2)

Após 430 anos, a partir do ajuntamento dos filhos de Jacó, tirando-os do Egito (símbolo de redenção), Deus lhes outorgou uma **“cartilha de santidade”** moral, civil e ritualística e os ligou a si por um **pacto**.

DEUS – PACTOS – LEI - POVO

O que faria de Israel um povo santo?

- Sua privilegiada posição de escolhido?
- A habitação de Deus no meio deles?
- A Lei e o Pacto? (ainda que a lei oferecesse perdão e santificação)

Nada disto, automaticamente, trazia santidade. O que faria de Israel um povo santo, seria o seu **relacionamento** com Deus. Primeiro relacionamento, depois obediência. Primeiro o vínculo do amor, depois o cumprimento das normas. *“ Se alguém me ama, guardará a minha palavra.” (Jo.14:23)*

O homem é chamado a andar com Deus, conhecer Deus e ser amigo de Deus.

- Agradar a Deus porque Ele é meu amigo e eu O respeito e O amo é a chave da santidade. O mérito não está nos exercícios espirituais, mas na amizade com Deus.

- Cumprir ordenanças, para aplacar o senso de retidão, destituído do genuíno amor a Deus é aprovação por méritos. Isso gera neuroses.

Conhecemos bem a história do jovem rico, zeloso, cumpridor de todas as ordenanças. Mostrava um tremendo esforço pessoal destituído de amor relacional (Lc. 18:18-23).

Outro exemplo de falta de relacionamento amoroso encontramos na família do filho pródigo (Lc15:25-32).

O filho mais novo foi desajustado e desperdiçou os bens da família. O filho mais velho era o “politicamente correto”, trabalhador e não agiu como o outro irmão. Quando o irmão problemático retornou à casa paterna e o pai lhe fez uma festa, o outro irmão chegou do trabalho, se surpreendeu e ficou aborrecido. Eis a sua declaração:

“Pai, há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, este teu filho que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.” (Lc15:29-30).

Este filho nunca havia desfrutado de um pai. Ele possuía um patrão e agia como um empregado responsável.

O pai diz a ele: *“Meu filho, tu sempre estás comigo, tudo o que é meu, é teu..”* Bastava você pegar quantos cabritos quisesse e marcar quantas festas quisesse.

O irmão mais novo, apesar dos erros, foi aperfeiçoado porque se arrependeu e voltou para o pai, ou seja, restaurou o relacionamento.

O irmão que nunca havia transgredido, justificava-se em sua retidão e “se azeudou”. Bloqueou o seu relacionamento com o irmão e com o pai.

Qual deles cresceu em santidade ?

Desde o princípio do mundo, parece-me que Deus tem uma só maneira de tratar com os seres humanos: Trata-os com base na Sua graça que é misericordiosa. S.E. McNair disse:

“A graça forneceu um substituto para Isaque; um cordeiro. Forneceu um libertador para Israel; Moisés e forneceu uma arca para Noé(humanidade): para preservação das espécies.”

Até mesmo quando a “Lei” foi introduzida na Nação de Israel, Deus Não estava mudando a Sua forma de tratar com os homens. A Lei é apenas uma fase disciplinatória. Os que professam amor à Deus, cumprirão os decretos de Deus por amor. A base, que é o relacionamento com Deus, continua intacta.

O elemento VITAL no conceito de santidade **é *pertencer a Deus* !**

“O homem que pertence a Deus deve possuir uma classe especial de natureza, que incluindo ao mesmo tempo pureza externa e interna, ritual e moral, corresponderá à natureza santa de Deus.” Walter Eichrodt

♦ A vida santificada começa no “Novo nascimento”, ou seja, no restabelecimento da comunhão com Deus ou reconciliação.(Rm5:5).
(DEUS SE MUDA PARA A MINHA CASA. (JOÃO 14:23, RM 8:9).

♦ Prossegue no caminhar com Deus – I Co 6: 9-11, II Co 7:1 . Participo da Sua glória e dos Seus sofrimentos. -Col 1:27. É a santidade progressiva.
(ESTABELECE-SE UMA PARCERIA ENTRE O CRENTE E DEUS).

♦ Completa-se a plena santificação na Glória, face a face com Deus.- I Co. 13:12, I Co 15:53-54 , Ap 21:3-4.
(EU ME MUDO PARA A CASA DO PAI CELESTE)

CAMINHAR COM DEUS

Uma expressão do V.T. para a vida de santidade era “Caminhar com Deus” em fidelidade e companheirismo.

- Enoque caminhou com Deus – Gn. 5: 22-24 .Sua forma de vida agradou a Deus e Deus para si o levou. (Hb.11:5)
- Noé andava com Deus – Gn. 6:9
- Jó era um homem reto (perfeito), temente a Deus e que se desviava do mal. (Jó 1:9) Para Satanás, a perfeição de Jó era questão de motivação, um certo amor interesseiro. (Jó 1:9)

Salmodiando a santidade:

O anseio pela vida de santidade, vida devota e piedosa, pode ser visto na literatura sálmica. Exemplos: Salmo **15, 51, 101**, entre outros.

Na vida piedosa do salmista, percebe-se claramente que relacionamento com Deus é sinônimo de vida. Quebra de comunhão é sinônimo de morte. Viver santamente é habitar com Deus, viver no pecado é ser desterrado para um abismo.

Santidade na Literatura Profética:

Os profetas foram homens santos que falaram da parte de Deus, condenaram o pecado e apresentaram o remédio para a cura desta mácula.

Exemplos: **Isaías** compara a mancha do pecado como de uma tinta indelével, a escarlata, e diz:

“Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã.” Is.1:18

Ezequiel – *“Aspergirei água pura sobre vós e ficareis purificados.” (Ez.36:25)* A obra santificadora do Espírito apresenta-se aqui pelo símbolo da água como agente de limpeza. O mesmo símbolo reaparece no Novo Testamento: *“Eu vos batizo com água para arrependimento...” (Mt.3:11)*

Na literatura profética, Deus lamenta a perda da amizade, do relacionamento e da comunhão com o seu povo escolhido, em palavras com estas:

“Vai (Jeremias) e clama aos ouvidos de Jerusalém: Assim diz o Senhor: Lembro-me de ti, da tua afeição quando eras jovem, e do teu amor quando noiva, e de como me seguias no deserto, numa terra em que se não semeia. Então, Israel era consagrado ao Senhor e era as primícias da sua colheita... (Jr. 2:1-3)

“Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas.(2:13)

“Que mudar leviano é esse dos teus caminhos?” (2:36)

Conclusão:

Durante o período vétero testamentário acaba prevalecendo um conceito de santidade localizado na **forma** e não na **essência**. Na organização religiosa e não no organismo vivo, no cumprimento do decreto e não na motivação para o cumprimento do decreto. Na Lei e não no espírito da lei. De cerimônias (sacrifícios) e não no verdadeiro arrependimento. De esforço para o cumprimento do dever, mas com falta de relacionamento amoroso.

A grande massa do povo não se preocupava em agradar a Deus, deixando este aspecto da espiritualidade para alguns homens especiais e especialmente talhados para isso. Daí, temos os líderes nacionais que se supunham possuir vidas santas:

- **O Sacerdote** – Portava vestes específicas que denotavam a santidade. Interpretava as Escrituras e fazia sacrifícios em prol de si mesmo e do povo. Representava o povo diante de Deus.
- **O Profeta** – Um elemento chamado por Deus e que gozava de intimidade com Ele. Tinha a capacidade de ouvir a voz de Deus e a ele também eram dadas revelações, sonhos e visões.(Nm.12:6)
- **O Ancião** – Homem que já havia experimentado as vicissitudes da vida, acumulado experiências e credibilidade junto à comunidade. Estava num estágio de espiritualidade mais elevado do que os mais jovens e podia dar bons conselhos.

Durante 1450 anos o sistema sacerdotal levítico ministrou os meios da graça aos homens. Muitos se fixaram somente na letra da Lei, guardando-a maquinalmente, sem desenvolver comunhão com Deus. Outros nutriram um relacionamento com Deus e também procuraram guardar a Lei.

O sistema da Lei visava produzir santidade, aperfeiçoamento moral, mas mostrou-se ineficaz.

O autor aos Hebreus atesta:

“Portanto, por um lado, se revoga anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a Lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual chegamos a Deus.”(Hb.7:18-19)

*O próximo ato da administração divina da aliança Deus-homem será a mudança de sacerdócio, do levítico para o de Melquisedeque. Muda-se a Lei e a Ética. Ao invés de mera orientação ou instrução exterior, a salvação e ou santificação incluirá uma transformação interior da **natureza** humana. Até agora o homem havia provado a força do preceito, agora conheceriam a força do amor.*

“O amor é um afeto da alma, não um contrato: não pode surgir de mero argumento, nem é assim conquistado.”

O FECHAMENTO DE UMA ERA

*“A Lei e os Profetas duraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o **evangelho do Reino de Deus**, e todo homem se esforça por entrar nele.” (Lc. 16:16)*

Jesus Cristo, o Deus encarnado, é a pessoa que vai fechar esta dispensação chamada da “Lei”, fazendo retornar o que sempre vigorou: A Graça.

“A Lei veio por intermédio de Moisés, a Graça e a Verdade vieram por Jesus Cristo.”(João 1:17) Graça e verdade são os elementos corporativos da Nova Dispensação.

Graça – É aquilo que é dado graciosamente. Grátis.(Gratia) Favor imerecido. Todas as “graças” nada mais são do que formas variadas da bondade de Deus.

Verdade – É personificada. Refere-se ao Espírito Santo que é o “**Espírito da verdade**” (João 16:13) Como pessoa divina, será o esteio da vida do cristão desde a sua reconciliação com Deus. Após a sua ascensão, no pentecostes, a verdade foi enviada para estar com a igreja.

Verdade, perante o mundo, é um substantivo feminino, com diversos significados, mas nem um deles se enquadra nesta definição cristã da verdade.

De Cristo, que é a verdade, emana luz, que o cristão canaliza para viver uma vida santa.

O tempo que antecedeu a vinda de Jesus, contabilizou dois grandes movimentos de santidade: **Os Fariseus e os Essênios**.

Fariseus: (os separados) Último grande esforço de um movimento equivocado de santidade. Era um partido religioso judaico que vivia separado do povo e procurava evitar contato com gentios e com os mortos. Punham grande fervor na observância de 4 pontos de ensinos de apoio à piedade.

- shabbath – A observância do sábado.
- Tsedaká – Mt.6:3-4 – Esmolas
- Teflah – Mt.6:6 – Orações
- Tsom – Mt.6:17-18 – Jejum

Desdobraram a Lei em 613 mandamentos e proibições.

“As origens dos Fariseus remontam ao período da história entre o fim do Antigo Testamento e o início do Novo. A seita se iniciou com homens que tinham um zelo muito grande pela Lei. Eles se resguardavam para ser santos. O objetivo principal da vida deles era buscar a **santidade**. Graduaram-se em santidade.

Se algum grupo deveria ter jogado os chapéus ao ar quando o Santo [Jesus] apareceu em cena, esse deveria ter sido o dos fariseus.

Em função da devoção singular na busca da santidade, os fariseus alcançaram um nível de respeito sem igual, por sua piedade e justiça.

As pessoas lhes conferiam os mais altos louvores. Eram bem-vindos aos lugares de honra nos banquetes. Eram admirados como peritos em religião.

Seus uniformes eram decorados com os emblemas que indicavam sua elevada posição.

Podiam ser vistos praticando suas virtudes em lugares públicos. Jejuavam em locais onde todos pudessem vê-los. Curvavam a cabeça em oração solene nas esquinas das ruas. Davam esmolas substanciosas. Sua santidade era evidente a todos.

No entanto, Jesus chamou-os de hipócritas. Pronunciou contra eles o oráculo profético da condenação: **Ai de vós, escribas e fariseus.** Mt.23:15

Os fariseus não revelavam modéstia. Não havia beleza na sua santidade. Eram exibidos e ostentosos. Sua santidade era uma farsa. Eram hipócritas fingindo ser justos. (Vide Mt.23:2-7, 23:25-28)

Considere alguns epítetos que Jesus utilizou para referir-se aos fariseus: **serpentes! Raça de víboras! Guias cegos! Filhos do inferno! Insensatos!**

Os fariseus detestavam Jesus porque ele os criticava muito. Ninguém gosta de ser censurado, muito menos aqueles que estão acostumados ao louvor... Jesus representava a presença do genuíno em meio ao que é falso. “Sua santidade era autêntica e os falsários não gostavam disso.”
(SPROUL.R.C. A Santidade de Deus. Ed.Cultura Cristã.SP. 1997.pp.72-75)

ESSÊNIOS: Grupo judaico fechado de tipo monástico, na Palestina. (Séc. II a.C. até século II a.D.) Tinham tudo em comum, abstinham-se de sacrifícios de animais e não comiam carne, entre outras coisas.

Obsessão pela pureza e pela disciplina

É possível conhecer o dia-a-dia dos essênios a partir do legado do historiador judeu Flávio Josefo (37-100). Aos 16 anos Josefo recebeu lições de um mestre essênio, com quem viveu durante três anos. Os membros da seita acordavam antes do nascer do sol. Permaneciam em silêncio e faziam suas preces até o momento em que um mestre dividia as tarefas entre eles de acordo com a aptidão de cada um. Trabalhavam durante 5 horas em atividades como o cultivo de vegetais ou o estudo das Escrituras. Terminadas as tarefas, banhavam-se em água fria e vestiam túnicas brancas. Comiam uma refeição em absoluto silêncio, só quebrado pelas orações recitadas pelo sacerdote no início e no fim. Retiravam então a túnica branca, considerada sagrada, e retornavam ao trabalho até o pôr-do-sol. Tomavam outro banho e jantavam com a mesma cerimônia.

Os essênios tinham com o solo uma relação de devoção. Josefo conta que um dos rituais comuns deles consistia em cavar um buraco de cerca de 30 centímetros de profundidade em um lugar isolado dentro do qual se enterravam para relaxar e meditar.

Diferentemente dos demais judeus, a comunidade usava um calendário solar de 364 dias, inspirado no egípcio. O primeiro dia do ano e de cada mês caía sempre em uma quarta-feira, porque de acordo com o Gênesis, o Sol e a Lua foram criados no quarto dia. O calendário diferente trouxe vários problemas para os essênios. Outros judeus poderiam atacar o monastério no shabbath – o dia sagrado reservado ao descanso, no qual era proibido

qualquer esforço, inclusive o de se defender.

A correta observação das regras garantiria a salvação dos essênios quando chegasse o apocalipse, que seria a vitória dos puros “filhos da luz” contra os “filhos das trevas”. No mundo essênio, aliás, tudo era dividido segundo uma visão maniqueísta que tornava possível até mesmo determinar quantas porções de luz e de escuridão cada um possuía.

Graças a essa organização toda, Qumran produzia tudo de que precisava. A dieta era vegetariana. Os essênios tinham um enorme respeito pela natureza. Nenhum homem poderia sujar-se comendo qualquer criatura viva. A regra permitia uma única exceção. Eles podiam comer peixe, desde que fosse aberto vivo e tivesse seu sangue retirado. As refeições eram frugais, com legumes, azeitonas, figos, tâmaras e, principalmente, um tipo muito rústico de pão, que quase não levava fermento. Eles possuíam pomares e hortos irrigados pela água da chuva, que era recolhida em enormes cisternas e servia como bebida. Além dela, as bebidas dos essênios se resumiam ao suco de frutas' e "vinho novo", um extrato de uva levemente fermentado. No shabbath, os sectários deveriam passar o dia inteiro em jejum. Os hábitos alimentares frugais e a vida metódica dos essênios garantiam-lhes uma vida saudável. Segundo Josefo, muitos deles teriam atingido idade extraordinariamente avançada.

Os essênios se vêem como a comunidade da nova aliança, como o resto de Israel, os santos que permanecem fiéis a Deus, certamente inspirados em Jr 31,31-34 , que propõe uma nova aliança, porque o projeto original faliu[62].

Isto é bem claro no Documento de Damasco, que trata das normas a serem seguidas pelos "membros da *nova aliança* na terra de Damasco" (CD VI,19) ou dos "homens que ingressam na *nova aliança* na terra de Damasco" (CD VIII,21).

Na Regra da Comunidade, quando se fala do ingresso no grupo e de seus ideais, é marcante o fato de que os essênios se vejam como os justos, os santos, guiados por Deus, que seguem os preceitos da Lei mosaica. Em contraposição, os outros são os ímpios.

Ver mais sobre os essênios, consultar o link abaixo:

<http://www.airtonjo.com/essenios09.htm#6.%20A%20Teologia%20dos%20Essênios>

"Nós somos justificados, não por causa de nossa obediência à lei, mas para que possamos nos tornar obedientes à lei de Deus."

LEI E GRAÇA

“Existe uma tendência no homem para confundir os princípios da lei com a graça de sorte que nem a Lei, nem a graça, podem ser perfeitamente compreendidas... A Lei mostra o que o homem deveria ser, enquanto a Graça demonstra o que Deus é. Como poderão ser unidas num mesmo sistema? Como poderia o pecador ser salvo por meio de um sistema formado em parte pela Lei e em parte pela graça? Impossível: ele tem de ser salvo por uma ou por outra. A Lei tem sido, às vezes, chamada “A expressão do pensamento de Deus”, mas, esta definição é inteiramente inexata. Se a considerássemos como a expressão daquilo que o homem deveria ser, estaríamos mais perto da verdade. Se eu considerar os dez mandamentos como a expressão do pensamento de Deus, então pergunto: não há nada mais no pensamento de Deus senão “farás isto”, e, “não farás aquilo”? Não há graça, nem misericórdia, nem bondade? Não existe nada mais no coração de Deus senão exigências e proibições severas?

Se fosse assim, teríamos de dizer que “Deus é Lei”, em vez de dizermos que “Deus é Amor”. Porém, bendito seja o seu nome, existe muito mais em seu coração do que jamais poderão expressar os “Dez Mandamentos” pronunciados no monte fumegante.” (MACKINTOSH, C.E. Estudos sobre o Livro de Êxodo. PP.207-208)

O cristão não está sem Lei. Ao vir Jesus e cumprir toda a Lei, Ele nos coloca debaixo da Lei de Cristo. “A Lei do Espírito de vida em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.” (Rm. 8:2) *Em Romanos 7, Paulo diz que a Lei Morreu em Cristo afim de que possamos contrair novas núpcias com Deus, não mais sob a Lei, mas conforme a Lei da Graça, em Cristo. Agora, o pacificador da minha alma é Jesus e não Moisés. Jesus removeu a culpa do meu pecar pela justificação.*

Não apoiamos o espírito judaizante dentro das igrejas evangélicas. Como disse o pastor Glênio Paranaguá, “Você sabe quando está diante de um judaizante por sua preocupação peculiar por seus atos externos e não pelos atos do coração. A força da obediência é a Lei e o comportamento é movido pelo dever ou pelo medo. A legalidade é governada pela pressão do tribunal e a consciência vive em débito com receio de mais castigo. Ele não consegue enxergar o sacrifício de Cristo como suficiente e procura meios para retribuir o preço do pecado pelos méritos humanos”.

ASCESE CRISTÃ

SÉCULO I – SANTIDADE ESTÁ EM CONFLITO COM O MUNDO HELENIZADO E PAGANIZADO.

(Do gr. = Askesis= disciplina, exercícios). **A ascese cristã** é o esforço de domínio dos sentidos, de correção das más tendências e de libertação interior, sendo de grande importância no processo de santificação pessoal, sobretudo na fase inicial. Também se lhe dá o nome de **mortificação**. A Igreja propõe aos fiéis como práticas acéticas **o jejum e a abstinência nos dias penitenciais**. Jesus e os Santos ensinaram, por palavras e exemplos de vida, a prática equilibrada da ascese cristã. A Teologia consagra-lhe uma disciplina própria, a **Teologia Ascética**, indissociável da Teologia Mística, focando, a primeira, as práticas purificadoras e libertadoras de que o cristão movido pela graça tem a iniciativa, e, a segunda, os dons espirituais concedidos gratuitamente pelo Espírito Santo para um avanço mais rápido nos caminhos da santidade. (Enciclopédia Católica Popular)

Ascese é tema árido, mas tem sua importância. Há os que acreditam poder conquistar o céu ao preço de penosas **penitências**. Enganam-se redondamente. Nós, que admiramos a verdadeira Espiritualidade, acreditamos e sabemos que o céu - a outra margem do rio - é graça de Deus, que será dada para os que vivem em sua graça, e não para os que se vangloriam de caminhar sobre as águas. Deus é o barqueiro que nos levará para a outra margem da vida se não tivermos a presunção duma travessia solitária.

Ascese é uma palavra grega que significa simplesmente exercício. Religiosamente, comporta esforços, renúncias e penitências em vista da perfeição. Fazer ascese é exercitar-se para adquirir musculatura espiritual e poder percorrer com maior desenvoltura os caminhos do bem. Fazer ascese não tem nada a ver com a moderna "cultura do corpo", ou o fisiculturismo.

O verdadeiro asceta, por conseguinte, não é necessariamente magro, esquelético, descarnado. Muitas vezes o é, mas não se pode medir o grau de perfeição ou de espiritualidade pelo seu físico, mas antes pela intensidade de vida em prol dos grandes valores humanos e religiosos.

Em relação à ascese, os mestres espirituais sempre apontaram dois extremos a serem evitados: o do **laxismo**, que se caracteriza por um horror a qualquer tipo de renúncia ou sacrifício. O laxo é essencialmente um comodista, que só pensa no próprio prazer. É um egoísta sem grande caráter. Não busca forças para elevar-se, lutar, vencer e atravessar o rio. O segundo perigo é o **rigorismo** que se expressa como violência contra o próprio corpo. O rigorista não se dá descanso, acha que está pecando se sentir algum prazer material e quer atravessar o rio sozinho. Enquanto o primeiro é, via de regra, um glutão satisfeito, o segundo pode fazer-se um penitente carrancudo.

Não é preciso dizer que ambos estão longe do verdadeiro espírito da ascese cristã e dos verdadeiros caminhos da sabedoria humana. O laxo, por ficar aquém do que poderia ser e conseguir, e o rigorista, por perder o bom senso e ir além dele.

A Bíblia não faz a apologia da penitência, mas também não a desconsidera simplesmente. Jesus pregou: "Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga" (Mt 16,24; Mc 8,34; Lc 9,23). São Paulo parece temer as práticas ascéticas como se depreende da Carta aos Colossenses: "*Ninguém, pois, vos critique por causa da comida ou bebida ou em matéria de festa ou de lua nova ou de sábados*" (2,16).

Denuncia o falso ascetismo de certas proibições que "são preceitos e doutrinas dos homens. Têm ares de sabedoria, mas são regras de afetada piedade, humildade e severidade com o corpo; em verdade não têm valor algum, a não ser para a satisfação da carne" (vv. 22-23).

Em contraposição, a tônica da verdadeira Espiritualidade se centra na **consagração** e no **amor** da pessoa a Deus, o que inclui um abandono e uma escolha: "Buscai as coisas do alto e não as da terra" (Cl 3,2) e "mortificai vossos membros terrenos" (v. 5). "Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça" (Mt 6,33). "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho mas não vos preocupais com o mais importante da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade" (Mt 23,23)!

A verdadeira ascese, por isto, mais do que um caminho em direção a si mesmo, comporta uma luta em direção aos outros. Faz-se ascese como forma de consagração e amor. A pessoa se purifica para viver mais desimpedidamente pelos outros. Renuncia a coisas válidas para ser mais irmã e companheira, mas há outras formas de ascese. Na ascese da fé, a pessoa se aceita com seus dolorosos e insuperáveis limites, fraquezas e misérias, dor e desenganos da vida, e com o desfecho da morte, aparentemente o absurdo e total fracasso da vida. Na ascese moral, a pessoa diz sim ao bem e não ao mal, abraçando e renunciando ao mesmo tempo. Na ascese escatológica, a pessoa alimenta uma constante disposição para a partida e uma iluminada vigilância diante da vida em Deus. Para quem é cristão, existe ainda a ascese da cruz, que consiste em abraçar o escândalo do calvário, identificando-se com o Cristo que não afastou o cálice da dor nem fugiu da cruz, fazendo-se obediente à vontade do Pai.

Em consequência, parece claro que fazer ascese não consiste em mortificar simplesmente o corpo, mas em mortificar (fazer morrer) o velho Adão ou o animal que é egoísta, guloso, violento, preguiçoso e cruel em nós. Fazer ascese consiste em renunciar ao eu não intencionado por Deus e não em tentar ser, simplesmente, mais e melhor.

A verdadeira ascese visa a fazer-nos mais livres, levando-nos a viver mais plenamente. Não procura arrancar qualquer erva daninha em nosso jardim espiritual, mas cultivar os frutos e as flores que ele pode, com a graça de Deus, com a ajuda dos irmãos e com a coragem pessoal, produzir.

Brevemente, eis alguns princípios que orientam o verdadeiro caminho da libertação humana:

- 1) A ascese é um meio, somente um meio, embora importante e, ao mesmo tempo, doloroso.
- 2) A ascese tem valor relativo e só é aceitável como serviço de amor e quando leva o penitente a identificar-se com os outros e com o grande Outro.
- 3) O ser humano tem uma natureza ferida pelo pecado e necessita da graça para resgatá-la e da ascese para fortalecer o homem espiritual e interior.
- 4) A ascese religiosa objetiva a purificação do pecador e é a contrapartida humana

devida ao pecado.

5) A ascese não cria méritos para a graça, mas serve de conditio sine qua non (condição necessitante) para ela.

6) A ascese não é um luxo reservado a poucos, mas é um ideário abraçado por quem quer ser grande.

7) A ascese não faz ninguém santo, mas os santos fazem ascese.

Se alguém, por fazer ascese, se fizer triste e azedo, é melhor que não a faça. É preferível e é mais engraçado um comilão feliz a um atleta espiritual emburrado. Um dos frutos da verdadeira ascese é a alegria. Tanto quanto o comilão feliz, o asceta também sabe cantar. E canta. E canta melhor.

por Frei Neylor J. Tonin
site: www.franciscanos.org.br

MONASTICISMO

SÉCULO III - SANTIDADE ESTÁ EM CONFLITO COM O MUNDO
HELENIZADO E COM A IGREJA POLITIZADA.

Os mosteiros eram tidos como centros do cristianismo autêntico, isolados das tentações de poder e riqueza, nos quais se podia buscar a verdadeira vida cristã. Muitas obras de espiritualidade monástica falavam de “desprezar o mundo”, “despojar de riquezas”, e a “busca da salvação”.

*“O monasticismo foi o esforço organizado
mais audaz para alcançar a Perfeição Cristã ao longo de toda a história da
igreja” Dr. R. Newman Flew*

Os monastérios foram tidos como centros do cristianismo autêntico, isolados das tentações de poder e riqueza, nos quais se podia buscar a verdadeira vida cristã. Muitas obras da espiritualidade monástica falavam de “desprezo do mundo”, busca da salvação e do crescimento espiritual.

O monacato, foi produto de sua época e do cristianismo. A palavra *monachós* já existia e denominava, primeiramente, os solitários (*monos* = só) e eremitas (*eremos* = deserto) Daí, temos a palavra “Monastério” (gr.) e a palavra “Mosteiro” (port.) Muitos padres buscavam fora da hierarquia da Igreja o cristianismo puro, sem intermediários entre Deus e o homem. Este modelo de vida ascética atraiu muitos outros que passaram a visitar os chamados “**Padres do Deserto**” e a habitar ao redor deles. Assim se formaram inúmeras comunidades eremitas que se iniciaram com o exemplo e a iniciativa de um anacoreta. O mais famoso nome do anacoretismo é Santo Antônio (**Santo Antão**) , o qual nasceu em Qeman, ao sul de Mênfis no ano de 251, numa

família cristã abastada. Aos vinte anos, órfão, abre mão de sua herança e dedica-se até 365 à prática do asceticismo. Sua vida e obra foram divulgadas por Atanásio, aumentando a influência desses padres no Oriente e no Ocidente, sendo comum peregrinações no deserto para pedir-lhes conselhos, orações e bênçãos.

As origens do monasticismo cristão primitivo não são claramente conhecidas e, portanto, estão sujeitas a controvérsia. Alguns estudiosos crêem que o movimento monástico foi inspirado por ideais comunitários e ascéticos judaicos posteriores, tais como os dos essênios. Ainda outros especulam que a forma **maniquéia** e outras do dualismo inspiraram extremos de ascetismo dentro da família cristã. No entanto, os primeiros comentaristas cristãos sobre o monasticismo acreditavam que o movimento teve origens verdadeiramente no evangelho.

Os monges cristãos obtinham suas forças espirituais da ênfase que Cristo deu à **pobreza** (Mc 10.21) e ao "caminho estreito" para a salvação (Mt 7.14). Os primeiros monges acreditavam que Paulo preferia o **celibato** ao casamento (1 Co 7.8). Realmente, as primeiras freiras parecem ter sido viúvas do período romano posterior que resolveram não se casar de novo. De certo ponto de vista, a decisão de alguns cristãos de viverem separados da comunidade, tanto física quanto espiritualmente, era lastimável. Doutro ponto de vista, a dedicação e o serviço dos monges fizeram deles as pessoas mais estimadas na sociedade medieval antiga.

Pobreza Voluntária e Celibato – Se tornaram o alicerce do monasticismo e ascetismo cristão. *“Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu.” (Mt. 19:21) O conceito do celibato se apóia no voto voluntário de Paulo. (1 Co. 7:8)*

Fundo Ideológico: A vida física é intrinsecamente má. A vida de contemplação é superior à vida de ação.

Os primeiros monges a respeito dos quais temos um histórico claro representam uma fase extrema da evolução do monasticismo. São os chamados **pais do deserto**, que viveram como eremitas nos desertos do Egito, Síria e Palestina. Horrorizados pelo pecado e temerosos da condenação eterna, deixavam as cidades para enfrentar a luta solitária contra a tentação. Alguns, tais como **Simeão Estilita**, levavam vidas muito exóticas e se tornaram atrações turísticas. Existiram várias formas de ascetes e ascetas. Os **pastadores** (consistindo em alimentar-se de ervas, raízes, até mesmo em caminhar de quatro e viver «como um bicho»), dos **estilitas e dos dentritas** (que viviam sobre colunas ou sobre árvores) e dos **estacionários**, que permaneciam imóveis, no meio da multidão, sem se mexer, sem falar, sem sequer erguer os olhos. O asceta torna-se, então, uma espécie de estátua humana.

Mais típico, no entanto, foi **Antônio do Egito** (c. de 250-356), cuja dedicação à doutrina da salvação o levou de volta à comunidade, a fim de evangelizar os descrentes. Seu ascetismo extremo tocou profundamente os sentimentos de sua época.

A palavra "**monge**" deriva de uma palavra grega que significa "**sozinho**". A questão para os pais do deserto era de luta solitária e individual contra o diabo, em contraste com o apoio óbvio resultante da vida em algum tipo de comunidade. **Pacômico (c. de 290-346)**, um monge egípcio, preferiu esse segundo tipo. Escreveu uma regra de vida para os monges, onde enfatizou a organização e a disciplina dos recém-professos pelos monges mais antigos. A regra se tornou popular, e assim foi garantido o movimento em direção à vida comunitária. **Basílio Magno (c. de 330-79)** acrescentou outro elemento à idéia de comunidade. Nos seus escritos, e especialmente em seus

comentários sobre as Escrituras, este pai do monasticismo oriental definiu uma teoria de **humanismo cristão** que considerava obrigatória para os mosteiros. Segundo Basílio, os monges eram obrigados a considerar o seu dever diante de toda a sociedade cristã. Deviam cuidar dos órfãos, alimentar os pobres, sustentar hospitais, educar crianças e, até mesmo fornecer trabalho aos desempregados.

Agostinho(354-430) pôs as coisas no lugar ao colocar a Graça no centro da soteriologia. A maior resistência, na época, a esta doutrina, veio de dentro dos mosteiros.

Do século IV ao século X, o monasticismo espalhou-se por todo o mundo cristão. O seu ideal floresceu da Ásia Menor à Bretanha. Os monges celtas, no entanto, tendiam a esposar a antiga tradição eremita, ao passo que o monasticismo latino, submisso a Grande Regra de Benedito de Núrsia (c. de 480 - c. de 547), codificou-se numa forma comunitária organizada permanente. As promessas antigas de pobreza, castidade e obediência a Cristo os beneditinos acrescentaram a estabilidade. Os monges já não podiam perambular de mosteiro em mosteiro, mas eram ligados a um só deles durante toda a sua vida. A essência da regra de Benedito é seu enfoque sensato do viver cristão. Ele proibiu excessos e forneceu conselhos práticos para todos aspectos da vida monástica; ofereceu uma descrição detalhada do papel de cada pessoa na comunidade, desde o abade, que representava Cristo na comunidade, até o postulante de categoria inferior. Por essa razão, a regra beneditina veio a ser o padrão na Europa ocidental. Devido à sua devoção à regra os monges vieram a ser conhecidos como clérigos "**regulares**", com base na palavra latina regula, "regra".

A grande obra dos mosteiros da Idade Média foi a **Opus Dei**. A obra de Deus: a oração e o louvor dirigidos ao Onipotente durante dia e noite. Esta "obra" era organizada nos ofícios do dia monástico que, em certa medida, variavam segundo a localidade e a estação, mas geralmente incluía vigílias e trabalhos físicos pelos monges e freiras, prestação de serviços de caridade e mantinham viva a erudição. Estudavam e copiavam as Escrituras e os escritos dos Pais da Igreja bem como a filosofia e a literatura clássica. Nas mãos dos monges, o ato de escrever tornou-se uma arte. Os mosteiros tiveram o monopólio da educação até a evolução da escola da catedral e da universidade na Alta Idade Média.

Já em 1100 o monasticismo estava numa **posição defensiva**. Já não ficava claro que o serviço monástico prestado a Deus e à sociedade estava à altura do louvor e das ofertas que a sociedade abundantemente prestara aos mosteiros. Grandes doações de terras e outras formas de riqueza tornaram os monges ricos num período em que outras instituições medievais estavam assumindo os deveres sociais que anteriormente eram responsabilidade dos mosteiros. A popularidade dos mosteiros estava atraindo candidatos não muito devotos, e a aristocracia usava as grandes casas como repositório para moças solteiras e filhos mais jovens.

Contudo, justamente quando o monasticismo se aproximava da sua crise, apareceram **novas ordens de reforma**. Os **cistercienses**, sob seu líder mais influente **Bernardo de Claraval**, procuravam uma nova vida de pureza evangélica. Restringiram a filiação a pessoas adultas, simplificaram os cultos, abandonaram todas as obrigações feudais e tentaram restaurar a vida contemplativa. Os **cartusianos** procuraram recobrar o antigo espírito eremita dos pais do deserto. Retraíram-se da sociedade e tornaram-se um aspecto importante da frente medieval, derrubando florestas a abrindo novas terras para a agricultura. Seu papel na evolução da criação de ovelhas e na indústria madeireira foi de valor incalculável.

Talvez o último grande reavivamento do espírito monástico tenha chegado no outono

da Idade Média, com o aparecimento das **ordens mendicantes**. Os **dominicanos e franciscanos** captaram a imaginação coletiva de uma sociedade em crise. **Francisco de Assis** representou a perfeição do idealismo monástico e cristão em seu esforço de imitar a vida de Cristo em toda sua simplicidade e pureza. Ao levar o ideal apostólico para fora do mosteiro, Francisco lhe deu um último florescimento na cultura que o originara.

Na história moderna, o monasticismo sofreu três grandes golpes: **a Reforma, o Iluminismo, e o secularismo do século XX**. Em geral, os líderes da Reforma acreditavam que os monges não se conformavam realmente com uma regra de vida simples e evangélica, que as repetições de suas orações, jejuns e cerimônias não faziam sentido, e que eles mesmos não tinham valor algum para sociedade. As vastas riquezas que tinham acumulado pareceriam mais bem investidas no atendimento às necessidades gerais do público. Aqueles monges que realmente tinham cumprido seus votos eram considerados cortados da verdadeira liberdade cristã em vidas que eram fúteis e não-realizadas. Sempre onde a Reforma triunfava, os mosteiros eram desativados.

Em termos diferentes, o Iluminismo do século XVIII também argumentou que os mosteiros eram inúteis. Os liberais os consideravam corruptos e desnaturados, conservando a superstição do regime antigo. O século XX tem testemunhado o declínio rápido das ordens religiosas.

Thiago A. Siqueira

BIBLIOGRAFIA - <http://www.elocristao.com.br/ecveart.aspx?idArtigo=263>

IEWELL, WALTER A. - Enciclopédia Histórico - Teológica da Igreja Cristã - Vol. II (E-M). 1ª Edição - São Paulo, SP. Editora Vida Nova, 1990.

Um pouco mais sobre o Monasticismo

Indubitavelmente, cada monge, chamado para um tipo mais elevado de vida cristã, buscava a Perfeição Cristã. Alguns estavam convencidos de que a vida física era má. (O corpo físico como algo pecaminoso em si era uma tendência helenística e não das Escrituras) Outros, perseguiam o ideal da contemplação como algo superior à vida cristã comum.

Para chegar a ser perfeito, deve-se renunciar ao mundo, lutar contra a carne e travar combate contra as vontades pecaminosas. O extremo da perfeição é a oração incessante, caridade, carregar a cruz e abrir mão de todas as posses.

Quando a igreja se uniu ao Império e tornou-se a igreja dos poderosos, houve muitos que, sem abandoná-la, se separaram dela para levar uma vida de renúncia especial. O ideal monástico se propagou do Oriente de fala grega até o Ocidente de fala latina, na verdade, naquela época, o monasticismo ainda era um fenômeno principalmente oriental, cujos centros mais importantes eram Egito, Síria e, algum tempo mais tarde, Capadócia. Os monges que existiam no Ocidente somente imitavam o que tinham aprendido, ou ouvido, dos monges do Oriente.

O monasticismo oriental, todavia, não se adaptava de todo à Europa Ocidental. Além das diferenças de clima, que impediam que os monges ocidentais levassem a mesma vida que levavam os do Egito, havia diferenças significativas na maneira de encarar a vida cristã e a função do monasticismo nela.

A primeira dessas diferenças provinha do espírito prático que os romanos tinham deixado como seu legado à igreja ocidental. O cristianismo latino não via com bons olhos os excessos da vida ascética dos **anacoretas** do Oriente. O propósito da vida **ascética**, assim como de qualquer exercício atlético, não é destruir o corpo, porém fazer com que ele seja cada vez mais capaz de enfrentar todos os tipos de provas. Por isso, o Ocidente não via com aprovação o jejum até o desfalecimento, ou a falta de dormir, só para castigar o corpo.

Além disso, como parte deste espírito prático, boa parte do monasticismo ocidental tinha o propósito de levar a cabo a obra de Deus, e não só de conseguir a própria salvação. Muitos monges do Ocidente usaram a disciplina monástica como um modo de se preparar para a obra missionária. Exemplo disto são **Columbano e Agostinho**, e houve milhares de monges que seguiram o caminho traçado por eles. Outros monges ocidentais lutavam contra as injustiças e os crimes do seu tempo.

Outra diferença entre o monasticismo grego e o latino é que este último nunca sentiu a enorme atração pela vida solitária que dominou boa parte do monasticismo oriental. Apesar de haver no Ocidente alguns eremitões solitários, e de alguns dos mais famosos monges ocidentais praticarem por algum tempo este tipo de vida, grosso modo, o ideal do monasticismo ocidental foi a vida em comunidade.

Por último, o monasticismo ocidental poucas vezes viveu a tensão constante com a igreja hierárquica que caracterizou o monasticismo oriental, principalmente nos primeiros tempos.

Até os dias de hoje o monasticismo segue seu próprio rumo nas igrejas orientais, prestando pouca atenção à vida da igreja em geral, a não ser quando algum monge é chamado para ser bispo. No Ocidente, ao contrário, a relação entre o monasticismo e a igreja hierárquica sempre tem sido estreita. A não ser nos momentos em que a corrupção extrema da hierarquia levava os monges a reformá-la, o monasticismo foi sempre o braço direito da hierarquia eclesiástica. Em mais de uma ocasião os monges reformaram a hierarquia, ou a hierarquia reformou o monasticismo decadente.

De certo modo o monasticismo ocidental encontrou seu fundador em **Benedito de Núrsia**. Antes dele, houve muitos monges da igreja ocidental, porém somente ele conseguiu dar ao monasticismo latino o seu próprio sabor, de tal modo que depois dele o monasticismo não foi mais algo importado do Oriente grego, mas uma planta da própria terra.

PIONEIROS DO MONASTICISMO

O termo, **Padres do Deserto** inclui um grupo influente de eremitas e cenobitas (monge que vive em comunidade) do século IV que se estabeleceram nos ermos do Egito, Síria e palestina.

Paulo de Tebas é o primeiro **eremita** do qual se tem notícia, a estabelecer a tradição do ascetismo e contemplação monástica e **Pacômio de Tebaida** é considerado o fundador do cenobitismo, do monasticismo primitivo.

Ao final do terceiro século, contudo, o venerado **Antão** do Egito oriental estabelece colônias de eremitas na região central. Logo, ele se torna o protótipo do recluso e do herói religioso para a Igreja oriental - uma fama devida em grande parte à vasta louvação na biografia de Atanásio sobre ele.

Esses primitivos monásticos atraíram um grande número de seguidores aos seus retiros austeros, através da influência de sua vida simples, individualista, severa e concentrada busca pela salvação e união com Deus. Os Padres do Deserto eram freqüentemente solicitados para direção espiritual e conselho aos seus discípulos. Suas respostas foram gravadas e colecionadas num trabalho chamado "Paraíso" ou "Apotégmas dos Padres". (Por Emily K. C. Strand, tradução Jandira)

A partir do século IV, o ideal de santidade monástico vivido nos mosteiros se espalha por todo o mundo cristão, atingindo a Ásia e Bretanha com os monges celtas.

Esse movimento vai até o ano 1100, quando então o monasticismo entra em crise. Surgem novos líderes, novos pensadores e novos movimentos de revitalização e tentativa de reforma da Igreja. Um sentimento é certo: É preciso resgatar a espiritualidade perdida.

*Apotégmas Osmar Ludovico

Os séculos IV e V testemunharam um movimento de grande vitalidade espiritual. Muitos homens e mulheres, inconformados com os descaminhos da igreja constantiniana, mudaram-se para regiões remotas do Egito, onde viveram como eremitas ou em pequenas comunidades.

O movimento dos Pais do Deserto nos legou um dos maiores acervos de literatura espiritual da História. Homens como Antão, Macário Atanásio, João Cassiano, Doroteu de Gaza, Jerônimo, Agostinho, João Crisóstomo, entre outros, continuam atuais em seus ensinamentos.

Os Pais do Deserto emitiam sentenças curtas, chamadas apotegmas (do grego, apóphthegma - apó + phthéggomai: falar sentenciosamente). São aforismos, ensinamentos que

eram transmitidos oralmente como regra prática de vida para os discípulos. Cada um deles para refletir, guardar no coração por algum tempo, até que, através do Espírito Santo, aquela frase, fruto da experiência de um santo homem de Deus, se torne uma fonte de inspiração prática em nossa vida.

Os apotegmas surgem como fruto de uma vida piedosa e a partir da experiência da oração e leitura meditativa das Escrituras. Foram, portanto, testadas na vida dos santos, diferem dos jargões religiosos sem significado ou de teologias teóricas que não tocam a vida. São como pequenas pérolas que um diretor espiritual entrega ao seu dirigido. Meditando no apotegma, o discípulo aprende a resistir às tentações e aos vícios, bem como a praticar a virtude e as boas obras. Apotegmas são sentenças existenciais que inspiram um estilo de vida parecido com o de Jesus de Nazaré.

Passados quase dezoito séculos, reúno alguns apotegmas que recolhi nestes anos de ministério, alguns que ouvi de outros mestres contemporâneos e outros de inspiração pessoal:

Felizes os sem agenda, eles terão tempo de se relacionar com afeto e significado.

Felizes os inseguros, pois eles colocarão sua confiança no Senhor.

Com a graça, todos os recomeços são possíveis.

O fruto do arrependimento é salvação na terra e festa no céu.

É a fragilidade humana que pode encontrar o poder de Deus.

Felizes os tolerantes, pois eles terão muitos amigos e poucos inimigos.

“Penso, logo, existo”, disse Descartes, “consumo, logo, existo”, diz o homem moderno. O cristão diz: “Amo, logo, existo.”

Agitação e correria não deixam espaço para a paz que excede todo entendimento.

A graça é de graça, todo o resto está à venda, ou seja, tem um preço a pagar.

Bem-aventurados os que não sabem, pois eles poderão perguntar e aprender.

Quando estou feliz canto louvores; quando estou triste, canto lamentos, ó meu Senhor.

A verdadeira espiritualidade não nos torna mais espirituais, porém mais humanos.

Os frutos de quem ama a Deus são: amizade e boas obras.
Sofremos e o Senhor nos consola; e, consolados, tornamo-nos consoladores de outros que sofrem.

Ando pelo caminho, me perco do caminho, e o Caminho me reencontra e me conduz de volta.

Felizes os que falam pouco, pois eles ouvirão mais e serão melhor ouvidos.

A verdadeira liberdade consiste em conhecer e respeitar os limites.

O sagrado e a beleza se parecem, diante de ambos nos extasiamos.

A Trindade nos introduz a um princípio ético na relação: mesma dignidade, mesmo valor, mesma respeitabilidade, mesma liberdade.

Quanto mais funda a ferida, mais fundo penetram a graça e o consolo de Deus.

O olhar de Deus é um olhar de misericórdia e compaixão, e não de cobrança e crítica.

Dois graves erros: na luz ter a ilusão de que não existem trevas, e, nas trevas, duvidar de que existe luz.

São três os requisitos para um relacionamento humano profundo: amor, humor e sabor (à mesa).

Perdão gera reconciliação e reconciliação gera paz.

O verdadeiro amor consiste em solidariedade com os que têm menos.

Sob o olhar amoroso de Deus, posso admitir minhas faltas, reconhecer minhas mazelas e confessar meus pecados.

A alma progride não pelo pensamento, mas pelo afeto.

Uma coisa almejo no meu coração: a amizade, com Deus e também com meus semelhantes.

O olhar de Cristo sempre contempla os pequenos e os humildes, é entre eles que quero estar.

Somos todos chamados a ser profetas para resistir ao mal e à injustiça.

Osmar Ludovico é um dos pastores da Comunidade de Cristo, em Curitiba (PR), e trabalha com grupos de espiritualidade, casais e restauração

MONGES QUE SE DESTACARAM

PAULO DE TEBAS(228-340 d.C)

Paulo nasceu no ano 228, em Tebaia, uma região próxima do rio Nilo, no Egito, cuja capital era Tebas. Foi educado pelos pais que eram da nobreza e cristãos. Porém aos catorze anos ficou órfão. Era bondoso, piedoso e amava a sua fé. Em 250 começou a perseguição do imperador Décio. Foi uma perseguição curta, mas dura e contundente, porque ordenava aos cristãos que renegassem a fé e participassem dos ritos pagãos, como sinal de lealdade ao Estado. Quem aceitasse podia viver tranqüilo. Muitos aceitavam, para salvar a vida. Paulo não rendeu homenagens aos deuses, preferiu se esconder, mostrando prudência.

Porém, foi denunciado e fugiu para o deserto. Lá, encontrou umas cavernas onde, séculos atrás, os escravos da rainha Cleópatra fabricavam moedas. Escolheu uma, perto de uma fonte de água e de umas palmeiras, para ser sua moradia. Com as folhas da palmeira fazia a roupa. Os frutos eram seu alimento. E a água da fonte sua bebida.

Em 251 o imperador Décio morreu num combate e a perseguição cessou. Mas, Paulo nunca mais voltou. O deserto, a solidão e a proximidade com Deus o haviam conquistado. Sentiu que sua missão era ajudar o mundo não com negócios e palavras, mas com penitências e orações, para a conversão dos pecadores. Disse São Jerônimo que quando a palmeira não tinha frutos, vinha um corvo trazendo meio pão no bico e com isso vivia o santo monge.

Depois de muitos anos, foi descoberto por Antonio do Deserto, ou Antão, o qual foi avisado em sonho, que no deserto existia um monge mais velho do que ele. Paulo estava na caverna, quando se encontraram. Conversavam sobre assuntos espirituais, quando um corvo pousou carregando no bico a ração dobrada: um pão inteiro. Paulo, então, contou a ele sua vida e a experiência dos noventa anos de solidão no deserto. Depois rezaram a noite toda. Pela manhã, Paulo pediu que Antonio fosse buscar o manto que recebera de Atanásio, pois pressentiu que seu fim estava próximo. Antonio ficou emocionado, porque nada havia contado sobre o manto, que ganhara do discípulo. Partiu e quando voltou, não o encontrou mais.

Envolto em mistério e encantamento, ao que tudo indica, Paulo morreu com cento e doze anos em 340, sozinho e em lugar ignorado. Foi um santo singular: não deixou escritos ou palavras memoráveis. Segundo a tradição, no século VI, foi erguido no Egito um mosteiro, em frente ao Monte Sinai, que conserva a sua antiga morada na caverna. Nada mais temos que se ligue, materialmente, a este monge do silêncio, também conhecido como: Paulo de Tebas.

Santo Antão (251-356 d.C)

Formou seus primeiros discípulos, que decidiram renunciar ao mundo e se agrupar em torno dele. Desta época - que podemos situar aproximadamente em 305 - data de fundação da primeira comunidade cristã no Egito. Ainda não é um mosteiro, mas, no máximo, um agrupamento de anacoretas, submetidos a uma ascese e a um modo de vida relativamente livre. Esta primeira comunidade, Antão a estabelecera às margens do Nilo, não longe da fortaleza de Pispir, perto da atual aldeia de Deir-el-Maimum.

Santo Antão, portanto, é o fundador da vida monástica primitiva individual. Faleceu no dia 17 de janeiro de 356, com 105 anos.

Pacômio (290.- 364 d.C) Ex-soldado – Instituiu o monastério cristão

Pacômio marca uma importante mudança na solitária vida monástica, a mudança para a vida comunitária. Em vez de permitir que os monges vivessem sozinhos ou em grupos de ermitões, cada um determinando suas próprias leis, Pacômio estabeleceu uma vida em comum regrada, na qual os monges comiam, trabalhavam e adoravam. Seu programa determinava horários de trabalho manual, vestimenta uniformizada e disciplina rígida. O movimento recebeu o nome de “monasticismo cenobítico (vida comunitária). Estas modificações melhoraram muito a vida de eremita com seus perigos de ociosidade e excentricidade. Tornaram a vida monástica facial para as mulheres, para quem a vida em isolamento era impossível. A partir desse início no Egito, o movimento ascético cóptico espalhou-se pela Síria, Ásia Menor e depois Oeste da Europa. (SHELLEY, Bruce L. História do Cristianismo. Shedd Public. PP. 134-135)

A obra de Pacômio foi estupenda. Sete mil monges estavam sob seu controle direto no Egito e na Síria. Todos eram tomados por uma profunda simplicidade, obediência e devoção. Pacômio tinha o dom da “Administração” e sua obra serve de exemplo até hoje.

Martinho de Tours (316- 397 d.C.)

«Martinho de Tours (São) -Bispo de Tours (n. actual Szombatkely, Hungria, 316 ou 317- m. Candes, França, 8.11.397).

Filho de um oficial do exército romano e nascido num posto militar fronteiriço, após estudos humanísticos, em Pavia, aos 16 anos entrou para o exército quando já a sua vontade o inclinava a fazer-se monge (aos 10 anos inscrevera-se como catecúmeno). Em breve ganhou fama de taumaturgo.

Em Amiens, provavelmente em 338, durante uma ronda noturna no rigor do Inverno encontrou um pobre seminu: não tendo à mão dinheiro para lhe valer, com a espada dividiu ao meio o se manto, que repartiu com o desconhecido.

Na noite seguinte, em sonhos, viu Jesus, que disse:

"Martinho, apesar de somente catecúmeno, cobriu-me com a sua capa."

Recebeu o batismo na Páscoa de 339, continuando como oficial da guarda imperial até aos 40 anos. Abandonando a vida castrense, foi ter com Sto. Hilário de Poitiers, que lhe conferiu ordens sacras e lhe deu possibilidade de levar vida monástica: nasceu, assim, o famoso Mosteiro de Ligugé. Eleito, por aclamação, bispo de Tours, foi sagrado provavelmente a 4.7.371.

Ardente propagador de fé, fundou, em Marmoutier, um mosteiro donde saíram notáveis missionários e reformadores. Demoliu templos pagãos e levantou mosteiros como sustentáculos da evangelização. Humilde e pacífico, manteve a sua independência perante o abuso da autoridade civil.

O fascínio das suas virtudes radicadas na generosidade do seu zelo, na nobreza de caráter e, sobretudo, na sua bondade ilimitada mantida para além da morte na prodigalidade dos seus milagres, magnificamente descritas pelo seu discípulo Sulpício Severo, fez com que S. M. T. fosse durante muitos séculos o santo mais popular da Europa Ocidental.

Para referir este artigo

Oliveira, Alves de- "Martinho de Tours (São)", *Enciclopédia Luso- Brasileira de Cultura*, vol. 13 (Editorial Verbo)

Basílio Magno – (330- 379 d.C.)

Cerca do ano 330, em Cesaréia, na Capadócia, nasceu Basílio. Sua família era nobre e rica, mas, sobretudo brilhava pela reputação cristã de virtude e zelo. Seu pai, Basílio, exerceu com grande competência a profissão de advogado em Neocesaréia. Sua mãe, Emília, uma Capadócia, era filha de um mártir e irmã de um bispo. Basílio foi um dos dez filhos nascidos deste consórcio; Gregório de Nissa e Pedro de Sebaste, seus irmãos, se tornaram bispos; Macrina, sua irmã, cognominada a Jovem (por oposição à avó, Macrina, a Antiga), retirou-se com a mãe para a solidão e aí vivendo a vida monacal procuravam a Deus, após a morte do pai.

Decorria logicamente de tal ambiente de família a sua formação cristã e bíblica. Basílio veio a conhecer quase de cor a Bíblia, que amava profundamente; era-lhe o livro por excelência.

Iniciado em Neocesaréia, por seu pai, nos rudimentos da ciência humana, chegou à idade de freqüentar as escolas; primeiramente em Cesaréia, onde conheceu seu compatriota e futuro amigo Gregório, mais tarde bispo de Nazianzo; em seguida, em Constantinopla ouviu os sofistas e os filósofos (Libânio, por exemplo); depois, já com mais de vinte anos, acompanhou os brilhantes cursos da tradição helenística, em Atenas, que, apesar de decadente política e economicamente, continuava a capital da eloquência e atração para todos os jovens desejosos de se celebrizarem. Aí estreitou sua amizade com Gregório, animados ambos pelo mesmo zelo no estudo e na fidelidade a Cristo e à Igreja. São Gregório Nazianzeno nos descreve São Basílio estudante, contando com que esforço, interesse e entusiasmo aplicava seus dotes de inteligência e memória não só à gramática, à história, à métrica e à poesia, mas também à retórica e a todos os ramos da Filosofia, à astronomia, à geometria, à aritmética. Sempre com o equilíbrio que o caracterizara. Aprendeu também da medicina tudo o que possui um cunho doutrinal e filosófico. Basílio e Gregório puseram tudo em comum e se entretiveram freqüentemente sobre a «filosofia cristã», como então se chamava a vida de renúncia e ascese.

Antes, porém de abraçar a vida monástica, São Basílio decidiu conhecer a vida monacal visitando os célebres mosteiros do Egito, da Palestina, da Síria e da Mesopotâmia, entretendo-se com os mais reputados eremitas da época.

Essa viagem encheu-o de santo entusiasmo: «Admirei», escreverá mais tarde, «a vida destes homens que demonstravam carregar realmente a morte de Jesus Cristo em seu corpo, e aspirei imitá-los tanto quanto possível.» Voltando de sua viagem monástica, entregou-se à vida ascética.

Renunciou às riquezas, honras, à sua posição social eminente, à sua reputação já notória de eloquência e cultura. Vendeu seus bens, deu o dinheiro apurado aos pobres, e retirou-se para a solidão com seus companheiros, perto de Anesói, no vale do Íris, na margem oposta àquela em que sua mãe e sua irmã viviam. Oração, reflexão e estudo alternando-se com o trabalho no campo, eis a vida nova de Basílio

Instado por Anfíloquio, bispo de Icônio, na Licaônia, e por muitos outros discípulos e admiradores, desejosos de terem por escrito o que Basílio expunha tão admiravelmente em suas homilias, preces e conferências, decidiu ele escrever o «Tratado sobre o Espírito Santo»; era o dia 7 de setembro de 374.

No entanto, sua influência sempre crescente, ciência e eloquência não permitiriam que Basílio ficasse por muito tempo em sua comunidade monástica. Foi o que aconteceu: Eusébio, eleito bispo ainda catecúmeno, embora piedoso e rico, não tinha experiência teológica; julgando-se pouco capaz para o governo de uma diocese, teve a sábia idéia de chamar Basílio para junto de si, conferindo-lhe a ordenação sacerdotal e fazendo-o seu conselheiro.

Com a morte de Eusébio em 370, Basílio foi eleito para sucedê-lo, não sem oposição da parte de alguns prelados. Tudo o que o habilitava para assumir o pesado cargo de bispo de Cesaréia e metropolita da província da Capadócia.

Não abandonou, entretanto, as comunidades monásticas do Ponto. Fez vir monges a Cesaréia e colocou a serviço da Igreja.

Em Cesaréia edificou num terreno, um grande hospital, que logo toma as proporções de uma cidade, chamada por seu nome, Basíliada, a qual compreende, além do hospital, uma escola de artes e ofícios, um orfanato, uma hospedaria, e um leprosário.

Escrevia: «A quem fiz justiça conservando o que é meu? Diga-me, sinceramente, o que lhe pertence? De quem o recebeu? Se cada um se contentasse com o necessário e desse aos pobres o supérfluo, não haveria nem ricos nem pobres.»

São Basílio, o grande Doutor da Igreja morreu no dia 1º de janeiro de 379 com 49 anos de idade. Considerado por todos o Apóstolo de Caridade.

GREGÓRIO DE NISSA (335- ?) Bispo de Nazianzo

Nasceu por volta do ano 335; sua formação cristã foi atendida particularmente por seu irmão Basílio, definido por ele como «pai e mestre» e por sua irmã Macrina. Em seus estudos, gostava particularmente da filosofia e da retórica. Em um primeiro momento, ele se dedicou ao ensino e se casou. Depois, como seu irmão e sua irmã, entregou-se

totalmente à vida ascética. Mais tarde, foi eleito bispo de Nisa, convertendo-se em pastor zeloso, conquistando a estima da comunidade. Acusado de malversações econômicas por seus adversários hereges, teve de abandonar brevemente sua sede episcopal, mas depois regressou triunfantemente e continuou comprometendo-se na luta por defender a autêntica fé.

Após a morte de Basílio, recolhendo sua herança espiritual, cooperou, sobretudo, no triunfo da ortodoxia. Participou de vários sínodos; procurou dirimir os enfrentamentos entre as Igrejas; participou na reorganização eclesiástica e, como «coluna da ortodoxia», foi um dos protagonistas do Concílio de Constantinopla do ano 381, que definiu a divindade do Espírito Santo.

Teve vários encargos oficiais por parte do imperador Teodósio, pronunciou importantes homilias e discursos fúnebres, compôs várias obras teológicas. No ano 394 voltou a participar de um sínodo que se celebrou em Constantinopla. Desconhece-se a data de sua morte.

Escreveu entre outros, dois tratados intitulados: "O Que Significa que Alguém se Chame Cristão", e "Sobre a Perfeição". Sendo o tema de Gregório o da **imitação de Cristo**, ele expõe com rigor o compromisso do crente de participar da vida de Cristo, imitá-lo e reproduzi-lo. Numa época de mudanças, onde o cristianismo passou de religião não lícita para religião Oficial do Império, Gregório reclamava: "Antes os cristãos entregavam sua vida pela verdade; agora lutam entre si para garantir privilégios."

"Os postos principais são obtidos pela prática do mal, não pela virtude; e a posição de Bispo não pertence ao mais digno, mas ao mais poderoso."

Macário o egípcio (ou "velho Macário") (300-390 d.C.)

Um dos mais solitários do cristianismo primitivo. Ele era discípulo de Santo Antão e fundador de uma comunidade monástica no deserto. Através da influência de Santo Antão, deixou o mundo aos 30 anos, e dez anos depois foi ordenado sacerdote. A fama da sua santidade atraiu muitos seguidores. Teve residência nos desertos de Nitri e foi do tipo semi eremita. Os monges não estavam vinculados a qualquer regra fixa, e suas células estavam próximos umas das outras. Reuniam-se para o Culto Divino, aos Sábados e Domingos apenas. Em uma comunidade onde seus membros estavam lutando para se destacar na **mortificação e renúncia**, a proeminência de Macário era geralmente reconhecida. Monastérios no deserto da Líbia continuam a ostentar o nome de Macário. Cinquenta homilias foram preservadas com seu nome.

"É surpreendente que Macário seja tão pouco conhecido, embora suas homilias tenham produzido tanta influência na história da perfeição Cristã. William Law admirou essa obra e John Wesley publicou extratos dela no primeiro volume de sua "Biblioteca

Cristã” – uma série de livros desenvolvidos para que os primeiros metodistas se nutrissem dos melhores ensinamentos dos santos.

Macário ensinou que, na sua perfeição original, o homem estava vestido com a glória de Deus como se fosse uma túnica. O pecado o havia feito perder esta glória, mas agora ela era restaurada aos santos.” (GREATHOUSE, William M. Dos Apóstolos a Wesley. CNP. 2000. p.54)

Jerônimo (340_ 420 d.C.) padroeiro dos estudos bíblicos

São Jerônimo é contado entre os maiores Doutores da Igreja dos primeiros séculos, é o pioneiro da erudição monástica. De cultura enciclopédica, foi escritor, filósofo, teólogo, retórico, gramático, dialético, historiador, exegeta e doutor como ninguém, nas Sagradas Escrituras. Jerônimo nasceu na Dalmácia, hoje Croácia, por volta do ano 340.

Tendo herdado dos pais pequena fortuna, aproveitou para realizar sua vocação de amante dos estudos. Para este fim, viajou para Roma, onde procurou os melhores mestres de retórica e onde passou a juventude um tanto livre.

Recebeu o batismo do papa Libério, já com 25 anos de idade. Viajando pela Gália, entrou em contato com o monacato ocidental e retirou-se com alguns amigos para Aquiléia, formando uma pequena comunidade religiosa, cuja principal atividade era o estudo da Bíblia e das obras de Teologia.

Jerônimo tinha um caráter indômito e gostava de opções radicais; desejou, portanto, conhecer e praticar o rigor da vida monacal que se vivia no Oriente, pátria do monaquismo. Esteve vários anos no deserto da Síria, entregando-se a jejuns e penitências tão rigorosas, que o levaram aos limites da morte.

Abandonando o meio monacal, dirigiu-se a Constantinopla, atraído pela fama oratória de Gregório de Nazianzo, que lhe abriu o espírito ao amor pela exegese da Sagrada Escritura. Estando em Antioquia da Síria, prestou serviços relevantes ao bispo Paulino, que o quis ordenar sacerdote. No entanto, Jerônimo não sentia vocação à atividade pastoral e quase nunca exerceu o ministério sacerdotal. Tendo que optar entre sua vocação inata de escritor e o chamamento à ascese monacal, encontrou uma conciliação entre estes extremos que marcaria o caminho de sua vida: seria um monge mas um monge para quem o retiro era ocasião para uma dedicação total ao estudo, à reflexão, à férrea disciplina necessária à produção de sua obra, que queria dedicar toda à difusão do cristianismo. Dentro desta vocação e severa disciplina, estudou o hebraico com um esforço sobre humano e aperfeiçoou seus conhecimentos do grego para poder compreender melhor as Escrituras nas línguas originais.

Chamado a Roma pelo Papa Damaso, que o escolheu como secretário particular, recebeu do mesmo a incumbência de **verter a Bíblia para o latim**, graças ao conhecimento que tinha desta língua, do grego e do hebraico. O papa, de fato, desejava uma tradução da Bíblia mais fiel em tudo aos textos originais, traduzida e apresentada em latim mais correto, que pudesse servir de texto único e uniforme na liturgia. Pois até aquele tempo existiam traduções populares muito imperfeitas e diversificadas, que criavam confusão.

O trabalho de Jerônimo começado em Roma durou praticamente toda sua vida. O conjunto de sua tradução da Bíblia em latim chamou-se **"Vulgata Latina" (404 d.C)** e

foi o texto usado largamente nos séculos posteriores, tornando-se oficial com o Concílio de Trento e só cedeu o lugar ultimamente às novas traduções, pelo surto de estudos lingüístico-exegéticos dos nossos dias. Na tradução, Jerônimo revela agudo senso crítico, amor incontido à Palavra de Deus e riqueza de informações sobre os tempos e lugares relativos à Bíblia.

Em Roma, criou-se em torno de Jerônimo amplo círculo de amizades, sobretudo de maratonas da alta sociedade que o ajudavam com seus recursos para custear seus trabalhos e que lhe orientava nos áspersos caminhos da santidade de cunho monástico.

Desgostado por certas intrigas do meio romano, retirou-se para Belém, onde, vivendo como monge rigidamente penitente, continuou até a morte, seus estudos e trabalhos bíblicos. Faleceu em 420, aos 30 de setembro, já quase octogenário.

Ele deixou escrito: "Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus, e quem ignora as Escrituras ignora o poder e a sabedoria de Deus; portanto ignorar as Escrituras Sagradas é ignorar a Cristo".

Agostinho de Hipona (354-430)

Bispo e Doutor da Igreja - Nasceu em Tagaste, Tunísia, filho de Patrício e S. Mônica. Grande teólogo, filósofo, moralista e apologista. Aprendeu a retórica em Cartago, onde ensinou gramática até os 29 anos de idade, partindo para Roma e Milão onde foi professor de Retórica na corte do Imperador. Ali se converteu ao cristianismo pelas orações e lágrimas, de sua mãe Mônica e pelas pregações de S. Ambrósio, bispo de Milão. Foi batizado por esse bispo em 387. Voltou para a África em veste de penitência onde foi ordenado sacerdote e depois bispo de Hipona aos 42 anos de idade. Foi um dos homens mais importantes para a Igreja.

Combateu com grande capacidade as heresias do seu tempo, principalmente o **Maniqueísmo**, o **Donatismo** e o **Pelagianismo**, que desprezava a graça de Deus. Santo Agostinho escreveu muitas obras e exerceu decisiva influência sobre o desenvolvimento cultural do mundo ocidental. É chamado de "Doutor da Graça".

Deixou 96 Sermões e 173 Cartas que chegaram até nós. Participou ativamente na elaboração dogmática sobre o grave problema tratado no Concílio de Calcedônia, a condenação da heresia chamada **monofisismo**.

(**Maniqueísmo** - Religião de Maniqueu, baseada num gnosticismo dualista. Qualquer doutrina baseada, como a de Maniqueu, na coexistência dos dois princípios opostos o do bem e o do mal.)

(**Donatismo** - Heresia de Donato (séc. IV), segundo a qual o Pai era superior ao Filho, e o Filho superior ao Espírito Santo.)

(**Pelagianismo** - Seita herética cristã defendida pelo monge Pelágio (360-425) que, essencialmente, consistia em uma posição antiagostiniana com relação à teoria da graça e da predestinação. (Considerando que a tese de Santo Agostinho sobre essas matérias se avizinhou por demais do maniqueísmo, sustentou que a graça está difusa na natureza e é um dos atributos do homem,

que nasce sem pecado, embora os cometa no decorrer da sua existência. Foi condenada no Concílio de Éfeso em 431 d.C.)

(Monofisismo - Doutrina cristológica do séc. V, pregada por Eutíquio (morto c. 454) e que reconhecia em Jesus Cristo **apenas uma natureza**: a divina. (É professada ainda hoje por três igrejas independentes: a Igreja armênia; a Igreja jacobita, da Síria; e a Igreja copta, do Egito e da Etiópia.)

Evágrio do Ponto (ou **Evágrio Pôntico**, em grego *Euagrios Pontikos*) 346-399 d.C. foi um escritor, asceta e monge cristão no Ponto, Egito.

Evágrio dirigiu-se ao Egito, a «*Pátria dos Monges*», a fim de ver a experiência desses homens no deserto, e acabou por se juntar a uma comunidade monástica do Baixo Egito. Seguidor das doutrinas de Orígenes, foi por diversas vezes condenado – de fato, Evágrio teve importante papel na difusão do Origenismo entre os monges do deserto egípcio, tendo-se tornado líder de uma corrente monástica origenista. Apesar disso, Evágrio trouxe um aspecto positivo para a Igreja. Da sua vivência com os monges, traçou as principais doenças espirituais que os afligiam – os oito males do corpo; esta doutrina foi conhecida de João Cassiano, que a divulgou pelo Oriente; mais tarde, o Papa Gregório Magno também ouviu falar nela, e adaptou-a para o Ocidente como os sete pecados capitais – a saber a soberba, a avareza, a inveja, a ira, a luxúria, a gula e a preguiça (à qual Evágrio chamara de acédia).

Simeão Estilita (389-459 d.C.)

Próximo de Antioquia, na Síria, S. Simeão Estilita (em grego, *styllus*=coluna) notabilizou-se por ter decidido mandar construir uma coluna, em cima da qual passaria a viver para se aproximar de Deus, afastando-se dos pecados do mundo.

Diz-se que permaneceu a uma altura de cerca de 20 metros do solo, durante mais de 30 anos, por isso, era chamado de anacoreta do ar.

Perseverou por muitos anos ao sol, ao frio, à neve, aos ventos, comendo uma só vez na semana, e orando de dia e de noite, quase sem dormir. Uma vez orava de joelhos e prostrado, outras em pé e com os braços abertos, e nesta postura estava reverenciando continuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os antebraços. (...)"

Padre António Vieira, *Sermão de Todos os Santos*, VII.

Bento de Núrcia (480-542 d.C.)

Nasceu em Núrcia, na Úmbria, Itália; estudou Direito em Roma, quando se consagrou a Deus. Tornou-se superior de várias comunidades monásticas; tendo fundado no monte Cassino a célebre Abadia local. A sua Regra dos Mosteiros tornou-se a principal regra de vida dos mosteiros do ocidente, elogiada pelo papa

S. Gregório Magno, usada até hoje. O lema dos seus mosteiros era “**ora et labora**”. O Papa Pio XII o chamou de Pai da Europa e Paulo VI proclamou-o Patrono da Europa, em 24/10/1964.

Quando tinha mais ou menos vinte anos de idade, Benedito se retirou para viver sozinho em uma caverna, onde se dedicou a um tipo de vida extremamente ascético. Levava ali uma luta contínua contra as tentações. Seu biógrafo, Gregório, o Grande, nos conta que nessa época o futuro criador do monasticismo beneditino se sentiu dominado por uma grande tentação carnal. Uma mulher formosa, que ele havia visto anteriormente, se apresentou em sua imaginação com tanta nitidez que Benedito não conseguia conter sua paixão e chegou a pensar em abandonar a vida monástica.

Então, nos diz Gregório:

"... ele recebeu uma repentina iluminação do alto, recobrou os sentidos, e ao ver uma moita de espinheiros e urtigas tirou toda a roupa e se lançou aos espinhos e ao fogo das urtigas. Depois de se revolver ali durante muito tempo, saiu todo ferido ... A partir de então nunca voltou a ser tentado de maneira igual."

Em pouco tempo, a fama de Benedito era tal que um numeroso grupo de monges se reuniu a ele. Benedito os organizou em grupos de doze. Essa foi sua primeira tentativa de organizar a vida monástica, que teve de ser interrompida quando algumas mulheres dissolutas invadiram a região.

Benedito então se retirou para Montecasino com seus monges, um lugar tão remoto que ainda havia um bosque sagrado ali, e os habitantes do lugar continuavam oferecendo sacrifícios em um antigo templo pagão.

A primeira coisa que Benedito fez foi por um fim a tudo isto, derrubando as árvores, o altar e o ídolo do templo. Depois, organizou ali uma comunidade monástica para homens, perto de outra que sua irmã gêmea, Escolástica, fundou para mulheres. Ali sua fama era tamanha que vinha gente de todo o país para visitá-lo. Entre esses visitantes se encontrava o rei ostrogodo Totila, a quem Benedito repreendeu, dizendo-lhe: — "Fazes muitas coisas más, e já tens feito mais. Chegou o momento de parar com estas iniquidades... Reinarás ainda por nove anos, e morrerás no décimo".

E, de acordo com o que diz o biógrafo de Benedito, Gregório, o Grande, Totila morreu no décimo ano do seu reinado, como o monge havia predito.

Porém a fama de São Benedito não se deve às suas profecias, nem à sua prática ascética, mas à **Regra** deu à comunidade de Montecasino, em 529, e que em pouco tempo passou a ser a base de todo o monasticismo ocidental.

A Regra de São Benedito

O enorme impacto desta Regra não proveio da sua extensão, pois ela continha somente setenta e três breves capítulos. O impacto proveio do fato de que a Regra ordena a vida monástica de forma concisa e clara, de acordo com o temperamento e as necessidades da igreja ocidental.

Comparada com os excessos de alguns monges do Egito, a Regra é um modelo de moderação em tudo o que se refere à prática ascética. No prólogo, Benedito diz a seus leitores que "se trata de constituir uma escola para o serviço do Senhor. Nela não queremos instituir nenhuma coisa áspera nem severa".

Em consequência, em toda a Regra domina um espírito prático, às vezes até transigente. Assim, por exemplo, enquanto que muitos monges do deserto se

alimentavam somente de água, pão e sal, Benedito estabelece que seus monges devem se alimentar duas vezes por dia, e que em cada refeição deverá haver dois pratos cozidos e às vezes outro de legumes ou frutas frescas. Além disto, cada monge recebia um quarto de litro de vinho por dia. Tudo isso, é claro, somente quando não havia escassez, pois nesse caso os monges deveriam se contentar com o que havia, sem queixas ou murmurações.

De igual modo, enquanto que os monges do deserto dormiam o menos possível, e da maneira mais desconfortável possível, Benedito prescreve que cada monge deverá ter, além do seu leito, uma coberta e um travesseiro. Ao distribuir as horas do dia, ele separa de seis a oito para o sono.

Porém, em meio à sua moderação, há dois elementos em que Benedito se mostra firme. Estes dois são **permanência e obediência**.

Permanência quer dizer que os monges não devem andar vagando de um mosteiro para outro. Pelo contrário, de acordo com a Regra, cada monge deverá permanecer o resto de sua vida no mesmo mosteiro em que fez seus votos, a menos que por alguma razão o abade o envie a outro lugar. Isso pode parecer tirania, porém Benedito queria remediar uma situação em que muitos se dedicavam a ir de mosteiro em mosteiro, desfrutando de hospitalidade por algum tempo, até que se começava a exigir deles que levassem junto com os demais monges as cargas do lugar, ou até que comesçassem a ter conflito com o abade ou com outros monges. Então, em vez de assumir sua responsabilidade, ou de resolver seus conflitos, eles iam para outro mosteiro, onde em pouco tempo surgiam os mesmos problemas. A permanência foi, assim, uma das características da Regra que mais fez sentir seu impacto, pois deu estabilidade à vida monástica.

A obediência é outro dos pilares da Regra de São Benedito. Todos devem obediência ao abade "sem demora". Isto quer dizer que o monge não só deve obedecer, mas que deve fazer todo o possível para que esta obediência seja de bom grado. Queixas e murmurações estão absolutamente proibidas. Se em algum caso o abade ou outro superior ordena a algum monge que faça algo aparentemente impossível, este lhe exporá com todo o respeito as razões pelas quais não pode cumprir a ordem. Porém, se depois da explicação, o abade insistir, o monge tratará de fazer com boa disposição o que lhe foi ordenado.

O abade, entretanto, não deverá ser um tirano, pois o título "abade" é o mesmo que "pai". Como pai ou pastor das almas que se dedicou, o abade terá de prestar contas delas no juízo final. Por isso, sua disciplina não deverá ser excessivamente severa, pois seu intento não é mostrar poder, mas trazer os pecadores novamente para o caminho certo.

(Rev. Pedro Corrêa Cabral – IPB.)

Mais sobre Bento de Núrcia – Ler “ O Gênio do Ocidente. P. 136-138 História do Cristianismo de Bruce Shelley.

Columbano – (543-615)

Abade de Luxeuil e Bobbio, São Columbano nasceu em West Leinster, na Irlanda em 543 e morreu em Bobbio, Itália, a 21 de Novembro de 615.

Columbano desde tenra idade mostrou clara inclinação para a vida consagrada. Tendo abraçado a vida monástica, partiu para a França, onde fundou muitos mosteiros que governou com austera disciplina. Ao sair da Irlanda em companhia do monge e Santo Gall, percorreu a Europa Ocidental. Algumas vezes era rechaçado, outras acolhido. Deixou rastro de fundação de mosteiros e abadias, dos quais resultaram em esplendor cultural e religioso dignos de apreço. Esses mosteiros foram o foco da cultura cristã francesa na época.

Seu estilo de vida foi austero e assim o exigia aos monges. Graças a isso, a Igreja enumera como seus contemporâneos grandes santos que se formaram na escola doutrinária de São Columbano. O mosteiro mais célebre foi o de Luxeuil, ao que confluíram francos e gauleses. Foi durante séculos o centro da vida monástica mais importante em todo o Ocidente.

Enfrentou, no início do século VII fortes perseguições na França e por isso, no ano de 610 teve de sair do país em decorrência das investidas da soberana, a então rainha Brunehaut, que teve o ego ferido porque o santo abade lançara-lhe em rosto todos os seus vícios e crimes.

Pensou em retornar à Irlanda, mas acabou permanecendo em Nantes. Lá também teve que fugir aos Alpes até que finalmente encontrou acolhida e refúgio seguro em Bobbio, situada ao norte da Itália, na região da Emilia Romana, província de Piacenza. Lá fundou seu último mosteiro e nele morreu no ano de 615. A regra monástica original que deu a seus monges serviu de referência e influenciou sobremaneira toda a Europa por mais de dois séculos.

Nos quatro últimos anos de sua vida, experimentou certa tranquilidade, já que o rei Aguilulfo lhe concedeu tratamento digno e respeitoso.

TRABALHO DE PESQUISA I

Livro: Dos Apóstolos a Wesley

Autor: William M. Greathouse

Editora: Casa Nazarena de Publicações

Capitulo 5 – “Perfeição Monástica” PP.48-58

Apresentar resumo contendo as principais idéias sobre:

△ Os princípios monásticos

△ As doutrinas de perfeição de:

Antão ou Antonio

Basílio

Macário

Gregório de Nissa

TRABALHO DE PESQUISA II

“ Muitas **figuras** bíblicas exerceram influência marcante sobre a espiritualidade cristã. É muito mais fácil refletir sobre uma **figura** do que sobre uma **idéia**. Apresentamos abaixo, algumas dessas figuras. Você deve pesquisar o texto que está recebendo e mostrar o seu entendimento preparando um resumo explicativo das seguintes figuras:

- Festa
- Peregrinação
- Exílio
- Luta
- Purificação
- Internalização da fé
- Deserto
- Ascensão
- Treva e Luz
- Silêncio

Texto a ser usado:

McGRATH, Alister E. Uma Introdução à Espiritualidade Cristã. Ed. Vida. pp. 159-195

Apresentar resumo até dia ____/____/____

RELIGIOSIDADE E O MISTICISMO DA IDADE MÉDIA

Por: Solano Portela

A Igreja Medieval em grave necessidade de reforma

Encontramos a Igreja Católica, no ápice da idade média (séculos 13 a 15), com a maioria das práticas litúrgicas, incorporadas do paganismo, já institucionalizadas dentro da estrutura eclesiástica. O cenário está sendo preparado pelo Senhor da História para a Reforma do Século XVI. A religião foi transformada de uma devoção consciente a Deus, baseada no que conhecemos de Deus pelas Escrituras e exercitada pelas diretrizes da sua Palavra; no misticismo subjetivo, baseado em tradições humanas, exercitado em práticas obscuras.

A Igreja, que deveria aproximar as pessoas cada vez mais de Deus e de sua Palavra, na prática afasta os fiéis da religião verdadeira. Os rituais e a liturgia são realizados em uma língua desconhecida (Latim). Os seguidores são sujeitos a uma hierarquia estranha à Bíblia, na qual os administradores maiores se preocupavam mais com o jogo político do que com a situação espiritual dos fiéis. Aqueles que se dedicavam mais ao estudo da palavra, em vez de estarem próximos dos fiéis, conscientes de suas lutas, necessidades e pecados, isolam-se em mosteiros. Novas estruturas monásticas são formadas e multiplicam sua influência. Os poucos escritos refletem um misticismo que enaltece a trindade, mas, ao mesmo tempo, apresentam uma ênfase mística que os distanciam da realidade.

Outras cabeças pensantes da Igreja, em vez de procurar um retorno à teologia das Escrituras, embarcam num intelectualismo que pretende explicar de forma palatável à razão humana os mistérios de Deus – esses também distanciam a Igreja e sua hierarquia de sua missão e daqueles que a seguem em busca espiritual sincera ou por conveniência. Certamente, fica cada vez mais evidente que o caminho da reforma está sendo preparado por Deus. A Igreja está deteriorada em seu íntimo – os problemas aparecem. O remanescente fiel ficará mais evidente e desabrochará no tempo apontado por Deus.

Estudando a situação da igreja nesse período, identificamos três erros dignos de destaque e que servem de alerta para os nossos dias.

1. O perigo do deslumbramento com o mundo – a sede de aceitação e poder

A Sede do poder – A Igreja já vinha sendo caracterizada pela sede do poder e por seu envolvimento com o mundo político. Na era medieval os exemplos de envolvimento intenso com o poder político se multiplicaram.

No ápice do poder da igreja medieval, o papa que deteve maior poder foi Inocêncio III (1198-1216). Ele controlava tanto a Igreja Católica como o Império. Humilhou o rei Felipe Augusto, da França, interditando todo o país, forçando-o a receber de volta sua esposa divorciada, que havia apelado ao Papa. A seguir, humilhou o Rei João, da Inglaterra, numa disputa sobre a indicação do arcebispo de Canterbury. Mais uma vez interditou um país e convidou o rei Felipe, da França, a invadir a Inglaterra se o Rei João se recusasse a aceitar os seus termos. Mais ou menos na mesma época, interferiu na Alemanha (Atual Alemanha), definindo a sucessão imperial naquele país, utilizando as tropas francesas como forma de pressão.

Em 1215 Inocêncio III convocou o Quarto Concílio Laterano (não confundir com Luterano), no qual algumas doutrinas estranhas à Palavra de Deus foram formalizadas, como por exemplo: a obrigação de uma confissão auricular anual; a doutrina da transubstanciação (que afirma que o pão e o vinho da comunhão não somente simbolizam, mas milagrosamente se transformam no corpo e no sangue de Cristo); e a terminologia do sacrifício da missa (uma vez que o corpo de Cristo era repetidamente quebrado a cada liturgia).

Esse é apenas um exemplo de como a liderança maior da igreja tomou interesse muito mais pelo poder e pelo envolvimento político, do que pela saúde espiritual dos fiéis. Pior ainda, quando esses líderes se voltavam para ações na esfera religiosa, era no sentido de promover a incorporação de práticas estranhas no seio da Igreja – feriam ainda mais a ortodoxia já combatida. A Igreja ia se desenvolvendo com uma língua estranha, distanciada do povo, e com práticas cada vez mais pagãs em sua liturgia.

A lição para nós – Aceitação social e proximidade do poder têm sido constantes inimigos da pureza doutrinária que deve marcar a igreja verdadeira. Esse é uma característica não só da igreja medieval, mas também dos nossos dias. A ânsia por aceitação vem, muitas vezes, às custas de princípios e de nossa identidade. Como cristãos, perdemos com frequência grandes oportunidades de marcar presença pelo testemunho, como sal da terra (Mt 5.13), mas capitulamos perante as pressões do poder. Muitos dos nossos políticos chamados de “evangélicos” têm tido um comportamento reprovável e posturas éticas que envergonham e trazem condenação até dos descrentes. No meio de um mundo que é maldade, a Palavra de Deus nos aponta à manutenção dos padrões de justiça de Deus: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12.21).

2. O perigo do isolamento

O ápice do Monasticismo – Apesar dos mosteiros e conventos terem surgido entre o 3º e o 6º século da Era Cristã, foi na idade média que eles atingiram o seu auge, com o desenvolvimento de várias ordens monásticas. A ordem dos Agostinianos foi fundada entre 1233 e 1244. Os Beneditinos, trazendo uma tradição do terceiro século, foram reformados com o trabalho de Bernardo de Clairvaux (1090-1153). Os dominicanos foram formalmente estabelecidos por uma bula papal de 1216 e se organizaram definitivamente em torno de 1221. Os Carmelitas, constituídos de peregrinos à terra santa, se juntaram no monte Carmelo (daí o nome), para viver “a vida do profeta Elias”, em torno de 1191. Os Franciscanos se organizaram pelo trabalho de Francisco de Assis, em 1223, desenvolvendo-se em vários ramos independentes, como o dos Capuchinhos. E assim foi, neste período, com várias outras ordens de menor importância. Praticamente a única ordem monástica que não surgiu neste período foi a dos Jesuítas, formada em 1540 – na onda da Contra-Reforma.

Qual o problema com o Monasticismo? Poderíamos dizer que aqueles que eram mais devotos e estudiosos da Palavra, possivelmente desencantados com o estado da Igreja e seu envolvimento com os regentes temporais e com a política, procuraram isolamento. Essa medida, aparentemente correta, fez com que esse tipo de liderança deixasse de interagir com os fiéis. Além de privar os seguidores de um direcionamento maior, o isolamento fez com que perdessem o contato com a realidade e com os problemas do dia-a-dia. A vida vivida no mosteiro não somente era artificial, mas representava um tipo de Cristianismo estranho às Escrituras. Asceticismo – ou seja, a rejeição de tudo que é material, é uma identificação errada do que é o mal verdadeiro (Cl 2.21). O pecado jaz no íntimo das pessoas (Sl 51.5)

e não é a intensa meditação ou isolamento que irá purificar o nosso ser. Nem tão pouco será a vida espartana, penitências ou sacrifícios inúteis, os quais podem ter até “aparência de piedade” (2 Tm 3.5), mas não podem expiar o nosso pecado. O lado irônico do isolamento e do Monasticismo é que dando a aparência de uma aproximação de Cristo, contribuiu para o estabelecimento de uma religião humana, de salvação pelas obras, pela privação, pelo sofrimento – uma religião que fechou-se, tornando-se um fim em si mesma.

A Lição para nós – Essa tendência, de isolamento, está sempre presente no campo Cristão. É saudável estarmos sempre juntos, em ambiente de igreja, mas às vezes levamos isso ao extremo. Desaprendemos a nos comunicar com o mundo. Esquecemos nossa missão. Passamos a falar com “jargões evangélicos” – palavras que soam estranhas ou desconhecidas àqueles a quem deveríamos estar comunicando as boas novas da salvação. Nossa preocupação é muito maior com encontros, acampamentos, do que na organização de uma ação eficaz de evangelização. Jesus disse que não pedia ao Pai que fôssemos tirados deste mundo (Jo 17.15). Aqui fomos colocados para interagir saudavelmente com a sociedade, transformando-a, reformando-a, purificando-a, sendo verdadeiramente luz do mundo (Mt 5.14). Aprendamos com essa era obscura da igreja, na qual o isolamento dos que eram mais fiéis terminou por descaracterizar de vez a sua doutrina e mensagem.

3. O perigo dos extremos – Racionalismo vs. Misticismo

Escolasticismo – É na Idade Média, em paralelo ao isolamento do monasticismo, que vários intelectuais, no seio da Igreja, deslancham aquilo que ficou conhecido como escolasticismo. Apesar do termo ser difícil de definir, podemos considerá-lo como uma referência ao período, na idade média, no qual surgiram inúmeros escritos que apelavam consideravelmente para a razão humana, no sentido de estabelecer e provar as bases da religião. Representam uma tentativa de harmonizar filosofia com teologia, procurando demonstrações racionais de verdades teológicas. Nomes como Anselmo (1033-1109) e Abelardo (1079-1142) são considerados como co-fundadores do movimento; Pedro Lombardo (+/- 1164) um representante importante e Tomás de Aquino (1227-1274) o seu expoente máximo – com o seu tratado Summa Theologica. João Duns Scotus (1226-1308) e Guilherme de Ockam (1280-1349), são também escritores importantes desse período.

Contemporâneos de uma igreja cambaleante em sua ortodoxia e prática – deslumbrada pelo poder e pelo mundanismo, os Escolásticos procuravam restaurar o cerne doutrinário da instituição. Erraram em depender ao extremo do racionalismo; em desconhecer a profundidade e gravidade do pecado que afeta a capacidade de raciocinar corretamente sobre as coisas espirituais (Rm 1.22). Na realidade, deixaram de lado o ensinamento bíblico da depravação total das pessoas. Achavam que a fé era racionalmente explicável, esquecendo-se que aprouve a Deus salvar pela “loucura” da pregação. (1 Co 1.21). Apesar dos Escolásticos, às vezes, confrontarem o poder temporal dos Papas, eles serviram também para sistematizar muitas doutrinas Católicas Romanas estranhas às Escrituras, como relíquias, culto às imagens, purgatório, o sistema hierárquico e a estrutura sacramental de salvação pelas obras. Inúmeras páginas foram escritas com justificativas racionais para a utilização dessas práticas. Os Reformadores do Século 16 encontraram, em função dos Escolásticos, ampla documentação dos desvios doutrinários que eficazmente combateram.

O Misticismo – Misticismo é um termo meio vago que cobre amplos pontos de vista e abordagens à prática religiosa. Em muitas situações, misticismo não pode

ser dissociado com muita clareza da prática correta da religião. Por outro lado, várias manifestações do misticismo são radicais, extremas e bastante distanciadas da ortodoxia verdadeira. Uma definição genérica de misticismo seria: "qualquer postura, coisa ou situação que nos leva ao contato com a realidade existente além dos cinco sentidos". De uma forma ou de outra, o misticismo sempre esteve presente na igreja. Na igreja primitiva, manifestou-se com intensidade nos Montanistas, e nos nossos dias encontra grande expressão em muitas igrejas evangélicas, independentemente das barreiras denominacionais.

Na Idade Média, situado no outro extremo do Escolasticismo, no meio dessa Igreja conturbada, temos o desenvolvimento do misticismo no seio do isolamento monástico. Como se procurassem um afastamento da abordagem racionalista, muitos passaram a escrever obras puramente devocionais. Refletindo um desejo de se elevar acima das agruras deste mundo, almejavam uma aproximação imediata com a pessoa de Deus. Objetivavam atingir a certeza da salvação e chegar à verdade não pela dedução lógica, mas pela experiência. Muitos podem ter sido crentes sinceros, enfatizando o amor e a aproximação com Deus.

Os místicos nunca foram considerados hereges e a igreja medieval, na realidade, os encorajou, como um contra-ponto ao Escolasticismo. Em função do seu caráter subjetivo, o misticismo enfatizou consideravelmente, além de uma postura pessoal de devoção, a questão dos sonhos, visões e outras formas de revelação que seriam utilizadas por Deus em paralelo às Escrituras. Estiveram também presentes, posteriormente, no meio da Reforma, quando Lutero confrontou uma comunidade que ficou conhecida como "Os Profetas de Zwickau" indicando que o Espírito Santo falava pela objetividade das Escrituras.

Tomás à Kempis (1380-1471) – Nascido na Alemanha e criado na Holanda, este místico foi um dos grandes exemplos desse período, lido e prezado tanto por católicos como por protestantes. Tomás ocupou toda a sua vida em três atividades: copiar a Bíblia (lembrem-se que, naquela época, não havia imprensa); meditação devocional; e escrever vários livros. Ficou, entretanto, conhecido por apenas um desses, intitulado "A Imitação de Cristo". Escrito originalmente em Latim, em quatro volumes, foi traduzido depois para várias línguas. Existem mais de 2000 edições conhecidas deste livro que até o teólogo Charles Hodge classificou como "...a pérola do misticismo germânico-holandês". Um outro teólogo protestante escreveu: "... o que torna este livro aceitável a todos os Cristãos, é a ênfase suprema colocada sobre Cristo e a possibilidade de comunhão imediata com ele e com Deus".

Entretanto, ao lado dos elogios pelo seu caráter devocional e pela exaltação que faz da pessoa de Cristo, é possível perceber que foi escrito por um Católico Romano. No livro encontramos referências à adoração e ao conceito católico romano dos "santos" (por exemplo, no Livro 1, cp. 18, lemos sobre "... os santos que possuíam a luz da perfeição e da religião verdadeira". No cp. 19, lemos que em certas ocasiões "... a intercessão dos santos deve ser ferventemente implorada"). Existe também a aceitação da doutrina do purgatório (por exemplo, no Livro 1, cp. 21, lemos que deveríamos viver uma vida de trabalho e sofrimento "... se considerássemos em nossos corações as dores futuras do inferno ou do purgatório").

Na melhor das hipóteses, o livro é contraditório, como no exemplo a seguir: de um lado indica o mérito das obras (Livro 2, Cp. 12, "... nosso mérito e progresso consistem não nos muitos prazeres, mas no suportar de muitas aflições e sofrimentos"), enquanto que em outro trecho fala da inutilidade delas (Livro 3, cp. 4, "considere seus pecados com desprazer e tristeza e nunca pense de você mesmo

como sendo alguém, por causa de suas boas obras”). Em adição aos aspectos romanos, a ênfase do livro é colocada em uma vida de isolamento como sendo o ideal do cristão, em vez do envolvimento sadio com a criação em uma vida de testemunho e proclamação das verdades divinas.

A lição para nós – A religião verdadeira alimenta o ser humano em sua totalidade. Quando a prática do cristianismo não está corrompida, há satisfação tanto para o corpo como para a alma. A idéia de que existe mérito no sofrimento ou no isolamento, não é Bíblica, mas provém de um conceito de que, de uma forma ou de outra, operamos a nossa própria salvação. O misticismo existe desenfreado em nossos dias e não como uma característica saudável da igreja, mas como um problema em seu seio. De uma certa forma, ele ocorre como uma reação à ortodoxia morta, ou a um intelectualismo estéril, como aconteceu na idade média. Entretanto, no cômputo final, apesar de parecer uma ênfase em ações e posturas piedosas, ou a uma vida de devoção intensa e real, o Misticismo desvia os nossos olhos de Cristo; concentra a atenção nos nossos méritos, nas coisas que fazemos ou que deixamos de fazer; nos objetos aos quais atribuímos valor espiritual; ou nas formas de comunicação com Deus que são estranhas à Palavra e à suficiência das Escrituras.

Conclusão

Podemos aprender muito com a situação da Igreja na Idade média. Ela foi progressivamente se afastando de Cristo, não somente pelo mundanismo crescente e pela incorporação de práticas pagãs; como também por um isolacionismo intenso e igualmente contraditório à sua missão.

Como anda a nossa igreja? Como caminha a nossa religiosidade? Como se encontra a nossa vida devocional? Estamos nos achegando a Deus, em devoção sincera, através de Cristo, pelo poder do Espírito Santo – desejosos de fortalecer o nosso testemunho em um mundo hostil? Ou estamos fabricando um tipo peculiar de religião que atende os nossos anseios místicos, ou a nossa sede intelectual, mas que nos afasta cada vez mais dos caminhos que deveríamos percorrer? Meditemos no que Deus quer de nós, como expressa Mt 6.6-8, verificando que a prática da justiça e o amor à benevolência não são compatíveis com uma vida estéril ou distanciada do mundo em que ele nos colocou.

MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS NA IGREJA CATÓLICA

Exatamente quando a Igreja aparecia no auge de seu esplendor e o poder papal atingia sua maior extensão, na Europa se intensifica e multiplicam o surgimento de movimentos religiosos contestadores.

Suas características: serem contra o sacerdócio, negarem os sacramentos e o sacrifício eucarístico. Afirmavam também a inutilidade das obras exteriores. Não aceitavam mais a mecanicidade da vida cristã nas formulas sem vida.

Tinham aversão aos poderes religiosos e sacramentais dos sacerdotes e afirmavam uma comunidade cristã igualitária, sem organização hierárquica e sem diferença entre clérigos e leigos.

Contra uma Igreja triunfante, rica, política, propõem uma Igreja fundada exclusivamente no Evangelho da pobreza e da oração. No fundo, o que anima o coração do herege não é a maldade e o erro, mas o desejo de uma Igreja pura. O herege, apesar de todas as suas contradições, não quer destruir a Igreja: quer reformá-la.

Para estudarmos a situação, citaremos três modalidades de anseio religioso:

- **os cátaros ou albigenses (dualistas);**
- **os valdenses evangélicos anti-sacramentais;**
- **as ordens mendicantes, dominicanos e franciscanos.**

As duas primeiras se opõem à Igreja, enquanto os mendicantes reformam a vida cristã permanecendo dentro dela.

OS CÁTAROS OU ALBIGENSES- 1150-Sul da França

A heresia dos cátaros (= puros/bom) parece ter origem nos Balcãs (Bulgária), e é um resíduo do antigo maniqueísmo, que via tudo em chave dualista: espírito-matéria, bem e mal.

O catarismo era estranho a toda evolução da sociedade européia e previa sua dissolução, pois negava o trabalho manual, o exército, o matrimônio, a hierarquia civil e eclesiástica e a propriedade privada.

Condenando a matéria como má, se opunha a todos os sacramentos, especialmente à Eucaristia; negava a encarnação, a ressurreição e opunham o Antigo ao Novo Testamento. Seu único sacramento era o **Consolamentum**: imposição das mãos por um membro mais perfeito.

Os cátaros possuíam uma sólida organização interna, com verdadeira e própria hierarquia. Pelo ano 1150, tinham-se difundido largamente no sul da

França. Suas doutrinas, apesar de estranhas, exerciam certo fascínio pela sua pobreza e modéstia, sendo uma crítica feroz à riqueza e poder da Igreja e à mundanização de certos bispos e sacerdotes.

A Igreja os combateu duramente, organizando contra eles expedições militares e enviando-lhes pregadores. Não eram esses os meios adequados para combatê-los, mas foram destruídos, restando apenas alguns representantes no século XIV.

VALDENSES OU POBRES DE LIÃO- 1173-França

Pedro de Vaux, rico comerciante de Lião, querendo atingir o estado de **perfeição cristã**, em 1173 distribuiu seus bens aos pobres e se propôs, como ideal de vida, *peregrinar pregando a penitência e levando uma vida de pobreza apostólica* (cf. Mt 10,9ss). Em vista disso, reuniu homens e mulheres levados pelo mesmo ideal e enviou-os dois a dois a pregar a penitência. **Objetivo:** retornar à Igreja apostólica pobre, seguindo sempre a Escritura.

Eram os “pobres de Lião”, que se sentiam como ovelhas entre lobos. Mas, este estilo de vida e pregação era um desafio silencioso ao mundo cristão e, em primeiro lugar, à hierarquia e às abadias. Infelizmente, faltava-lhes uma instrução maior para a pregação que, aliás, estava proibida aos leigos pelo Concílio de 1179. **Surge o desencontro** entre os representantes da “vida apostólica” e os representantes do ministério apostólico. Cada um assume posições mais duras e o desencontro é fatal.

Os valdenses passaram a admitir apenas os sacramentos do batismo, da ceia e da penitência. Rejeitaram o **ministério ordenado**. Sua eclesiologia é mais carismática do que institucional, mas se sentiam ligados aos Apóstolos. Não havendo acordo, são **excomungados em 1184** pelo papa Lúcio III, muitos deles sofrendo a morte pela fogueira. **O movimento de Pedro de Vaux mostra**, pela primeira vez na Idade Média, o desejo de uma Igreja com **laicato participante**, combatendo o vitorioso **clericalismo**.

Os Cistercienses

Ordem de Cister é uma ordem monástica católica, fundada em 1098 por Robert de Molesme, seguindo a regra beneditina; os monges cisterciense são conhecidos como *monges brancos* devido à cor do seu hábito.

O Século XII marcou o apogeu dos *Cistercienses*, um ramo do tronco beneditino, que procurou dar novo rumo e vigor aos valores tradicionais da vida monástica, que é a busca do Altíssimo na solidão e no silêncio. Os *Cistercienses* se estenderam por todo o continente, de Portugal à Estônia, da Noruega à Sicília.

A revolução *Cisterciense* teve início no ano de 1098 em um pequeno mosteiro na França, Cister, situado na Borgonha. Sucederam-se fundações a partir de 1113, de

modo que, décadas após, o mosteiro se transformou na cabeça de uma grande ordem monástica, a maior de seu tempo, destinada a exercer influência considerável não só na Igreja e sociedades contemporâneas, mas também na história da espiritualidade dos homens.

Hoje, a vida, a história e filosofia dos *Cisterciense* são estudadas por especialistas em universidades de todo o mundo como fenômeno religioso, social e cultural, principalmente na época medieval.

No mundo de hoje, neste final de século, a humanidade tem sido marcada por uma sede de misticismo e espiritualidade desorientada e até desesperada, uma reação, sem dúvida, à crescente massificação da cultura, à violência do dia-a-dia, fatores esses que despersonalizam e embrutece o ser humano... Uma ardente busca espiritual e uma paixão pelo silêncio é que guardam os *Cistercienses* como maior tesouro; guardam esses a paixão ainda hoje, com toda a sua atualidade, objetivando iluminar os caminhos de nosso tempo, acompanhando a árdua luta daqueles que sentem-se movidos por igual procura.

<http://www.abadia.org.br/revolu.htm>

OS LOLARDOS

Lolardos ou pregadores pobres, constituíam discípulos de John Wycliffe (1328-1384). Eram alguns alunos da Universidade de Oxford, Inglaterra, e pequenos proprietários que se juntaram para pregar nas áreas rurais e urbanas. Ensinavam:

- As Escrituras deveriam estar na mão do povo e em seu idioma.
- As distinções entre Clero e os leigos não eram bíblicas.
- Clérigos injustos deveriam ser desobedecidos.
- A principal função do Ministro deveria ser a pregação e eles deveriam ser proibidos de ocupar cargos públicos.
- O celibato dos sacerdotes e monges era uma abominação que produzia imoralidade, aberrações sexuais, abortos e infanticídios.
- O culto às imagens, as peregrinações, as orações a favor dos mortos e a doutrina da transubstanciação eram magia e superstição.

A igreja Católica, com o apoio do Parlamento Inglês, em 1401, passou a perseguir e castigar com a pena de morte os Lolardos.

(FERREIRA, Franklin. Gigantes da Fé. Ed.Vida.SP.2006.p.108)

Principais Ordens Católicas

Benedictinos – 3º século – Reformada por Bernardo de Claraval

Ordem do Templo – Templários - 1118

Carmelitas – 1191 d.C.

Dominicanos – Ordem dos Pregadores - 1216 e 1221

Franciscanos – 1223 – Os Capuchinhos são originários desta ordem.

Agostinianos – 1233 e 1244

Ordem das Clarissas – 1253

Jesuítas - 1540

Opus Dei - 1928

ORDEM DO TEMPLO

Também chamada dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, esta Ordem foi fundada em 12 de junho de **1118** em Jerusalém por Hugo de Payens, Cavaleiro de Burgúndia, e Godofredo de Saint Omer.

Balduíno II, rei de Jerusalém, alojou ambos e a mais sete aderentes seus, perto do Templo de Salomão, originando-se daí a denominação de Templários. Durante nove anos, seus membros dedicaram-se somente a trabalhos sobre o plano metafísico, sem participar nos combates e na política. Seria infantil, para alguns, crer que a Ordem do Templo surgiu para defender Jerusalém, ou para guardar o Santo Sepulcro, ou para proteger os peregrinos. Os historiadores mesmo não acreditam nessa versão, mas são obrigados a se contentarem com as conjecturas, pois não puderam descobrir nenhum documento sobre a Missão Esotérica da Ordem.

São Bernardo de Clairvaux, fundador da Ordem Cirtecense, foi o patrono dos Templários. Ele enviou uma carta a Hugo de Payens pedindo a cooperação da Ordem para reabilitar os "ladrões e sacrílegos, assassinos, perjúrios e adúlteros", porém que estivessem dispostos a se alistar nas fileiras das Cruzadas pela liberação da Terra Santa. Alentado assim por um dos mais influentes de sua época, Hugo de Payens partiu em direção do Concílio de Troyes, na França, para assegurar o reconhecimento de sua Ordem na Europa. Ali sob o patrocínio e proteção de S. Bernardo apresentou a regra da irmandade, que seguia até certo ponto a Regra da Ordem Cirtecense. Mas a carta constitutiva da Ordem, que a estabeleceu definitivamente, só lhe foi outorgada em 1163 pelo Papa Alexandre III.

Em seu período áureo, foi constituída de vários graus. A sua seção mais importante foi a dos Cavaleiros, por sua feição militar. Em sua recepção, juravam

observar os três preceitos de pobreza, castidade e obediência, tal qual os membros das demais Ordens da Igreja. Em geral descendentes de alta estirpe, os Cavaleiros tinham direito a três cavalos, a um escudeiro e duas tendas. Aceitavam-se também homens casados, mas sob a condição de legarem à Ordem metade de suas propriedades, e não se admitiam mulheres. Depois vinha um corpo de Clérigos, incluindo Bispos, Padres e Diáconos, sujeitos aos mesmos votos dos Cavaleiros, e que por especial dispensação não rendiam obediência a nenhum superior eclesiástico ou civil, a não ser o Grão-Mestre do Templo e ao Papa.

Instituiu-se que as confissões dos irmãos da Ordem deviam ser ouvidas somente por clérigos especiais, e assim permaneciam invioláveis os seus segredos. Também havia duas classes de Irmãos Servidores, os criados e os artífices. A hierarquia administrativa da Ordem era formada pelo Grão-Mestre, o Senescal do Templo, o Marechal como autoridade suprema em assuntos militares, e os Comendadores sob cuja direção estavam as Províncias.

A influência dos Templários cresceu rapidamente. Combateram valentemente em várias Cruzadas, e a mercê dos bens tomados de seus inimigos vencidos, ou doados à Ordem, chegaram a ser grandes financeiros e banqueiros internacionais, cujas riquezas tiveram o seu apogeu em meados do século treze. Os reis da Europa depositavam seus tesouros e riquezas nas arcas dos Templários e, no que não era incomum ocorrer, pediam até mesmo empréstimos à Ordem. Seu papel preponderante na Igreja se pode avaliar pelo fato de os membros da Ordem serem convocados para participar dos Grandes Concílios da Igreja, tal como o de Latrão em 1215 e o de Lyon em 1274.

O ex-cavaleiro Esquieu de Floyran, o qual, pessoalmente interessado na desmoralização da Ordem, contra ela levantou as mais duvidosas acusações. Essas acusações foram sofregamente aceitas por Felipe IV, que, numa sexta-feira, 13 de outubro de 1307, mandou prender todos os Templários da França e o seu Grão-Mestre, Jacques DeMolay, os quais, submetidos à Inquisição, foram por esta acusados de hereges. Por meio de inomináveis torturas físicas, infligidas a ferro e fogo, foram arrancadas desses infelizes as mais, contraditórias confissões. O Papa, desejoso de aniquilar a Ordem, convocou um concílio em Viena, em 1311, com esse fim, mas os Bispos se recusaram a condená-la à revelia; conseqüentemente, o Papa convocou um consistório privado em 22 de novembro de 1312, e aboliu a Ordem, conquanto admitindo a falta de provas das acusações. As riquezas da Ordem foram confiscadas e desviadas para a França.

A tragédia atingiu seu ponto culminante em 14 de março de 1314, quando o Grão-Mestre do Templo, **Jacques DeMolay**, e Godofredo de Charney, preceptor da Normandia, foram publicamente queimados no pelourinho diante da catedral de Notre Dame, ante a turba, como hereges impenitentes.

Os Carmelitas ou Ordem de Carmo

No século 12, na Europa, surgiu um movimento de leigos que buscavam viver um cristianismo mais autêntico: muitos deles iam a peregrinação à Terra Santa e alguns se estabeleceram no Monte Carmelo, citado na Bíblia como monte Horeb, local para onde se retirou o profeta Elias, homem de fé, para rezar. Por causa disso, passaram a ser chamados de carmelitas ou carmelitanos.

Entre os anos 1206 e 1214, o papa Inocêncio IV aprovou o modo de vida deles,

incluindo no estatuto-regra os três votos ou conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, criando assim uma ordem religiosa.

Ordem dos Pregadores

Fundada por Domingos de Gusmão em Tolouse, na França e aprovada em 22 de Dezembro de 1216. Conhecida também por Ordem Dominicana ou Dominicanos. A regra adotada foi a de Santo Agostinho que determinava o caráter ascético da nova ordem e alguns aspectos da vida canônica de seus membros. Quanto à autorização constou de duas cartas. A primeira oficializando a existência canônica da ordem e a segunda estabelecendo sua missão como Ordem dos Pregadores, voltados a expor e defender as verdades da fé cristã.

AS ORDENS MENDICANTES: FRANCISCANOS E DOMINICANOS

O século XII, ao mesmo tempo em que assiste ao surgimento de movimentos heréticos, vê crescer no seio eclesial, novas e renovadas ordens religiosas. **As ordens mendicantes representam** algo totalmente novo na série das ordens religiosas. Elas obrigam os frades e os conventos a uma severíssima pobreza, limitando-lhes as posses ao mínimo necessário. Devem receber o sustento através do trabalho manual e nunca ter contato com o dinheiro.

Dedicavam-se à penitência e à pregação, especialmente ao confessorário. Permaneciam no mundo e nele agiam. Numa época de **clero rico**, descomprometido, retomando a imitação de Cristo, os mendicantes injetam novas correntes vitais de santidade na cristandade.

A Ordem Terceira representa uma característica importante entre as ordens mendicantes, já que a espiritualidade mendicante é levada à vida matrimonial e profissional.

Esses “**irmãos da penitência**” permaneciam na família, mas vivendo sob certas regras, algumas revolucionando a sociedade: não podiam levar armas nem fazer guerra, quem tivesse riqueza ou terra roubadas, deveria devolvê-las, manter uma caixa de socorro aos pobres, etc. Era a vida religiosa fermentando vigorosamente a sociedade medieval. Os **franciscanos** formam a primeira grande ordem mendicante.

Francisco de Assis (+1226) é o representante mais célebre do **ideal da imitação de Jesus** na vivência da pobreza. Sua espiritualidade está atenta à pessoa de Jesus, também nos sofrimentos. Vivendo a pobreza, critica a riqueza, mas não a Igreja, tanto que recebe a aprovação papal. Centros de sua

vivência espiritual são o mistério da encarnação e a Eucaristia. Francisco é o cantor da criação, o cantor de todas as criaturas. Tudo lhe revela a presença e a glória de Deus. É um irmão universal.

Em 1300, os franciscanos constituíam 1400 comunidades e 35 mil membros. **Clara de Assis (+1253) trouxe a vida franciscana para o mundo feminino**, fundando a **Ordem das Clarissas**, que vivem o ideal da pobreza na vida contemplativa. Se Francisco quis ser seguido por irmãos de penitência, pregadores sem muita formação, **Domingos de Gusmão(+1221)** funda uma nova ordem mendicante, os **Dominicanos**, mas constituída de pregadores, homens preparados para converter hereges.

Na comunidade dominicana o estudo tem importância fundamental. Em 1300, existiam 600 comunidades e mais de 12 mil membros. Além dessas ordens, devemos citar as dos **carmelitas(1191)**, **agostinianos(1233-1244)**, **cônegos regulares**, **premonstratenses**, **cistercienses**, **Capuchinhos**, **Marianos**, **Opus Dei**, **Jesuitas (1540)** Opus Dei, Marianos, Capuchinhos.

MENDICANTES E INQUISIÇÃO

A Inquisição veio combater todas as formas de heresia e de contestação institucional. Mas conseguiu pouco. A grande obra de conversão foi realizada pelos mendicantes: eles viviam na Igreja o ideal da simplicidade, da pobreza e da piedade evangélicas e o colocavam ao alcance de todos.

COMPANHIA DE JESUS

Os jesuítas eram padres da Igreja Católica que faziam parte da Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola. A Companhia de Jesus foi criada logo após a Reforma Protestante (século XVI), como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo. Portanto, esta ordem religiosa foi criada no contexto da Contra-Reforma Católica. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de Tomé de Souza.

Objetivos dos jesuítas:

- Levar o catolicismo para as regiões recém descobertas, no século XVI, principalmente à América;
- Catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica;
- Difundir o catolicismo na Índia, China e África, evitando o avanço do protestantismo nestas regiões;

- Construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo.

Podemos destacar os seguintes jesuítas que vieram ao Brasil no século XVI: Padre Manoel da Nóbrega, Padre José de Anchieta e Padre Antônio Vieira. Em 1760, alegando conspiração contra o reino português, o marquês de Pombal expulsou os jesuítas do Brasil, confiscando os bens da ordem.

A ordem dos jesuítas foi extinta pelo papa Clemente XIV, no ano de 1773. Somente no ano de 1814 que ela voltou a ser aceita pela Igreja Católica, graças ao papa Pio VII.

OPUS DEI

Opus Dei – expressão em latim que significa “Obra de Deus” – foi fundado pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá em 1928. Trata-se de uma prelazia pessoal, figura jurídica da Igreja Católica que está prevista no Código de Direito Canônico (a constituição da Igreja). Ela dá aos seus membros o direito de seguir ordens do prelado (o líder máximo do Opus, que fica em Roma), em vez de obedecer à autoridade católica regional. Simplificando grosseiramente, é como se o grupo fosse um braço independente da Igreja, que não deve explicações a mais ninguém além do papa.

Com 70 mil seguidores há cerca de 25 anos, somam hoje são aproximadamente 87 mil. No Brasil são cerca de 1.700 militantes.

A influência que a “Obra de Deus” exerce sobre o Vaticano pode ser medida pelo processo incrivelmente rápido de canonização de Escrivá – o 2º mais breve na história da Igreja Romana, atrás apenas do de madre Teresa de Calcutá. De acordo com Juan Bedoya, o papa João Paulo 2º chegou ao cargo protegido e impulsionado sobretudo pelo Opus Dei. E o atual sumo pontífice também dá sinais de profunda simpatia pela “Obra.”

O espírito do Opus Dei incentiva a cultivar a oração e a penitência, como meios de manter o empenho por santificar as ocupações habituais. Por isso, os fiéis da prelatura incorporam à sua vida determinadas práticas assíduas: *meditação, assistência diária à Santa Missa, confissão sacramental freqüente, leitura e meditação do Evangelho, etc. A devoção a Nossa Senhora ocupa um lugar importante nos seus corações.*

IDADE MÉDIA- A BUSCA DA ESPIRITUALIDADE

Escolasticismo e Misticismo explicam a fé

Entre o grande cisma do Oriente (1054) e a queda de Constantinopla (até essa altura governada por um imperador cristão e que cai às mãos dos Maometanos turcos em 1453) precedendo por pouco a descoberta do Novo Mundo por Cristóvão Colombo (em 1492), quatro séculos da história cristã se desenrolam e formam de alguma maneira, a entrada na idade da maturidade para a cristandade.

Com efeito, na época medieval, a sociedade secular no Ocidente, mas também numa boa parte do Oriente, é uma verdadeira cristandade. O cristianismo impregnou profundamente todos os domínios da cultura assim como da vida social. Os maiores pensadores do mundo civilizado e dominante sobre o plano político internacional, são cristãos. O século XI dá à Igreja alguns dos seus maiores Doutores: são Pedro Damiano, santo Anselmo de Cantuária, são Bernardo de Claraval, Abelardo, Pedro Lombardo, João Duns Scotus e Guilherme de Ockam.

É chegado o tempo de uma maturidade doutrinal

No século XII, a **devoção mariana** alcança toda a sua importância. São Francisco de Assis e santo António de Pádua, deixam páginas admiráveis de espiritualidade. Jan Van Rysbroeck, Hildegarda de Bingem, Domingos de Gusmão, Catarina de Siena, Juliana de Norwick, Walter Hilton, Hugo de Balma, Tomás à Kempis, Inácio de Loyola, Tereza de Ávila, São João da Cruz, Francisco de Sales e muitos outros, vão deixar impressionantes e edificativos escritos na busca da espiritualidade e santidade.

GALERIA DOS PRINCIPAIS EXPOENTES E MISTICOS CATOLICOS

São Bruno(1030-1101) Fundador da ordem de Cartuxa

*« Para louvor da glória de Deus, Cristo, palavra do Pai por mediação do Espírito Santo, elegeu desde o princípio alguns homens, a quem levou à solidão para uní-los a si em íntimo amor. Seguindo esta vocação, o Maestro Bruno entrou com seis colegas no **deserto de Cartuxa** e se instalou ali » Estatutos 1.1*

Bruno nasceu em Colônia por volta do ano de 1030 e chegou, sendo ainda jovem, a estudar na escola catedralícia de Reims. Adquirido o grau de doutor e nomeado Cônego do Capítulo da catedral, foi designado em 1056 escolaster, isto é, Reitor da Universidade. Foi um dos maestros mais renomeados de seu tempo: «... um homem prudente, de palavra profunda».

Bruno encontra-se cada vez menos a vontade numa cidade onde não escasseiam os motivos de escândalo por parte do alto clero e inclusive mesmo do Arcebispo. Depois de ter lutado com sucesso contra estes problemas, **Bruno experimenta o desejo de uma vida mais entregue exclusivamente a Deus.**

Depois de uma experiência de vida solitária de breve duração, chegou à região de Grenoble onde o bispo, o futuro São Hugo, ofereceu-lhe um lugar solitário nas montanhas de sua diocese. No mês de junho de 1084 o mesmo bispo conduziu Bruno e seus seis colegas ao deserto do maciço montanhoso de **Chartreuse (Cartuxa)** que dará seu nome à Ordem. Ali constroem seu eremitério formado com algumas casinhas de madeira que se abrem a uma galeria, que permite aceder sem sofrer demasiado pela intempérie do tempo aos lugares de vida comunitária: A igreja, o refeitório e o Capítulo.

Depois de seis anos de aprazível vida solitária, Bruno foi chamado pelo Papa Urbano II (que fora seu aluno em seu tempo de maestro) ao serviço da Sede Apostólica. Crendo sua novel comunidade que não poderia continuar sem ele, sua Comunidade pensou primeiramente em separar-se, mas finalmente se deixou convencer por continuar a vida na qual tinham sido formados. Conselheiro do Papa, Bruno não se sentia à vontade na Corte Pontifícia. Ele permaneceu somente uns meses em Roma. Com a aprovação do Papa fundou um novo eremitério nos bosques da Calábria, ao sul da Itália, com alguns novos colegas. Ali faleceu a seis de outubro do ano de 1101.

O Caminho Cartusiano

O fim : a contemplação

O **fim principal** do caminho cartusiano é a CONTEMPLAÇÃO. Viver tão continuamente quanto seja possível à luz do amor de Deus para conosco, manifestado em Cristo, pelo Espírito Santo.

Isto supõe de nossa parte a **pureza de coração**, ou a **caridade**: «Ditosos os limpos de coração, porque eles verão a Deus.» (Mt 5, 8)

A tradição monástica chama a este fim a **oração pura e contínua**.

Os **frutos** da contemplação são: a liberdade, a paz, a alegria. Mas a unificação do coração e a entrada no **repouso contemplativo** supõem um longo caminho. Os nossos Estatutos o descrevem da maneira seguinte:

Aquele que persevera firme na cela e por ela é formado, tende a que todo o conjunto de sua vida se unifique e converta numa constante oração. Mas não poderá entrar neste repouso sem ter-se exercitado no esforço de duro combate, já pelas austeridades nas que se mantém por familiaridade com a cruz, já pelas visitas do Senhor mediante as quais o prova como ouro no crisol. Assim, purificado pela paciência, consolado e robustecido pela assídua meditação das Escrituras, e introduzido no profundo de seu coração pela graça do Espírito, poderá já não só servir a Deus, senão também unir-se a Ele. (Estatutos 3, 2)

Portanto, toda a vida monástica consiste nesta **marcha para o fundo do coração** e todos os valores de nossa vida estão orientados para esse fim. Estes valores ajudam o monge a **unificar a sua vida na caridade** e a introduzi-lo no profundo de seu coração.

Falando com propriedade, este fim não nos distingue dos demais monges contemplativos (Cistercienses, Beneditinos...), mas é o **caminho empreendido**, cujas **características essenciais** são as seguintes:

- **solidão**
- **combinação de vida solitária e de vida comunitária**
- **liturgia cartusiana**

ANSELMO de CANTUÁRIA (1033-1109)

Nasceu em Aosta; foi monge prior e abade do mosteiro beneditino de Bec na Normandia e, depois, arcebispo de Canterbury na Inglaterra. As suas obras principais são: *O Monologium*, onde se propõe demonstrar a existência de Deus com um argumento simples e evidente, capaz de convencer imediatamente o ateu. Anselmo de Aosta é o primeiro grande filósofo medieval, após Scoto Erígena. Também ele é um platônico-agostiniano. O seu lema é: *creio para compreender*, o que significa partir da revelação divina, da fé e não da razão; mas é preciso penetrar depois a fé mediante a razão.

O nome de Anselmo de Aosta é ligado ao famoso argumento *ontológico*, *a priori*, para demonstrar a existência de Deus; este argumento é contido no *Proslogium*. Pretende ele demonstrar a existência de Deus, partindo do mero conceito de Deus. O conceito que temos de Deus é o de um ser perfeitíssimo. A não existência de Deus é inconcebível.

BERNARDO DE CLARAVAL (1090 – 1153)

Bernardo de Claraval nasceu em Fontaine-lès-Dijon, Dijon, França, em 1090. Era filho de um vassalo do duque de Borgonha, ingressou em 1112 no mosteiro de Citeaux (Cister), onde se tornou monge.

Defensor de uma rigorosa reforma da Igreja baseada na volta à pobreza evangélica, ao trabalho manual e à oração, Bernardo de Claraval participou também dos conflituosos fatos históricos de sua época, dividido até o fim de sua vida entre **contemplação e ação**, dialética que percorre ainda a múltipla variedade dos seus escritos.

Bernardo faleceu em **1153**, foi canonizado pelo papa Alexandre III (1174), foi proclamado doutor da Igreja pelo papa Pio VIII, em 1830.

A teologia de Bernardo de Claraval, ligada à tradição e às fontes patrísticas, revela-se profundamente embebida de sentido bíblico.

Rejeita asceticamente, o saber profano como um perigo e um luxo. A verdadeira sabedoria consiste no conhecimento da própria miséria, na compaixão para com a miséria do próximo, na contemplação de Deus, dos divinos mistérios, de Cristo crucificado, e culmina no êxtase. O caminho da sabedoria é a humildade.

A Escritura é para ele a palavra de Deus vivo na Igreja, a história da revelação do amor de Deus em Cristo e, como tal, é mais objeto de oração do que de estudo. Seu programa de vida espiritual pode ser caracterizado como um itinerário que leva do pecado à glória, do conhecimento de si ao retorno a Deus: um "**retorno a Deus**" que se realiza a partir da **humildade**, ou antes do **reconhecimento da própria miséria e pobreza**.

Espírito contemplativo dos mais originais, Bernardo de Claraval é considerado o doutor do monaquismo cisterciense, do qual estabeleceu em fórmulas definitivas o ideal de vida que viria a progredir tanto nos séculos seguintes. Dentre suas obras, devem ser lembradas sobretudo os "Sermones" (Sermões) e os tratados "De diligendo Deo" (Do amor divino) e "De gradibus humilitatis et superbiae" (Graus da humildade e da soberba), além de um copioso epistolário com cerca de 500 cartas.

Bernardo de Claraval introduziu na vida devocional católica uma nota tímida e pessoal de piedade evangélica. Em seus escritos, especialmente em seus comentários sobre Cantares de Salomão, Jesus Cristo ocupa outra vez o centro da adoração cristã. Imitar a Cristo, se torna para Bernardo, a essência da devoção.

PEDRO ABELARDO (1097-1142)

Natural de Bretanha, estudante e, mais tarde, professor famoso em Paris, centro cultural do mundo católico, tornou-se religioso e foi peregrinando por muitos mosteiros e cátedras, após uma aventura amorosa com Heloísa, que lhe acarretou trágicas conseqüências. Acusado de heresia, foi condenado por dois concílios. Abelardo é uma das mais originais figuras do mundo medieval, mesmo faltando-lhe a profundidade e a capacidade sistemática de Santo Anselmo. Em conclusão, Abelardo é, ao mesmo tempo, filósofo e teólogo, grego e cristão, cético e sistemático, com um grande pendor para a crítica e a dialética.

Escreveu as obras seguintes: ***História das Calamidades***, conto biográfico da sua aventura com Heloísa; ***Dialética***; ***Conhece-te a ti mesmo***; ***Sic et non*** (Sim e Não) Obra que agitou os círculos eclesiásticos com seu método filosófico: a chave da sabedoria é a dúvida. No ensaio ético *Conhece-te a ti mesmo* valoriza, na vida moral, o elemento subjetivo, intencional, - elemento descurado na Idade Média - em confronto com o elemento objetivo, legal. Reconhecendo embora que são necessários os dois elementos, a fim de que haja ação plenamente moral, Abelardo sustenta ser mais moral um ato executado com reta intenção, ainda que objetivamente mau, do que um ato executado conforme a lei, mas com intenção má.

HILDEGARDA DE BINGEN (1098-1179)

Abadessa de Rupertsberg, perto de Bingen. Uma das autoras espirituais mais influentes da Idade Média, lembrada principalmente pelos escritos visionários e proféticos, especialmente as “Scivias” que contém 26 visões relacionadas à natureza e ao destino do cosmos. Escreveu “Liber Divinorum Operum” (Livro das Obras Divinas) que trata do tema da formosura da criação.

(McGRATH, Alister. E. Uma Introdução à Espiritualidade Cristã. Ed. Vida. SP. p. 81)

SÃO DOMINGOS (1170-1221)

Domingos (ou Dominique) nasceu no ano de 1170, em Caleruega, pequena localidade na Velha Castela. O pai, Félix de Gusmão, pertencia a uma família de alta linhagem na Espanha

Domingos contava apenas vinte e quatro anos e era considerado um dos mais competentes mestres da vida interior. Dom Diego de Asebes, bispo de Osma, conhecendo os brilhantes dotes de Domingos, convidou-o a incorporar-se ao cabido da diocese, esperando desta aquisição uma reforma salutar do clero. O prelado não se viu iludido nas suas previsões. Domingos em pouco tempo, foi objeto da admiração de todos, como modelo exemplar em todas as virtudes cristãs.

Como cônego de Osma, Domingos percorreu diversas províncias da Espanha, pregando por toda a parte a palavra de Deus, pela conversão dos pecadores, cristãos e maometanos.

A santidade de Domingos, seu rigoroso **ascetismo**, seu **zelo** inflamado, sua inalterável doçura, sua convincente eloquência, começaram a produzir frutos esplêndidos. Muitas conversões se operaram, e em torno dele foi se juntando um grupo de jovens para receber sua direção e imitar seu exemplo. Esse foi o núcleo inicial do que seria depois **a Ordem dos Predicadores ou Dominicanos**.

Domingos, foi à Roma, e conseguiu do Papa Honório III, a aprovação da ordem, que veio a ser chamada **Ordem dos Pregadores**. Nomeado o primeiro superior, fez a profissão nas mãos do Papa.

Inocêncio III concedeu sua primeira aprovação à Ordem nascente em **1215** e propôs no Concílio de Latrão, a todas as igrejas, aquele programa de **renovação cristã** e vida apostólica.

São Domingos morreu no dia 06 de agosto de 1221, na idade de 51 anos.

A virtude que mais caracteriza a vida desse grande santo é o zelo, não só de preservar a alma de todo o pecado, como também salvar a alma do próximo.

TOMÁS DE AQUINO (1224-1272)

Foi o mais célebre filósofo e teólogo do período medieval. Afirmou que o “máximo que o homem pode saber é que ele não conhece a Deus”. Aquino se celebrou com a formulação das famosas “**Cinco maneiras de provar a existência de Deus**”, por meio da teologia natural, juntando fé e razão, que consistiam de argumentos filosóficos extraídos da filosofia aristotélica.

JOHANNES MEISTER ECKHART (1260 – 1328)

Um dos mais famosos **místicos** da Idade Média, neste momento em plena fase de "redescoberta". Eckhart nasceu em Hochheim, Alemanha, em 1260. Aos 15 anos entrou para a ordem dos dominicanos. Foi vigário da Turíngia e depois provincial dos dominicanos na Saxônia. Nesse período, envolveu-se em intensos debates teológicos, divergindo muito dos franciscanos. A partir de 1314, morando em Estrasburgo, pregou para um grupo de freiras contemplativas. A audácia e amplitude do seu pensamento (com vigorosas incursões pela metafísica), aliadas às disputas teológicas que caracterizaram o período, provocaram uma bula de 1329 (quando ele já tinha falecido - Eckhart faleceu em 1328) em que o papa João XXII (segundo se diz, muito a contragosto) condenava 28 conceitos extraídos de suas obras (17 como heréticos e 11 como mal sonantes ou temerários). Antes que isso acontecesse, Eckhart já tinha apresentado, publicamente, a sua retratação por quaisquer impropriedades que o Vaticano viesse a encontrar em seus textos.

Muitos místicos seguiram e admiraram Mestre Eckhart, entre eles: Johannes Tauler, o beato Henrique Suso, santa Juliana de Norwich, o beato Ruysbroeck, Walter Hilton e o cardeal Nicolau de Cusa; mais tarde, foram influenciados por ele, santa Teresa de Ávila e São João da Cruz.

JAN VAN RUYSBROECK (1293-1381)

Jan van Ruysbroeck, chamado 'o Admirável', foi um místico belga, de expressão flamenga, nascido em 1293, na aldeia que lhe deu o nome, nas proximidades de Bruxelas.

Depois de estudos em Bruxelas, Jan van Ruysbroeck foi ordenado sacerdote em 1317. Ali permaneceu a serviço da catedral de Santa Gúdula. Por volta dos seus 50 anos se retirou para uma ermida numa floresta, acompanhado por seu tio e outros amigos. Ali iniciaram uma vida austera, meio eremítica e meio conventual, alternando a oração com o trabalho. Ao ser organizada a comunidade em mosteiro regular, foi eleito seu primeiro Prior, em 1350, fato que gerou ao mesmo tempo sua grande influência. Ruysbroeck era procurado por inúmeras pessoas procurando orientação espiritual e mística.

Obras (cerca de 12):

- O Adorno das Bodas Espirituais, em três livros, respectivamente sobre as formas da vida ativa, vida interior, e vida contemplativa;
- O Livro de Quatro Encantos;
- Da Fé Cristã;
- O Espelho da Salvação Eterna, em que a alma se espelha como imagem de Deus;

- Ensino da Bíblia sobre Cristo;
- O Tabernáculo, imaginando sete moradas no interior da alma;
- O Reino dos Amantes de Deus, sobre os dons do Espírito Santo;
- O Livro da Verdade Suprema, explicando os dons a que se refere o anterior;
- O Livro dos Sete Claustros, ou sete renúncias;
- As Doze Virtudes, as virtudes que servem de meios para atingir a contemplação;
- Quatro Tentações, em que, entre outros temas, é refutado o panteísmo dos "irmãos do livre espírito".

Nos seus escritos Ruysbroeck expôs uma espiritualidade que abandona o formalismo intelectualista da escolástica de até então, enveredando por um misticismo mais acentuado e por uma linguagem simbólica.

Ruysbroeck exerceu enorme influência na teologia mística dos séculos posteriores. É um dos autores que teve a influência mais profunda e universal na teologia mística. É um dos maiores autores ascético-místicos de todos os tempos.

Os textos de Ruysbroeck, que usa o flamengo, se destinam ao leitor simples. Ele inspirou muitos outros autores, tanto do mesmo flamengo, como de outras línguas para as quais se operou tradução. Caracterizam-se pelo uso de imagens sensíveis, através das quais Ruysbroeck busca mostrar uma verdade mais ao fundo.

Ruysbroeck constitui uma ponte entre a escola alemã de Eckhart, Tauler e Henrique Suso, da qual aprendeu muito, e a "Devotio Moderna", a qual ensinou muito.

Ruysbroeck faleceu com 88 anos, em 1381, em vida de santidade e rodeado por numerosos discípulos.

<http://coracaomistico.blogspot.com/2007/12/ruysbroeck.html>

HUGO DE BALMA (SÉC. XIII)

Não há registros do ano de nascimento e morte de Hugo. Foi um importante escritor de espiritualidade, produziu uma obra "Os Caminhos de Sião", onde apresenta o clássico "**triplo caminho do desenvolvimento espiritual purgativo**".

- Via purgativa** – Purificação da alma do seu pecado que, ao contaminá-la, a impede de alcançar o crescimento espiritual. Uma vez expurgado o pecado, o cristão poderia prosseguir pela próxima via.
- Via Iluminativa** – Ou caminho da iluminação, por meio da qual a alma é esclarecida com raios de sabedoria divina pela meditação nas Escrituras e vida de oração.
- Via unitiva** – O caminho da união, por meio do qual a alma se une a Deus. A mente é elevada por Deus acima de toda a razão, compreensão e inteligência.

Ludolfo da Saxônia (1300-1378)

Iniciou sua vida religiosa na "Ordem dos Pregadores" obtendo qualificação em Teologia. Depois uniu-se aos Cartuxos. Ludolfo é lembrado principalmente pelo livro

Vita Christi (Vida de Cristo) o livro Cartusiano, impresso em Lisboa em 1495, foi o primeiro livro impresso na língua portuguesa; e levado pelos navegantes portugueses, chegou até a Índia, no Oriente, e até o Brasil, no Ocidente. Inácio de Loyola em seus “Exercícios Espirituais” transpira a leitura de Ludolfo.

JOHANNES TAULER (1300-1361 d.C)

Johannes Tauler foi discípulo de Eckhart e dominicano como ele. Nascido em Estrasburgo, em 1300, ingressou no convento dominicano dessa cidade em 1318 e depois foi para o Studium generale de Colônia, onde realizou seus estudos. por volta de 1325 foi ordenado padre dominicano.

Foi aí que encontrou provavelmente o mestre Eckhart. Quase toda a sua vida transcorreu em Estrasburgo, onde se dedicou ao ensino e, em especial, à pregação. Não escreveu nenhuma obra. De seus famosos sermões, que vários ouvintes colocaram por escrito, somente 81 são considerados autênticos. Obedece uma linha tomista, mas com ressonâncias do neoplatonismo de Porfírio e Proclo. Sua mística é orientada para a Ética. Foi intimamente associado aos líderes de um movimento místico novo chamado "os Amigos de Deus", que dedicavam-se a espalhar os ensinamentos de Eckhart.

Sobre o plano da doutrina eckhartiana da união da alma com o uno, Tauler constrói sua doutrina da “essência da alma”, a qual também chama, “união íntima da alma” e “redueto inominável”, como é o próprio Deus. Nessa essência, para além da própria essência da alma, reinam um silêncio e um repouso perpétuos, sem imagens, sem conhecimentos, sem ação, em pura receptividade em relação com a luz divina. Tal é a concepção mística de Tauler, baseada na possibilidade de retorno de uma alma criada por Deus à sua idéia incriada em Deus.

— No pensamento de Tauler ocupa um lugar central a teoria do Gemüt ou disposição estável da alma, que condiciona a atuação de todas as suas faculdades. É o coração ou a tendência original do homem enquanto filho de Deus, sua aspiração absoluta ao bem absoluto. É como uma agulha magnética que se volta, infalivelmente, para o norte. O homem pode desviá-la, mas jamais mudar sua tendência original. Está presente em todo homem e não se extingue em nenhum ser humano, nem sequer nos condenados.

— Sendo o Gemüt a atitude estável e permanente da alma com sua própria essência, deve transformar-se de impulso vago em consciência luminosa do fim, libertando-se de pensamentos, desejos e afetos até conseguir o pleno desprendimento de tudo. Esse impulso, tendência, coração, ímã que é o Gemüt deve tornar-se liberdade absoluta, desprendimento, respeito pelas criaturas, para transformar-se em liberdade absoluta no caminho que leva a Deus.

— O processo de retorno a Deus acontece em três etapas: o amor doce, o amor sábio e o amor forte. Nesse caminho, a alma despoja-se de sua condição de criatura e identifica-se na “essência” com o próprio Deus. “Perde-se em Deus e mergulha no mar sem fundo da divindade”. A alma pode, então, entregar-se completa e confiadamente a Deus. Isso não quer dizer que Tauler afirme, como se disse, que a alma se torne divina, idéia na qual tanto insistiu seu mestre Eckhart.

A influência de Tauler é notável na história da espiritualidade cristã e particularmente notável é a que exerceu sobre Lutero. Este sentia uma profunda estima por Tauler,

cujas obras utilizava com frequência, anotando-as pessoalmente. “Dele tomou uma espiritualidade profunda, uma imensa confiança na misericórdia divina, a convicção da própria incapacidade e o desprezo pelas próprias ações. A edição impressa em Augsburg em 1508 foi lida e apreciada por Lutero. Ele referia-se a sua teologia, similar a dos antigos, em carta a Spalatin em 1516. Ele admirava o descrédito de Tauler às obras, sua defesa de uma completa submissão à vontade de Deus e suas notas sobre os sofrimentos que atormentam as almas devotas. Mas Lutero não aceitava o ensinamento místico de Tauler, levando-o até a substituir termos adotados por Tauler, como, por exemplo, trocando a expressão "centelha da alma" pela palavra "fé". Johannes Tauler caiu doente em 1360, sendo tratado por sua irmã, freira dominicana. Morreu em 16 de junho de 1361. Seu túmulo pode ser visitado na igreja luterana em Strasburg.

WALTER HILTON (1340-1396)

Walter Hilton nasceu em 1340, em Thurgarton Priory. Foi escritor e místico inglês. Viveu alguns anos como eremita e logo tornou-se cônego Regular Agostiniano. Estudou teologia em Paris e foi ordenado sacerdote. Pregou o caminho da introspecção em “**A Escala da Perfeição**”, obra destinada aos reclusos.

Walter Hilton estudou em Cambridge, 1357-1382, começando então os seus estudos em direito canônico, antes de se tornar num Cônego Agostiniano em Thurgarton, cerca de 1386. Sentiu-se atraído pela vida solitária.

Hilton é considerado um dos grandes místicos ingleses. Sua obra "A Escala da Perfeição", escrita em inglês, trata de restabelecer a imagem confusa de Deus na alma em duas etapas: a) pela fé; b) pela fé e a experiência sensível. Deus encontra-se separado da alma por uma "noite escura". A alma afastada das coisas terrenas é dirigida pela fé até as coisas do espírito. No final está a verdadeira imagem do Deus vivo. Hilton escreveu também outras obras espirituais em latim. Walter Hilton morreu em 1396.

JULIANA DE NORWICH (1342-1421)

Juliana nasceu em 1342 e faleceu em Norwich, Inglaterra em 1421. Foi freira Beneditina, reclusa em Norwich. Experimentou 16 revelações.

O seu livro “Revelations of Divine Love” (Revelações do Amor Divino) que é um excepcional trabalho sobre o **amor de Deus**, na Encarnação, Redenção e na Divina Consolação. Ela escreveu sobre o pecado, penitência e outros aspectos da vida espiritual e seus trabalhos brilhantes atraíram estudiosos de toda a Europa. Ela é chamada Santa, mas na verdade não foi formalmente canonizada.

Entre as místicas inglesas nenhuma é mais notável que Lady Juliana que viveu perto de Norwich, em uma ermida de três quartos no quintal da igreja de Conisford. Absolutamente nada é conhecido da sua vida antes de se tornar uma Beneditina reclusa. De fato nem sabemos se seu nome era esse mesmo ou a ela foi dado o nome da cela em que ela vivia.

Em 1393 Lady Juliana era uma reclusa e tinha dois serventes que a atendiam quando atingiu a idade avançada. Ela recebeu 16 revelações e passou 20 anos meditando

sobre elas. As revelações foram seguidas de estado de êxtase, da Paixão de Cristo e da Trindade, etc...

Para Juliana de Norwich, a maternidade, representa a plenitude de Deus em criar, redimir e chamar o mundo à liberdade. Igualmente, também Jesus Cristo “é a nossa verdadeira Mãe”, que nos nutre e não permite que morramos, porque o amor da mãe é o amor total que não admite derrota. Na época de sua morte ela tinha uma vastíssima reputação e atraía visitantes de toda a Inglaterra para a sua cela.

CATARINA DE SIENA (1347-1380)

Santa Catarina de Siena nasceu a 25 de Março de 1347, tendo falecido a 29 de Abril de 1380. Era filha de um tintureiro, chamado Giacomo di Benincasa. Seus pais, com forte sentido religioso e familiar, influenciaram a jovem Catarina. Aos 7 anos de idade, Catarina consagrou a sua virgindade a Cristo e, aos 15 anos, ingressou na Ordem Terceira de São Domingos, tendo encarado a sua clausura como uma prova de amor a Cristo. Catarina abandonou a cela quando a peste se alastrou pela Europa para tratar dos enfermos e abandonados. Reza a história que, nessa altura, teve uma visão e ficou estigmatizada. Na visão, Cristo ter-lhe-ia dito que ela daí para diante passaria a trabalhar pela paz e mostraria que uma *mulher fraca pode envergonhar o orgulho dos fortes*.

No ano de 1376, quando a Itália estava envolvida em graves disputas políticas à volta do papado, organizaram-se em cidades como Peruggia, Florença, Pisa e de um modo geral em toda a Toscana, revoltas contra o poder do Papa Gregório XI.

Catarina vai a Avinhão e consegue convencer o Papa a regressar a Roma, contribuindo dessa forma para a pacificação entre a Igreja e a Itália. De regresso a Roma, o Papa vem a adoecer pouco depois falecendo a 29 de Abril de 1380. O sucesso deste regresso foi de pouca duração, pois a eleição do novo papa vem mergulhar a cristandade em nova divisão originando o Grande Cisma do Ocidente.

Embora analfabeta, Catarina ditou imensas cartas endereçadas, quer a papas, quer a reis. O livro ***Diálogo sobre a Divina Providência***, que testemunha o misticismo cristão, é-lhe atribuído. O Papa João Paulo II declarou Santa Catarina de Siena como co-padroeira da Europa.

Thomas Haemerken ou Tomás de Kempis (1380-1471)

Agostiniano, nascido na localidade alemã de Kempten, na Diocese de Colônia, próximo a Düsseldorf, na Renânia, autor do livro devocional *De imitatione Christi* (**A Imitação de Cristo**), tido como a mais importante obra da literatura cristã, depois da Bíblia.

Filho de um artesão e de uma professora, John e Gertrudes Haemerken, seguiu seu irmão mais velho John Haemerken, e foi estudar em Deventer (1392), na Holanda, centro religioso e sede dos **Irmãos de Vida Comum**.

Ordenou-se (1413), passando a dedicar sua vida à cópia de manuscritos e ao ensino de noviços.

Escreveu numerosos textos teológicos e espirituais, tendo como expoente a Imitação de Cristo. Esse livro escrito em estilo simples, enfatiza a vida espiritual, afirma a comunhão como prática para fortalecer a fé e encoraja uma vida pautada no exemplo

de Cristo. Contem aforismos agrupados sob quatro títulos gerais: a vida espiritual, coisas interiores, consolação interior e a santa comunhão.

Para muitos críticos de literatura seus textos são provavelmente a melhor representação da “**devotio moderna**”, um movimento religioso criado por Gerhard Groote ou Gerardus Magnus, fundador da Irmandade da Vida Comum.

Será surpresa para muitos saber que *A Imitação de Cristo* vem sendo, por quinhentos anos, o livro devocionário cristão mais lido em todo o mundo. Ninguém conhece quantas edições já apareceram nas várias línguas para as quais este grande clássico foi traduzido, depois que a primeira impressão em latim foi completada em Augsburg, em 1486.

Os que amam *A Imitação de Cristo*, encontram nele um encanto que só poderia vir da mente de um homem, totalmente imbuído da Palavra de Deus. O livro foi chamado: “o mais fino e primoroso documento depois daqueles do Novo Testamento, de todos que o espírito cristão já inspirou”. Muitos o consideram como superado apenas pela Bíblia.

INÁCIO DE LOYOLA (1491-1556)

Nascido possivelmente a 24 de Dezembro de 1491, recebeu o nome de Íñigo López e nasceu na localidade de Loiola (em castelhano Loyola, no atual município de Azpeitia. Inácio foi o mais novo de treze irmãos e irmãs. O seu pai morreu quando Inácio tinha sete anos de idade. Em 1517, Inácio tornou-se guerreiro. Severamente ferido na batalha de Pamplona (20 de Maio de 1521), ele passou meses como inválido, no castelo de seu pai.

Fundação da Companhia de Jesus

A 15 de Agosto de 1534, ele e os outros seis, fundaram a Companhia de Jesus na Igreja de Santa Maria, em Montmartre, “*para efetuar trabalho missionário e de apoio hospitalar em Jerusalém, ou para ir aonde o papa quiser, sem questionar*”. Em 1537 eles viajaram até Itália para procurar a aprovação papal da sua ordem. O papa Paulo III concedeu-lhes uma recomendação e permitiu que fossem ordenados padres. Foram ordenados em Veneza pelo bispo de Arbe (24 de Junho).

Devotaram-se inicialmente a pregar e às obras de caridade na Itália. Na companhia de Faber e Lainez, Inácio viajou até Roma em Outubro de 1538, para pedir ao papa a aprovação da nova ordem. A congregação de cardeais, deu um parecer positivo à constituição apresentada em 27 de Setembro de 1540. A ordem dedicou-se à tarefa da catequese e educação através das quais combatia o protestantismo, reafirmando os dogmas católicos.

Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola

*“por **Exercícios Espirituais** entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente e outras atividades espirituais... Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas e, tendo-as afastado, procurar e encontrar a vontade de Deus, na disposição de sua vida para o bem da mesma pessoa”*

Como se desenrolam os Exercícios inicianos

Lembramos antes de tudo que os Exercícios Espirituais não são um tempo de estudo ou uma simples concentração e oração. São busca: " Como o passear, o caminhar, o correr são exercícios físicos, assim se chamam Exercícios Espirituais todo modo de preparar e dispor a alma em tirar todos os afetos desordenados e, após tê-los tirados, procurar e achar a vontade de Deus na disposição de própria vida, para a salvação da própria alma" (Es. Sp.Ann.1).

A finalidade fica clara: **esforçar-se ordenar sua vida segundo o projeto de Deus.** Eis o modo de proceder.

S. Inácio recomenda antes de mais nada, fazer os Exercícios Espirituais num lugar diferente do próprio ambiente costumeiro. Por isso os jesuítas deram vida às chamadas "Casas de Exercícios", organizadas em modo de permitir aquela concentração, aquele "deserto" também exterior, aquele "silêncio" que facilite a ação da Graça em nós.

Começa-se com uma consideração fundamental (S. Inácio chama de "Princípio e fundamento"): para que finalidade Deus nos criou? A razão. Iluminada pela fé, dá a resposta: o homem foi criado por Deus e para Deus. Todo bem foi colocado a disposição do homem para que o auxilie a conseguir esta finalidade. Por isso, precisa o homem fazer disso um uso razoável. Precisamos assim adquirir liberdade de espírito e um perfeito controle de nossos instintos, por meio daquela que Inácio chama de "indiferença", que não é apatia, mas autocontrole e equilíbrio espiritual.

Feito isso, Inácio passa aos Exercícios verdadeiros, que ele divide em quatro semanas, entendidos como assuntos a tratar e não segundo o número dos dias.

Exercícios em 4 Etapas

São assim 4 etapas, que podemos lembrar com quatro tradicionais palavras latinas, cada qual expressa a finalidade.

Iª Semana (etapa): "*Deformata reformare*", eliminar da alma as deformações causadas pelo pecado. É um modo de se conhecer a nós mesmos e a grave desordem criada pelo pecado em nossa vida, além do perigo de danação ao que fomos expostos! Para não cair na desconfiança, Inácio nos faz contemplar a imagem do Salvador Crucificado, morto para nos salvar da morte eterna.

IIª Semana (etapa): "*Reformata conformare*". Somos convidados a nos revestir do Cristo e de sua armadura. O homem "reformado" deve "se conformar" ao Cristo: pobre como ele; ardente de amor para o Pai e os irmãos. É o tempo da "reforma" ou da opção do estado de vida: como eu, na prática, preciso seguir Cristo?

IIIª Semana (etapa): "*Conformata confirmare*". Isto é, fortalecer os propósitos de adesão a Cristo, por meio da contemplação de Aquele que foi obediente até a morte na cruz. O grito do Filho: "Pai, se for possível, afasta de mim este cálice", precisa continuamente nos lembrar a segunda parte desta súplica: "Mas não a minha, e sim a tua vontade seja feita". Nesta etapa nos confirmamos nas decisões tomadas.

IVª Semana (etapa): "*Confirmata transformare*". "Eu não morro: entro na vida", escreveu S. Teresa de Lisieux ouço antes de morrer. E, de fato, a Igreja canta: "Vita mutatur, non tollitur", isto é, "a vida não é tirada com a morte, e sim transformada". A morte de Jesus na cruz coincidiu com o começo do Cristianismo. "Quem perde sua vida por causa de mim, a encontrará", diz Jesus no Evangelho. E a vida do Ressuscitado é a esperança de quem faz os Exercícios nesta etapa final.

No fim dos Exercícios, S. Inácio propõe uma maravilhosa contemplação para alcançar o Amor puro de Deus (chamada "contemplatio ad amorem"). Com o pensamento se volta à Criação e à Redenção, para descobrir como e quanto Deus nos ame! E a alma fica com um único desejo que se expressa na oração:

"Oh Senhor, dá-me teu amor e tua graça: isto me basta!

TEREZA DE ÁVILA – (1515-1582)

Teresa de Cepeda y Ahumada nasceu no dia 28 de Março de 1515 em Ávila, na Espanha. Por isso, ela também é conhecida como *Santa Teresa de Ávila*. Desde pequena teve personalidade forte e marcada pela determinação e coragem. Aos 20 anos de idade, não querendo se casar, como seu pai desejava, fugiu de casa para o convento das carmelitas de Encarnación de Ávila, onde vivia uma amiga sua. Depois de 27 anos vivendo ali (de 1535 a 1562), percebendo algumas dificuldades daquele mosteiro, resolveu, com algumas amigas, fundar o convento de São José, em Ávila.

Ao sair do mosteiro de Encarnación, Teresa assumiu o nome religioso de *Teresa de Jesus*, com que assinaria os seus escritos pelo resto da vida.

Esta primeira fundação se deu em 1562. Depois desta, as fundações dos novos conventos carmelitas "descalços" fez com que a Madre tivesse uma vida cheia de viagens por Castela e pela Andaluzia. Teresa ainda escreveu muito. Algumas de suas obras até hoje são conhecidas por suas qualidades literárias e pela profundidade em termos teológicos e místicos, apesar de terem sido escritas em linguagem simples e coloquial. As principais obras escritas de Santa Teresa são: **Livro da Vida** (sua autobiografia, em que conta desde sua infância até a fundação de São José de Ávila), **Caminho de Perfeição** (um guia de oração direcionado, principalmente, às religiosas de seu convento), **Livro das Fundações** (livro de cunho mais histórico, em que conta as peripécias das fundações de seus conventos) e **Moradas do Castelo Interior** (maior tratado de espiritualidade escrito por ela, em que compara a alma a um castelo, onde devemos encontrar, por meio da oração, nosso Rei, que é Deus). Ela foi a primeira mulher reconhecida como Doutora da Igreja, em 1970, pelo Papa Paulo VI, título antes apenas concedido a santos homens, como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São João da Cruz.

Teresa de Jesus morreu santamente no dia 4 de Outubro de 1582, com 67 anos de uma vida intensamente vivida, de doação a Deus e aos irmãos.

LORENZO SCUPOLI (1530-1610)

Lorenzo Scupoli nasceu em 1530 em Otranto, Espanha. Em 1571 ele fez profissão religiosa e no Natal de 1577, recebeu a Ordem sacerdotal.

Acusado e julgado por um suposto "crime" pelo Capítulo Geral da sua ordem, em 1585 foi suspenso e reduzido à categoria de irmão leigo. Nesta condição permaneceu, até a véspera da sua morte, em Nápoles, em 28 novembro de 1610. Escreveu um livro que aparece primeiro em Bolonha em 1589 intitulado **“Combate Espiritual ou Batalha Espiritual”**. Até 1750, a obra já havia atingido 250 edições.

O “Combate Espiritual” é um clássico do valor inestimável, que na sua simplicidade e profundidade é considerado o melhor tratado sobre Perfeição Cristã. O combate espiritual, de Dom Lorenzo Scupoli, escrito no fim do século XVI, é um dos mais

famosos tratados da vida espiritual e mostra a luta interna contra as tentações. São Francisco de Sales, também mestre nessa matéria e Doutor da Igreja, levava-o em seu bolso durante 18 anos, lia-o diariamente e o recomendava às pessoas que dirigia.

Embora escrito há mais de 450 anos, ele tem uma atualidade impressionante.

“A vida espiritual consiste em conhecer a infinita grandeza e bondade de Deus, junto a um grande senso de nossa própria fraqueza e tendência para o mal.” Lorenzo Scupoli

SÃO JOÃO DA CRUZ (1542-1591)

São João da Cruz é um homem misterioso, não deixou relatos sobre sua vida, não se preocupou em contar sua história, apesar dela confundir-se com a formação histórica duma nova congregação religiosa: o carmelo descalço. Notícias sobre sua vida chegam até nós por intermédio de terceiros, pessoas que conviveram com ele ou participaram de sua intimidade.

Nasceu em Fontiveros, Espanha, no ano 1542. Uma cidade de cinco mil habitantes neste tempo, localizada entre Ávila e Salamanca, com amplos e luminosos horizontes. Uma família pobre essa de seus pais, Gonzalo de Yepes e Catalina Alvarez.

Por volta de 1543 morre seu pai, Gonzalo de Yepes, fato que acentua ainda mais as dificuldades financeiras da família. Quando João conta já uns 6 anos, muda-se com a família para Medina del Campo, onde começa a aprender a ler e escrever no colégio dos “niños de la Doctrina”(instituição que atendia meninos pobres, onde eles eram alimentados, vestidos e ainda aprendiam a ler, escrever e a doutrina cristã) . Medina é uma cidade maior, com uma população de uns 30 mil habitantes naquela época.

De 1559 a 1563 estudou no Colégio da Companhia de Jesus, onde cursou gramática, retórica e artes. Quando sai, com 21 anos, assume a vida religiosa no Carmelo.

Faz os votos religiosos em 1564 e se muda para Salamanca, onde fará os estudos de filosofia e teologia.

João da Cruz dedica-se fundamentalmente às funções de mestre de noviços, formador espiritual e ideólogo da incipiente Reforma. Por outro lado, crescem as animosidades de seus ex-confrades para com esse movimento. Na noite de 2 de dezembro de 1577, João é seqüestrado e preso por esses frades no convento de Toledo. Fica aí preso até conseguir escapar em meados de 1578.

Em Ubeda, João adoece e a enfermidade se revela intratável. Segundo testemunhos dos que o acompanharam nesse momento, o santo deve ter suportado muitos sofrimentos, e suportou-os em silêncio. Na passagem de 13 para 14 de dezembro, morre, tendo como últimas palavras as mesmas do Cristo crucificado: “Em tuas mãos, Senhor, entrego meu espírito”.

FRANCISCO DE SALES (1567-1622)

Primogênito do Barão de Boisy, nasceu Francisco em 1567 no castelo de Sales, na Sabóia, naquele tempo um país independente que abarcava territórios hoje pertencentes à França, Itália e Suíça.

Na juventude nasceu-lhe um grande desejo de consagrar-se inteiramente a Deus. Mas seu pai tinha outros planos. Foi mandado a Paris para estudar no colégio dos jesuítas e se formou em direito canônico.

Conheceu a doutrina de Calvino sobre a predestinação, e não conseguia tirar da cabeça a idéia fixa de que ia se condenar. Mais tarde, tornou-se um ferrenho combatente dos calvinistas em Genebra.

Feito bispo em Genebra, Sua diocese tornou-se muito conhecida na Europa por motivo de sua organização eficiente, seu clero zeloso e os leigos bem esclarecidos; uma realização monumental naquela época. A sua fama como diretor espiritual e escritor aumentava. Convenceram-no que reunisse, organizasse e expandisse suas muitas cartas e folhetos sobre assuntos espirituais e as publicasse. É o que ele fez em 1609, com o título **Introdução à Vida Devota**. Essa se tornou a sua obra mais famosa e, ainda hoje, é uma obra clássica que se encontra nas livrarias no mundo inteiro. Mas o seu projeto especial foi o escrito do **Tratado do Amor de Deus**, fruto de anos de oração e trabalho. Este também continua sendo publicado hoje. Ele queria escrever também uma obra paralela ao Tratado, ou seja, sobre o amor ao próximo, mas a sua morte no dia 28 de dezembro de 1622, aos 55 anos de idade.

MIGUEL DE MOLINOS (1628 – 1697)

O sacerdote católico espanhol, Miguel de Molinos aparece como sendo um dos mais controvertidos personagens da história da Igreja Católica. Miguel de Molinos nasceu em 1628, em Saragoça, Espanha, em berço abastado. Embora o material de pesquisa sobre sua família seja escasso, supõe-se que Molinos tenha sido um dos últimos filhos, senão o mais novo, de uma nobre família dessa região, pois era costume da época que os filhos mais jovens da nobreza fossem confiados à Igreja para serem preparados à vida religiosa. Em Valência, Molinos foi educado no Colégio Jesuíta de São Paulo. Possuidor de grandes habilidades naturais à religiosidade, Molinos se dedicou ao serviço de seus companheiros sem qualquer tipo de ganho para si próprio. Sua vida foi inteiramente consagrada a seus semelhantes e marcada por grande piedade e generosidade. Molinos, por volta de 1673, começou a escrever seu método de consecução espiritual. Em 1675, Molinos publicou seu "**O Guia Espiritual**", no qual ele expunha, de modo claro e direto, a sua doutrina e que deu origem ao chamado "quietismo".

O Guia Espiritual de Miguel de Molinos, escrito sem a pompa e a especulativa erudição dos teólogos e autores da época, rapidamente ganhou o coração dos seus leitores, atingindo, com igual força, tanto o profano quanto o doutor, alcançando fama na Itália e na Espanha. Em seguida, esse livro ganharia novas traduções, aumentando ainda mais a fama de seu autor por toda a Europa. Molinos adquiriu tal reputação, que seu nome e suas idéias começaram a chamar a atenção de certos segmentos do clero, principalmente de alguns Jesuítas e Dominicanos que, temendo um crescimento ainda maior de sua popularidade, resolveram pôr um fim em sua crescente fama, evitando assim a possibilidade de um novo cisma dentro da Igreja. A morte de Miguel de Molinos na prisão, em dezembro de 1697, e a constante perseguição imposta àqueles que ainda seguiam os seus ensinamentos acabariam por decretar o fim da curta história dos Quietistas.

A filosofia de Molinos, conforme seu Guia Espiritual, diz que, no sublime propósito de se realizar a **perfeição cristã**, bem como a suprema comunhão com Deus, o homem

deverá se submeter inteiramente aos Seus desígnios, com humildade, anulando por completo a sua vontade individual. A vida em si deveria ser um contínuo ato de amor e fé.

QUIETISMO

Sistema místico que afirmava a inutilidade do esforço humano para a salvação e a santificação. Os preceitos de Molinos se opunham ao rigor da ascese jansenista. O quietismo é uma concepção místico-religiosa que busca a união do homem com Deus por meio de um estado de passividade ("quiete") e de total abandono da vontade que atenua ou suprime toda responsabilidade moral. No âmbito do cristianismo oriental, elementos quietistas podem ser encontrados entre os messalianos ou êuquitas, condenados pelo Concílio de Éfeso (431), e entre os monges hesicastas do monte Atos.

Todos os atos de piedade eram considerados dispensáveis e a alma deveria se manter em absoluta passividade para se comunicar com Deus e alcançar a perfeita contemplação. O desejo de agir era visto como ofensa a Deus, pois só a inatividade poderia trazer a alma de volta a seu princípio divino. Somente aqueles que experimentassem tal anulação mística poderiam sentir a vontade de Deus, pois sua própria vontade teria sido destruída.

Molinos foi condenado pela bula de Inocêncio XI *Coelestis pastor* (1687). Apesar de sua retratação pública, morreu nove anos depois nos cárceres da Inquisição em Roma. Na França, formas moderadas de quietismo foram defendidas pela mística Jeanne-Marie Bouvier de la Motte Guyon, com o apoio do arcebispo e escritor François de Salignac de la Mothe-Fénelon, o qual concebeu uma doutrina de puro amor. As teses de Fenelon foram condenadas por Inocêncio XII em 1699.

No Ocidente, o quietismo está expresso em algumas tendências dos cátaros, dos Irmãos do Livre Espírito, dos beguinos ou begardos e dos alumbrados espanhóis. As obras publicadas por Molinos foram : "Breve tratado sobre a comunhão cotidiana" (1675) e o "Guia espiritual " que liberta a alma e a conduz pelo caminho interior para alcançar a perfeita contemplação e o rico tesouro da paz interior, em que estão contidos os princípios fundamentais do quietismo. Dez anos mais tarde, ao que parece atendendo a solicitação explícita dos jesuítas, Molinos foi preso sob a acusação de heresia (1685). Obrigado a abjurar, por fim foi condenado à prisão perpétua, com a bula "Caelestis Pastor" do papa Inocêncio XI (1687).

O quietismo vai influenciar madame Guyon, que por sua vez influenciará o Arcebispo Fénelon, os Quacres, Conde Zinzendorf, John Wesley e Jessie-Pen-Lewis(1851-1927)

MADAME GUYON

"Poucas pessoas atingiram um alto grau de espiritualidade como o alcançado por Madame Guyon (1648-1717). Nascida em uma época corrupta, ela cresceu e criou-se em uma igreja tão devassa quanto o mundo em que estava inserida. Perseguida a cada passo de sua carreira, sofreu maus-tratos, aflições, sofreu abusos e foi presa durante anos pelas autoridades da igreja católica. Seu único crime foi amar a Deus; sua culpa foi a suprema devoção e afeição a Cristo. Ela compreendeu com facilidade as verdades mais profundas das Sagradas Escrituras. Os mais distintos líderes espirituais foram tremendamente influenciados por seus escritos, que têm por objetivo realizar algo bem maior nesses dias do que realizou no passado. Na realidade, o mundo cristão está apenas começando a entendê-los e a apreciá-los. Por meio de sua obra, milhares de pessoas podem chegar à mesma relação e comunhão íntima com Deus."

Jeanne Marie Bouvier de La Motte (1648-1717), mais conhecida como Madame Guyon, foi levantada por Deus num contexto católico, em pleno século XVII, quando as nuvens da apostasia ainda eram densas, apesar da fresta de luz da Reforma. Deus a usou de forma especial para abrir caminho para a restauração da vida interior, da comunhão profunda com Ele, através da oração, da consagração plena, da santificação e do operar da cruz. Seus inspirados escritos, especialmente gerados na prisão, influenciaram a muitos ao redor do mundo e a notáveis líderes, tais como o Arcebispo Fenelon, os Quacres, John Wesley, Zinzendorf, Jessie Penn-Lewis, Andrew Murray e Watchman Nee. Eles foram tão marcados por Deus através dela que muitas das verdades comentadas e vividas por eles tiveram origem, de alguma maneira, no que herdaram de Madame Guyon; em nossos dias, estamos apenas começando a tocar no fluir das águas da verdadeira espiritualidade que Deus fez jorrar através dela.

Sua autobiografia, escrita especialmente para atender à insistência de seu mentor, o padre La Combe, é notoriamente reconhecida como um clássico cristão.

FRANCOIS FÉNELON

François de Salignac de La Mothe-Fénelon nasceu em 1651, no castelo de Fénelon, na França, era descendente da alta nobreza. Entrou no seminário em 1672 e em 1695 foi eleito bispo. Escritor e orador francês. De família nobre, segue a carreira sacerdotal. É discípulo de Bossuet, que lhe retira a sua amizade a partir de 1688 por se inclinar para o misticismo, por causa da influência da doutrina quietista de Molinos. É pedagogo ao serviço da aristocracia, moralista e tratadista político.

Fénelon envolveu-se com certa mulher mística chamada Madame Guyon com quem compartilhava de certa doutrina que na teologia se conhece por "**doutrina do amor puro**". Com essa doutrina Fénelon se alinhava nas filas do "quietismo", por isso foi perseguido e condenado por outro grande bispo, Bossuet.

O bispo Fénelon foi um dos grandes mestres da língua francesa; e um dos maiores diretores de consciência de que se tem notícia. Figura importante na corte de Luís XIV (até cair em desgraça e retirar-se para a sua diocese de Cambrai), ele exercia essa direção espiritual sobretudo através da sua correspondência; e assim é que temos, até hoje, perfeita noção do "estilo" de Fénelon — tanto o literário como o espiritual. Há que citar, entre as suas obras, o Tratado da Educação das Moças, Diálogos sobre a

Eloquência, Carta sobre as Ocupações da Academia Francesa, Máximas dos Santos e Diálogos dos Mortos.
Fénelon faleceu em 1715, em Cambrai, na sua diocese.

JOHN OWEN (1616-1683)

Um dos mais influentes escritores puritanos. Sua obra “Sobre a Mortificação do Pecado nos Cristãos”, enfatiza que a luta contra o pecado é travada não com forças humanas, mas com o poder do Espírito Santo.

A PERFEIÇÃO CRISTÃ NA TEOLOGIA DA REFORMA

A Reforma despertou na consciência cristã a aceitação de que a vida cotidiana é sagrada. Lutero cria e ensinava que o cristão que trabalha no arado, é um homem tão religioso como um sacerdote que celebra o sacramento no altar.

Com esta nova compreensão, o ideal da perfeição veio à tona numa forma inteiramente nova.

1. Martinho Lutero

- a) Por apegar-se à doutrina agostiniana do pecado original, como uma luxúria que permanece, o reformador se inibe de declarar, como Paulo, a possibilidade de uma libertação presente do pecado. Por isso escreve:
- b) Os remanescentes do pecado se aferram, todavia, profundamente à nossa carne; por tanto, no que toca a carne, somos pecadores, e isto ainda depois de termos o Espírito Santo.
- c) O pecado está presente em todos os homens batizados e santos da terra, e eles devem lutar contra ele.
- d) O pecado original, depois da regeneração, é como uma ferida que começa a cicatrizar-se; ainda que uma ferida com vias a sanar.
- e) O pecado original permanece nos cristãos até que morram, embora este pecado seja mortificado, e morre continuamente.
- f) Ainda que o pecado segue sendo sentido em uma vida verdadeiramente cristã, não deve ser favorecido disse Lutero. Portanto temos que jejuar, orar e trabalhar para dominar e suprimir a luxúria.
- g) Enquanto a carne e o sangue perdurarem, assim também o pecado perdurará, por isso sempre temos que lutar.
- h) A novidade de vida que temos através de Cristo, somente principia nesta vida, e jamais pode ser aperfeiçoada nesta carne.
- i) Todavia, o Espírito Santo continua levando adiante sua obra santificadora em nós, se nós lutarmos fielmente contra o pecado.

2. João Calvino

- a) Para Calvino uma verdadeira conversão de nossa vida para Deus consiste na mortificação de nossa carne e do homem velho, e na vivificação do Espírito. Isto é efetuado por nossa participação em Cristo.
- b)** Todavia Calvino vê o crente irremissivelmente embaraçado pela carne. Nós afirmamos reitera Calvino, que o pecado sempre existe nos santos até que são despojados do corpo mortal, posto que a **carne é a residência** desta depravação de concupiscência que é repugnante a toda retidão.
- c) Historicamente o calvinismo tem sido o inimigo declarado de qualquer doutrina da perfeição cristã.
- d) Todavia muitos Calvinistas têm aceitado uma doutrina de santidade prática mediante a experiência de ser cheio do Espírito Santo.
- e) Mas reiteram com insistência, que, enquanto os cristãos habitam neste corpo mortal, terá que contender com a velha natureza do pecado.

A PERFEIÇÃO CRISTÃ NO PERÍODO PÓS REFORMA

- a) Teologicamente, a conquista mais significativa da reforma foi a restauração da doutrina da justificação pela fé a seu devido lugar de primazia.
- b) O homem não pode fazer nada para alcançar a sua salvação. A salvação é pela graça somente.
- c) Contudo, se a justificação pela fé era a menina dos olhos da reforma, a santificação foi o seu ponto cego.
- d) Menosprezou excessivamente o problema moral, o “sede santos porque Eu Sou Santo”.
- e) Não se fez justiça ao ensinamento sobre o Espírito Santo e Sua obra santificadora.
- f) Por isso a reforma não veio acompanhada de um extenso avivamento espiritual.
- g) Foi uma grande perda para a igreja que Lutero e Calvino não puderam vencer seu pessimismo agostiniano quanto às possibilidades da graça.
- h) Por não haver desenvolvido um ensinamento completo sobre a santificação, os reformadores deixaram um vazio no protestantismo.

1. O Pietismo

- a) Felipe Jacob Spener (1633 – 1705) é considerado o pai do pietismo, que foi um movimento de renovação espiritual entre os luteranos da Alemanha.
- b) A marca característica do pietismo foi sua busca da santidade pessoal. A prova de que alguém havia sido justificado diante de Deus era a sua obediência e uma paixão de viver em santidade.
- c) Spener enfatizava mais **Cristo em nós** que **Cristo por nós**, a **comunhão** com Deus mais que a **reconciliação** com Deus.
- d) A perfeição cristã, todavia é relativa, sendo um processo gradual que será completado na vida futura.

2. Os Quakers

- a) Desde o princípio Jorge Fox (1624-1690) ensinou que a luz interior significa emancipação do pecado.
- b) Fox relata a sua experiência tida aos 24 anos com estas palavras: Agora eu havia entrado em espírito mais além da espada incandescente, até o paraíso de Deus, todas as coisas eram novas, e toda criação exalava um odor diferente ao de antes, mais além do que as palavras podem descrever, eu não sabia nada exceto pureza e inocência e justiça, havendo sido renovado à imagem de Cristo Jesus, de modo que digo que eu havia chegado ao estado de Adão, e ao que ele era antes de cair. Fui arrebatado em espírito para que viesse outro estado mais firme que o de Adão em sua inocência, ou seja um estado em Cristo Jesus para que nunca caísse.
- c) O ensino de Fox, de que um cristão pode ser restaurado à inocência que Adão tinha antes da queda, ou seja um estado em Cristo para que nunca caísse, foi logo reconhecido como um extremo e sem base bíblica.
- d) A queda de James Nayler se tornou um grande opróbrio para os Quakers, e daí em diante seus escritores procuraram proteger os ensinamentos de Fox do fanatismo.

3. Os Morávios

- a) Os morávios eram descendentes dos taboritas, um ramo dos discípulos de John Huss.
- b) No verão de 1727 a comunidade moraviana de Herrnhut experimentou uma visita extraordinária do Espírito Santo. Os morávios a consideraram outro

Pentecostes e o renascimento da igreja reavivada. Iniciaram imediatamente o envio de missionários.

- c) Foi precisamente um grupo destes missionários que deram a John Wesley, em sua viagem a América, o primeiro testemunho que ele jamais havia ouvido da salvação pela fé.
- d) Ao regressar a Londres, em 1783, Wesley conheceu outro morávio, Pedro Bohler, que lhe mostrou a verdadeira natureza da fé justificadora. Foi ele que estimulou a Wesley dizendo: “Pregue a fé até que a tenha; e então, porque a tens a pregarás”.
- e) Por este conselho Wesley iniciou a pregar. Dois meses depois, na noite de 24 de Maio, Wesley teve sua notável experiência do ardor estranho em seu coração, na reunião à que havia ido de má vontade, na rua Aldersgate, na cidade de Londres. “Senti que confiava em Cristo, em Cristo somente, para a salvação, e me foi dada a segurança de que Ele havia tirado meus pecados, ainda os meus, e me havia salvado da lei do pecado e da morte”.

A DOCTRINA WESLEYANA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

- a) Wesley restaurou a menosprezada doutrina da santidade ao seu lugar merecido na compreensão protestante do cristianismo.

1. O Enunciado Wesleyano

- a) O resumo de onze pontos é uma apresentação condensada da doutrina Wesleyana.
 - 1) Existe a perfeição cristã, porque é mencionada várias vezes nas Escrituras.
 - 2) Não se recebe tão cedo como a justificação, porque os justificados devem seguir adiante à perfeição (Hebreus 6:1)
 - 3) Recebe-se antes da morte, porque Paulo falou de homens que eram perfeitos nesta vida (Fl. 3:15)
 - 4) Não é absoluta. A perfeição absoluta pertence não aos homens, nem aos anjos, mas somente a Deus.
 - 5) Não faz o homem infalível; ninguém é infalível enquanto permanecer neste mundo.
 - 6) É sem pecado? Não vale a pena discutir sobre um termo ou palavra. É salvação do pecado.
 - 7) É amor perfeito (I Jo. 4:18) Esta é sua essência; seus frutos ou propriedade inseparáveis são: estar sempre alegres, orar sem cessar, e dar graças em tudo (I Ts. 5:16)
 - 8) Ajuda o crescimento. O que goza da perfeição cristã não se encontra em um estado que não possa desenvolver-se. Pelo contrário, pode crescer na graça mais rapidamente que antes.
 - 9) Pode perder. O que goza da perfeição cristã pode, todavia, errar, e também perde-la, do qual temos alguns casos. Mas não estávamos completamente convencidos destes até cinco ou seis anos atrás.
 - 10) É sempre precedida, e seguida por outra obra gradual.
 - 11) Alguns perguntam: É em si instantânea ou não? Normalmente é difícil perceber o momento em que o homem morre, todavia há um instante em que cessa a vida. Da mesma maneira, se cessa o pecado, deve haver um último momento de sua existência, e um primeiro momento da nossa libertação do pecado.

Em 1765, Wesley fez um resumo sobre o seu entendimento do que é a Perfeição Cristã:

“É AQUELA DISPOSIÇÃO HABITUAL DA ALMA QUE, NAS ESCRITURAS É DEFINIDA COMO SANTIDADE, E QUE ENFATIZA O SER LIMPO DE TODO O PECADO, DE TODA A IMUNDÍCIA AMBOS DA CARNE E DO ESPÍRITO, E POR CONSEQUÊNCIA, SER DOTADO COM VIRTUDES QUE ESTAVAM EM CRISTO JESUS, E SER RENOVADO NA IMAGEM DE NOSSA MENTE E SER PERFEITO COMO É PERFEITO NOSSO PAI QUE ESTÁ NO CÉU. ESTE É O RESUMO DA LEI PERFEITA, A CIRCUNCISÃO DO CORAÇÃO. DEIXE O ESPÍRITO VOLTAR A DEUS QUE O DEU, COM TODOS OS SEUS AFETOS.”

2. Na Direção de uma Teologia da Perfeição Cristã

- a) Deve haver uma definição clara e definida do pecado. O pecado é o abuso da liberdade humana
- b) Evitar o erro de fazer da experiência um assunto mágico e sem implicações morais..
- c) Embora o arrependimento do crente e sua morte para o pecado precedam a inteira santificação, a condição indispensável é a fé.
- d) A inteira santificação é a ação de Deus mediante o Espírito Santo, livrando a alma do pecado, concedendo um novo estilo de vida interior.
- e) Um aspecto final de uma teologia da perfeição cristã é um conhecimento franco de sua natureza relativa. Trata-se de perfeição evangélica, em lugar da lei mosaica. Deus estabeleceu outra lei através de Cristo, que é a lei da fé. Tal como Wesley nos recorda. “Não é todo aquele que faz, mas todo aquele que crê recebe a justiça, ou seja, o que é justificado, santificado e glorificado.

Relação entre o metodismo, santidade e os movimentos Pentecostais

Até 1880, o movimento de santificação era essencialmente baseado nos fortes ensinamentos de Wesley sobre santidade. A pregação da santidade também afetou os presbiterianos, os congregacionais e os quakers. Com efeito, foi um movimento ecumênico de reavivamento.

O movimento se dividiu no final do século XIX, quando alguns argumentavam pela santificação completa como uma definitiva e distinta “**segunda bênção**”, subsequente à conversão. **Isso produziu a Igreja dos Nazarenos.** Os pentecostais compartilharam dessa ênfase, mas adicionaram um foco na iluminação.

O movimento carismático influenciou o metodismo tanto quanto o anglicanismo e o catolicismo. A maioria dos carismáticos não pensaria em si mesmos como seguidores de uma ênfase wesleyana, mas como seguidores do Espírito Santo.

DECLARAÇÃO DA DOCTRINA

‘ O CERNE DA DOCTRINA E DA EXPERIÊNCIA DE SANTIDADE ESTÁ EM JESUS E NÃO NAS OBRAS HUMANAS. JESUS FOI DESIGNADO FILHO DE DEUS COM PODER, SEGUNDO O ESPÍRITO DE SANTIDADE. (Rm.1:4) É O ESPÍRITO DE CRISTO QUEM FAZ TODA A DIFERENÇA NA EXPERIÊNCIA DA BUSCA DA SANTIDADE.

1. A santidade é promessa do Evangelho, é dom de Deus.

- a) A doutrina da perfeição cristã é o glorioso ensinamento que postula que pelas provisões do sacrifício de Cristo e da manifestação pessoal do Espírito Santo, e cumprida a condição da fé, os que têm confiado para sua salvação em Cristo, podem ser purificados do pecado original e transformados a um estado de inteira devoção a Deus e de amor sem egoísmo a seu próximo.
- b) Cremos que isto é o que significa ser “perfeito” no sentido bíblico.
- c) Wesley deu ênfase ao amor perfeito como a maior evidência da santidade.
*“A raiz mais profunda do pecado é a rebeldia espiritual de alguém que interpreta liberdade como independência. O pecado é emancipação de Deus, abandono da atitude de dependência, a fim de conseguir a independência total que orna o homem igual a Deus. Embora o homem tenha sido criado para ser livre e semelhante a Deus, não pode ter liberdade e santidade à parte de Deus. A verdadeira liberdade e santidade no homem são **dons** provenientes de Deus.” (João 8:31-36)*
(KNIGHT, John. A Semelhança de Cristo. CNP. Cansas City. USA. p.42)

2. A Santificação

- a) Santificação em Geral
 - 1) Refere-se ao processo total de chegar a ser cristão e de continuar sendo
 - 2) Inclui todos os efeitos que a Palavra de Deus produz no coração e na vida do homem desde o novo nascimento até a glorificação do corpo.
 - 3) A santificação é a **obra do Espírito Santo** que livra o homem da culpa e do poder do pecado, e que compartilha os frutos da redenção de Cristo e as virtudes da vida santa.
- b) A Santificação por Posição
 - 1) Os teólogos Luteranos e Calvinistas tem apoiado a idéia da santificação por posição.
 - 2) Os santos são os crentes. Ser santo significa o Ter sido feito crente.
 - 3) Aqui não há referência alguma acerca da qualidade da vida cristã.
 - 4) A idéia de viver sem pecado não tem prioridade.
 - 5) Todos os santos são participantes da perfeição realizada pela morte de Cristo.
 - 6) A santificação é realizada por Cristo para cada crente, e que cada um a possui a partir do momento que se torna crente em Cristo.
 - 7) A igreja cristã é uma comunidade separada cuja natureza é santa.
 - 8) Entretanto do ponto de vista Wesleyano, a santificação é mais que uma relação objetiva com Deus através de Cristo. No momento da conversão o crente justificado recebe o Espírito Santo e experimenta o princípio da santificação ética. A este princípio nós chamamos de santificação inicial.
- c) Santificação Inicial
 - 1) No momento que somos justificados a semente da virtude é plantada na alma.

- 2) A partir desse momento o crente morre gradualmente para o pecado e cresce na graça.
 - 3) Entretanto, o pecado como depravação permanece nele; efetivamente até ser plenamente santificado.
 - 4) No momento que somos justificados explica Wesley, principia a santificação. Neste instante nascemos de novo, somos renovados interiormente pelo poder de Deus.
- d. Santificação Progressiva
- 1) A regeneração não santifica a inclinação para o pecado, por isso requer o ato adicional e muito peculiar do Espírito Santo.
 - 2) O ensino característico de John Wesley é que a obra de santificação pode ser terminada em um momento, pela fé, quando o coração é purificado da raiz interna do pecado e aperfeiçoado no amor de Deus.
 - 3) Como consequência desta purificação mais profunda do coração, o cristão é capacitado a crescer cada vez mais.
 - 4) Contudo, sem esforço e cuidadosa disciplina espiritual o testemunho do crente pode ser enfraquecido e a própria graça corrompida e mesmo perdida.
- e. Inteira Santificação
- 1) Pela justificação somos salvos da culpa do pecado e restaurados ao favor de Deus; pela santificação somos salvos do poder do pecado e restaurados à imagem de Deus.
 - 2) Esta obra principia no momento em que somos justificados, no amor santo, humilde, terno e paciente a Deus e ao próximo; aumenta gradualmente até que, em um outro instante, o coração é purificado de todo pecado e cheio com o amor puro de Deus.
 - 3) Esse amor vai aumentando mais e mais, até que crescemos em tudo naquele que é o cabeça e chegamos à medida da estatura da plenitude de Cristo.
- f. Perfeição
- 1) Este termo tem causado muitas críticas ao movimento de santidade, mas é um termo bíblico.
 - 2) Wesley preferia usar o termo perfeição cristã em vez do termo mais amplo, "perfeição". Ao usar o termo perfeição disse Wesley, quero dizer o amor humilde, terno e paciente de Deus, e ao nosso próximo, governando nosso temperamento, nossas palavras e ações.
 - 3) Wesley jamais ensinou sobre uma perfeição completa ou absoluta, pois esta somente pertence a Deus.

A DOUTRINA BÍBLICA DA SANTIDADE

Introdução: A fonte original do ensinamento da santidade cristã, e a única com autoridade é a Palavra de Deus.

"A santidade pulsa na profecia, ressoa na lei, murmura nas narrações, sussurra nas promessas, suplica nas orações, irradia na poesia, vibra nos salmos, fala nos símbolos resplandece nas imagens, articula-se na linguagem e arde no espírito de todo sistema, desde o alfa até o ômega, desde o princípio até o fim".

1. Raízes da Doutrina no antigo Testamento

a) A Santidade de Deus

- 1) A santidade é a qualidade moral de todos os atributos de Deus.
- 2) A palavra hebraica que traduzimos por santidade é: “qodesh”, que juntamente com suas correlatas aparecem mais 830 vezes no A. T.
- 3) Os eruditos encontram três significados para “qodesh”.
 - (a) Irromper com esplendor
 - (b) Separação, elevação
 - (c) Novo, fresco, puro - A santidade significa pureza.
- 4) Como Deus, Ele refulge com uma glória peculiar a Si mesmo.
 - (a) Ele se manifestou na sarça ardente, na coluna de fogo e no Sinai rodeado de fumaça.
 - (b) (Êx. 29:43) “O lugar será santificado por minha glória”.
 - (c) (Lv. 10:3) “Serei glorificado diante do povo”.
 - (d) (Is. 6:3) “Toda terra está cheia da Sua glória”.
- 5) Como Deus o Senhor está separado, à parte de toda a criação.
- 6) Entretanto Sua transcendência ou separação, não significa que seja distante. Significa diversidade.
- 7) Como Deus o Senhor é pureza sublime.
 - a) É impossível que o santo tolere o pecado.
 - b) (Hc. 1:13) “Os olhos divinos são demasiados limpos para ver o mal”
 - c) A santidade do Senhor é um fogo consumidor; ou nos purificará dos nossos pecados, ou nos destruirá com ele. (Ml. 2:2-3; 4:1)

b. Santificação (Lv. 19:2)

- 1) A palavra hebraica que traduzimos por santo significa “separado”
 - a) Neste sentido, o templo, o sacerdócio, o dízimo, o dia de descanso, eram santos.
- 2) Seu significado principal é ser esplendido, belo, puro e livre de toda contaminação.
- 3) Todo cristão tem de ser santo (Rm. 1:17; Mc. 6:20; Jo. 17:17; Ap. 3:7)

c. Perfeição

- 1) O termo hebraico que traduzimos por perfeição significa plenitude, justiça, integridade, liberdade de mancha ou culpa, paz perfeita.
- 2) No Antigo Testamento a perfeição era expressa na idéia de andar com Deus em fidelidade e companheirismo (Gn. 5:22, 24; 6:9; 17:1)

2. A Doutrina no Novo Testamento

a. A Promessa do Pentecostes

- 1) Este derramar do Espírito era o que os profetas falaram anteriormente (Jl. 2:28-31; Jr. 31:33-34; Ez. 36: 25-27; Mt. 3:11-12)

b. O Significado da Santificação

- 1) A idéia central do cristianismo é a purificação de todo o pecado e sua renovação à imagem de Deus.
- 2) Duas idéias de purificação:
 - a) Purificar por expiação, livrar da culpa (I Cor. 6:11; Tg. 4:8)
 - b) Purificar interiormente da carnalidade ou pecado inato (Tt. 3:5)
- 3) Negativamente, a inteira santificação purifica o coração da presença do pecado.
- 4) Positivamente é a restauração da imagem moral de Deus (Ef. 4:24; Rm. 5:5)

c. Santificação como um processo total

- 1) Santificação inicial
- 2) Inteira santificação (Jo. 17:17; Rm. 6:12-13; 12:1-2; II Co. 7:1; Ef. 1:4; 5:26; I Ts. 5:23)

d. Perfeição Cristã

- 1) Perfeição em amor
- 2) Aperfeiçoamento à semelhança de Cristo (I Jo. 3:2)
- 3) Perfeição cristã e inteira santificação são dois termos que descrevem a mesma experiência da graça de Deus. A Perfeição em amor diante de Deus é santidade cristã.
- 4) O verbo **teleio**, que traduz “aperfeiçoar” aparece 25 vezes no N. T. Significa:
 - (1) Realizar um propósito, alcançar certa norma, atingir uma meta dada.
 - (2) Cumprir ou completar.

RESUMO DOS MOVIMENTOS DE SANTIDADE E SEUS ENFOQUES

CATÓLICO – Na sua primeira fase se caracterizou pelo estilo de vida eremita e monástico. Ênfase no amor a Deus e isolamento do mundo. Caridade e votos de pobreza. Quietude, humildade e negação de si mesmo. União mística com Deus (Padres e Freiras, misticamente se casam com Deus). Foco na experiência com visões e revelações de Jesus e outros santos e ausência de Bíblia para abalizar as experiências. Presença sempre constante de exercícios espirituais e contemplação. Exemplo: Tereza D’Ávila teve experiências de visões de Jesus e as conta em seu livro “Castelo Interior”.

Perigos: Extremo individualismo – a pessoa torna-se centrada nela. Tendência de justificação pelas obras. Ênfase nas experiências como visões e arrebatamentos e recebimento de mensagens do além. Os Reformadores rejeitaram os místicos medievais.

CALVINISTA – João Calvino via santificação como “hábitos do coração” e não como uma experiência eletrizante. Advogou uma santificação por imputação, isto é, pela **posição** da pessoa em Cristo. Definiu 6 hábitos:

- 1-Dependa do Espírito Santo.
- 2- Pratique a negação do eu.
- 3- Carregue a cruz.
- 4- Olhe para a eternidade
- 5- Use tudo para a glória de Deus.
- 6- Seja persistente na oração.

Nas igrejas de orientação calvinista, a santidade acontece como algo exatamente igual ao princípio da justificação pela fé. Ser santo é estar sob a Graça justificadora. Isto é a posição em Cristo. Portanto, o verdadeiro santo nem se preocupa com santidade, ademais, Jesus já se santificou por ele. Tudo já está feito e consumado para Deus e em Deus, embora ainda não esteja plenificado no homem.

PURITANO – (Inglaterra 1560-1700) (EUA 1630-1900)

Santidade é a obra da livre Graça de Deus. O Processo começa no Novo Nascimento e prossegue por toda a vida.

4 Pilares:

- 1-Obra divina de renovação interna e externa. Também é moral, pois produz frutos morais ou frutos do Espírito.
- 2-Consiste de arrependimento e retidão (volta do pecado para a obediência) A ênfase está na posição do indivíduo de matar o pecado.
- 3-É progressista – opera por conflitos. Quem não luta contra o pecado não nasceu de novo. (2 Co.3:18)
- 4- É imperfeita – Nesta vida nunca será completa. O seu padrão de aferição é Deus.

PIETISTA LUTERANO (1600-1760)

Ênfase na santidade pessoal ou desenvolvimento espiritual da pessoa que a leva a atos de devoção. Ênfase nas Escrituras como base para o viver; ela é a Regra de Fé e Prática. Orações e Jejuns. Ênfase na literatura de devoção pessoal.

WESLEY E METODISTAS- Séc.XVIII

Santidade e **perfeição cristã** são sinônimas.

Principia na regeneração, adoção, justificação (1ª obra da Graça) mas os justificados devem seguir adiante à perfeição (Hebreus 6:1)

Recebe-se antes da morte, porque Paulo falou de homens que eram perfeitos nesta vida (Fl. 3:15)

Não é **absoluta**. A perfeição absoluta pertence não aos homens, nem aos anjos, mas somente a Deus.

Não faz o homem infalível; ninguém é infalível enquanto permanecer neste mundo.

É **amor perfeito** (I Jo. 4:18) Um amor a Deus tão elevado que expulsa o pecado. Esta é sua essência; seus frutos ou propriedade inseparáveis são: estar sempre alegres, orar sem cessar, e dar graças em tudo (I Ts. 5:16)

Utiliza-se de atos pessoais de devoção como a oração, meditação bíblica, jejum, prestação de contas.

A fé é contrabalanceada com atividade evangelística, compaixão social, cuidados médicos e educação qualitativa. John Wesley disse: *“O evangelho de Cristo não conhece nenhuma religião que não seja uma religião social, nenhuma santidade que não seja social. Este mandamento temos de Deus, o que ama a Deus, ama também a seu irmão. É impossível amar a Deus e não amar e servir ao irmão. (IJo.3:-16-17) Compaixão é basicamente um estilo de vida do crente e tem a ver com o que somos, a nossa nova natureza bondosa, compassiva.”*

Pode ser perdida. O que goza da perfeição cristã pode, todavia, errar, e também perde-la, do qual temos alguns casos.

É entendida como uma segunda Obra da Graça –

OBERLIM – 1836 (Finney e Asa Mahan)

Até 1840 – Ênfase na 2ª bênção – Havia intensa busca pela experiência.

Após 1841 – Nova orientação doutrinária colocou a completa santificação no ato da regeneração. Ênfase na santificação como processo com pesados exercícios.

PLYMOUTH

Teoria da imputação de todo pecado passado, presente e futuro a Cristo.

Santidade e retidão são imputadas e não comunicadas pelo Espírito Santo.

Permanecendo-se em Cristo, somos puros aos seus olhos. O pecado continua até à morte, mas não afeta a sua “posição” em Cristo. O crente é santo na sua posição, ainda que não o seja em seu estado. Advogam a segurança eterna da salvação.

MOVIMENTO HOLINNES – 1870(Precursor do Moderno Movimento Pentecostal)

VERTENTE WESLEYANA:

Convicção na segunda bênção. Expectativa de recebimento de poder. Convicção na cura divina.

FORMATO NÃO WESLEYANO: Deu-se principalmente entre os reformados presbiterianos, batistas e anglicanos.

As conferências de **KESWICK(1874)** Foi o centro de irradiação da doutrina.

Características:

Ênfase no processo e não num momento decisivo

Definiram o Batismo com o Espírito Santo como um revestimento de poder para o serviço cristão e para uma vida santa.

A vida espiritual se distingue por dois estágios: 1- Derrota espiritual (pois o crente nem sempre se submete a Cristo) 2- Vitória sobre o pecado (quando o crente atinge a plenitude do Espírito, submetendo-se a Cristo.)

Pregam a segurança eterna da salvação.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DE WESLEY SOBRE SANTIFICAÇÃO E A PERFEIÇÃO.

Professor: Dionísio Oliveira da Silva- São Paulo - 2004

I

Introdução:

O conceito de John Wesley sobre a santificação é uma contribuição importante para a teologia. É parte vital da sua própria teologia e talvez a doutrina menos compreendida do Metodismo. O problema é visível mesmo entre as igrejas metodistas, havendo muito desdém entre os protestantes, católicos e outros que compartilham do pensamento da impossibilidade de qualquer noção de perfeição nesta vida.

Este texto tenta demonstrar a visão de John Wesley sobre a santificação e a perfeição. A forma de abordagem é cronológica e focaliza sua atenção em eventos históricos específicos que influenciaram a teologia de Wesley. Sua vida é dividida em três períodos distintos: os primeiros anos de sua vida eclesiástica que vai de 1725 a 1738, os anos médios, entre 1739 a 1763, e os anos posteriores de 1764 até alguns meses antes da sua morte. A primeira seção focaliza as fontes teológicas de Wesley, e as duas ultimas analisam os seus escritos. Este tipo de abordagem é as vezes incômodo, mas, é usado a favor da compreensão.

O alvo deste documento é testar a própria reivindicação de Wesley de que seu conceito de perfeição Cristã não mudou ao longo da sua vida(1). Entretanto, se ela mudou como mudou, e em que grau ocorreu essa mudança? Uma vez esclarecidos estes pontos, estaremos preparados para perceber o que Wesley pretendeu dizer com seus conceitos sobre "santificação" e "perfeição Cristã", e em quais condições ele as emprega.

II.

A primeira seção se concentra dentro da década da sua conversão para a "religião séria" que segundo ele ocorreu em 1725. Examinando a enorme lista de leitura de Wesley, podemos formar uma idéia do seu conceito de perfeição Cristã durante este período. **Jeremy Taylor**, foi a faísca que incendiou a religião séria de Wesley, não do ponto de vista religioso geral, mas no sentido de exercita-lo a uma religião prática. Ao ler as "Regras e Exercícios para um Morrer e Viver Santo", Wesley foi motivado a ler à Bíblia, a participar da Comunhão, a praticar a oração e a observação de regras gerais de governo para sua vida.(2).

No ano seguinte, Wesley leu "A Imitação de Cristo", de **Thomas Kempis**, provavelmente motivados à leitura deste e de outros clássicos pela sua mãe e seu professor, Dr. John King.(3). Mais tarde Wesley editaria e publicaria o seu próprio trabalho. O contando com essas leituras, fez com que em 1726 se tornassem o estopim da primeira controvérsia teológica de Wesley. Do mesmo modo que o livro de Taylor, o assunto do livro de Kempis é a perfeição cristã. Porém, o conceito de Taylor é diferente do conceito de Kempis que vê a perfeição Cristã possível somente além deste mundo e se realizando na subjetividade mística do indivíduo. Para Kempis, a renúncia do ego deve ser renovada diariamente por meio de ajudas espirituais, bem como por meio da pobreza e sofrimento como os que ocorreram com Cristo, além da observação de disciplinas eclesiásticas do Catolicismo e ainda altos exercícios de asceticismo monástico. Na visão de Kempis faltou a dimensão social, por isso Wesley rejeitou a sua noção de perfeição (4). Mesmo discordando de Kempis, Wesley continuou intrigado com a "Imitação de Cristo", compartilhando isso com grupo de estudo de Oxford em abril de 1729. Nos dois anos seguintes eles estudaram entre outros escritos, vários trabalhos selecionados sobre a perfeição Cristã. Talvez foi em parte devido à sugestão de John Norris (de quem Wesley leu quatorze trabalhos) de que "esses livros explicavam o Cristianismo como vida em lugar de vê-lo como doutrina" que estes escritos foram lidos com muito entusiasmo pelo grupo.(5)

O texto, "Uma Investigação sobre a Felicidade" de **Richard Lucas** foi o primeiro

que eles leram. O respeito de Wesley por este texto pode ser visto pela sua publicação em A Christian Library.(6). Para Lucas, vida, felicidade e perfeição são inseparavelmente dependentes uma das outras. A vida, os exercícios racionais e o emprego de nossas capacidades e faculdades terminam naturalmente em perfeição. Perfeição definida por ele como sendo "nada mais que a maturidade das virtudes humanas; felicidade". Assim visto, a perfeição religiosa" é nada mais que as realizações morais da natureza humana; algo como a maturidade das virtudes que o homem é capaz alcançar nesta vida ".(8) Para Lucas, a perfeição é o amadurecimento do hábito de verdadeira santidade". (9)

A visão de Lucas sobre a "certeza" é o mesmo que Wesley parece apresentar posteriormente como perfeição Cristã. Lucas diz primeiramente que a sua visão é a visão bíblica. Em segundo lugar ele diz, que ninguém nesta vida está livre de provações ou tentações. Em terceiro, para ele a perfeição é um estado ao qual chegamos no final de nossa vida (mas por causa de nossa própria falha).(10) E em quarto lugar, para ele "o perfeito" admite aumento .(11) Embora os significados que ele tem sobre a perfeição sejam semelhantes aos de Wesley: sabedoria prática e virtude, os instrumentos de perfeição são a Palavra e o Espírito. A Perfeição vem pela oração, estimulando a consciência, confirmando nossas decisões de obediência, e desenvolvendo sentimentos santos e devotados a Deus.

Depois de Lucas, o grupo de Wesley examinou o livro a "Chamada Séria" a uma Vida Devota e Santa, de **William Law**. Wesley publicou partes desta obra. (12) Law, como Taylor, entende a perfeição como reconquistar a semelhança com Deus, enfatizando predominantemente a vontade. Todas nossas ações, dizia Law, necessariamente deveriam ser governadas por regras que conduzem à adoração de Deus. Tais ações deveriam fluir de intenções de louvores a Deus (13). As próprias ações moverão a pessoa para cima na escada em direção à perfeição Cristã. Muitas das dúvidas de Wesley sobre o uso correto do tempo e do dinheiro refletem a sua compreensão ao ler a "Chamada Séria" de Law.

Na sequência, em setembro de 1732, o grupo de Oxford estudou dois clássicos renomados: **Henry Scougal** em "A Vida de Deus na Alma do Homem" e o "Combate Espiritual" de **Lorenzo Scupoli**. O último foi um dos livros favoritos de Susanna Wesley (14) e sobre o primeiro, Martin Schmidt afirma que ela o colocou acima de "The Saint's Everlasting Life" de Richard Baxter.(15)

O combate espiritual de Scupoli está centrado ao redor da chamada para a perfeição Cristã. Como uma noção derivada apenas da idéia de Deus, a perfeição é adquirida pelas pessoas que temem a bondade inexprimível de Deus e ao mesmo tempo a insignificância de si mesmos. (16). É perfeição através da educação. Ele afirma que nós temos que aprender como vigiar e lutar contra a tentação olhando para Deus o único vencedor espiritual. A perfeição não resultada de atos piedosos de mortificação, jejum e assim por diante, mas de atitudes. Assim a verdadeira perfeição Cristã é "ódio perfeito de nós mesmos e amor perfeito a Deus". (17) Scougal porém, afirma que a "verdadeira religião é uma união da alma com Deus, uma real participação na natureza divina, a verdadeira imagem de Deus estampada na alma". (18). A perfeição ou santidade de acordo com as condições definidas por Scougal, é "um temperamento certo, uma constituição vigorosa e sadia da alma" "(19). O modo para chegar à perfeição é "fixando nosso amor nas perfeições divinas as quais podemos ter sempre diante de nós e derivar uma impressão delas em nós mesmos". (20) Este "amor perfeito" é um tipo de desapego do ego, um vagar fora de nós mesmos, um tipo de morte voluntária, em que o amante morre para todo o egoísmo para que possa agradar a Deus.

Dois meses depois, em novembro de 1732 Wesley estudou com o seu grupo o "Tratado Prático", e "A Perfeição Cristã, de Law. Provavelmente, ele já tinha estudado ambos os trabalhos de Law antes de usá-los com o seu grupo.(21) Na "Perfeição Cristã" Law começa definindo a perfeição como "o desempenho correto e total dos deveres que são necessários para todos os cristãos, e comuns a

todos as condições de vida".(22). A característica principal da doutrina de Law é a ênfase em levar a cruz e negar a si mesmo.(23). Essa doutrina não era limitada a um grupo especial de pessoas, mas era algo esperado de todas as pessoas nos deveres cotidianos comuns da vida. Ele acreditava que nós devemos almejar o nível mais alto de perfeição para escapar da mediocridade; porque é exigido de todos os cristãos uma absoluta devoção à Deus. Finalmente, o ideal de Law para a perfeição cristã, é a semelhança com Jesus Cristo. Nós devemos ser imitadores de Cristo se esperamos ir até aonde Ele foi.

Um mês depois, no dia 1 de janeiro de 1733, Wesley pregou seu sermão a "Circuncisão do Coração" em St. Mary em Oxford. Antes, em dezembro, os Metodistas de Oxford tinham experimentado um ataque abusivo, sendo acusados de "ascetismo, flagelos do corpo por jejuarem estritamente duas vezes por semana, levantando às quatro da manhã, cantando hinos diariamente durante duas horas, e resumindo, por viverem 'praticando tudo contrário ao julgamento das outras pessoas.' (24) Esses ataques mantiveram Wesley ocupado com a explicação de suas convicções. Em 1765, Wesley fez um resumo deste sermão em defesa da doutrina da perfeição, como segue:

É aquela disposição habitual da alma que, nas Escrituras Sagradas é definida como santidade, e que enfatiza diretamente o ser limpo de todo o pecado, 'de toda a imundícia ambos carne e do espírito'; e, por conseqüência, ser dotado com essas virtudes que estavam em Cristo Jesus, e ser assim 'renovado na imagem de nossa mente e ser 'perfeito como é perfeito nosso Pai que está no céu.'

Ele concluiu com, dizendo:

Este é o resumo da lei perfeita, a circuncisão do coração. Deixe o espírito voltar a Deus que o deu, com todos os seus afetos. . . 'Tenha uma pura intenção de coração, uma consideração firme com a glória de Deus em todas suas ações'. E só, e não de outra forma estará em nós aquela mente que também está em Cristo Jesus. . . (25)

As observações de Wesley apresentam até aqui, uma forte semelhança à Taylor, Scougal, Lucas, e especialmente ao conceito de Law.(26) . O conceito de Wesley sobre perfeição Cristã nesta fase da sua vida é uma combinação do conceito destes escritores.

"Uma mistura de cumprimento de regras, com educação, auto-negação, exercícios espirituais rigorosos com submissão total da vontade a Deus, visando o ser igual a Cristo."

Wesley anota no seu diário que leu **Miguel de Molinos** e **Madame Guyon** nos primeiros dois meses de 1735. O único místico do quietismo que o grupo de Oxford tinha lido antes foi **Francisco de Sales** em fevereiro de 1731 (contudo a discussão sobre ele tinha sido adiada até agora). A linha comum que estes escritores compartilhavam é um tipo de compreensão da união com Deus no qual a alma "não almeja e nem deseja qualquer coisa a não ser desejada pelo Amado". (27) E quando De Sales fala de caridade, esta se referindo a um tipo que permanece etérea.(28)

Wesley ficou intrigado inicialmente com estes escritores porque como disse: eles me "deram uma visão totalmente nova da religião - diferente de tudo que eu havia tido antes". (29). Mas muito rapidamente entra em discordância com eles. Em janeiro de 1738 a conclusão que Wesley teve sobre eles é que "os místicos são os mais perigosos de seus inimigos". (30)

O último e mais importante grupo de espiritualistas que Wesley leu durante este período foram os pais Orientais da igreja primitiva: **Macáriu o egípcio**, Clemente de Alexandria e Ephraem Syrus. A compreensão Oriental de perfeição é notadamente diferente das tradições latinas mencionadas acima tanto em substância como em forma. E como observa o Professor Outler, "Se quisermos entender corretamente os escritos de Wesley sobre a perfeição, é preciso

considerar seriamente o motivo afirmativo de sua 'santidade' no mundo — santidade ativa nesta vida — que só se torna compreensível à luz de suas fontes indiretas na espiritualidade primitiva" e Oriental. (31)

Wesley teve contato com os pensamentos de Macarius quando estava na Geórgia, pois em 13 de Julho de 1736, ele anota no seu diário que está lendo Macarius. Mais tarde, Wesley publicou sessenta páginas dos Sermões de Macarius no primeiro volume de sua Biblioteca Cristã. O impacto de Macarius sobre Wesley no seu mais alto grau, esteve oculto por muitos anos; e não foi percebido de fato antes da segunda metade do século 18.

A teologia de Macarius apresentava várias idéias distintivas. A primeira foi a doutrina do individualismo. A razão para esta concentração no indivíduo é que Deus fez a alma humana à própria imagem de Deus. Para Macarius "A vida da alma não vem de sua própria natureza, mas diretamente do próprio Deus, do próprio "Espírito de Deus". (32) Sua segunda idéia é que a verdadeira vida da alma é dada por Deus, e se fundamenta no mistério da Encarnação, e porque Deus em Cristo se fez próximo, não há nenhuma região de progresso da alma onde Cristo não se encontre. Uma terceira idéia está na noção de Macarius sobre a vida cristã cuja meta é o amor.

O amor é algo no qual uma pessoa cresce gradualmente, e vem a ser uma pessoa perfeita. Por ultimo, Macarius tem uma idéia sobre a medida da perfeição, que ele define em termos de amor perfeito ao afirmar que: "se qualquer homem alcançar o amor perfeito, aquele homem é daí em diante totalmente envolvido, e escravo da graça".(33) Esse amor é um tipo êxtase. Contudo, Macarius não pensa em êxtase como a fase final, porque num estado de êxtase o ser interior da pessoa é levado em uma nuvem de esquecimento. (34). E embora esta pessoa "sendo colocada em liberdade, chega a tal grau de perfeição, ao se tornar puro e livre de pecado", "não poderia empreender a dispensação da palavra. Nem estaria pronto para ouvir, ou ter algum interesse por si mesmo ou pelo dia de amanhã; mas puramente sentar em um canto em um estado de elevação, até que tenha alcançado o grau de perfeição necessário, e seja capacitado para atender a necessidade do irmão, e para a ministração da Palavra".(35)

Enquanto Wesley esteve na Geórgia, uma combinação de eventos produziu uma mudança dramática em seu próprio entendimento, tanto teologicamente como pessoalmente. Todas as suas principais doutrinas teológicas foram modeladas nesta fase. Ele leu cerca de sessenta títulos. (36), e essa leitura influenciou a sua experiência de adoração. Nessa época também conheceu os **Moravianos**. Foi o Sr. Spangenberg que confrontou Wesley com perguntas que o afetou profundamente. (37) sem esquecer a importância que a viagem a bordo do navio com os moravianos teve para sua vida. Nos dois anos seguintes a teologia de Wesley foi forjada em uma teologia integral e dinâmica na qual as noções Orientais de síntese (interação dinâmica entre a vontade de Deus e do homem) foram fundidas com o conceito protestante de sola fide e sola Scriptura, e com a focalização dos Moravianos sobre a 'experiência interior.' (38)

Em 1738, em seu sermão sobre "Salvação pela Fé" Wesley testemunhou sobre a sola fide protestante e sobre sola Scriptura. Foi pregado no dia 11 de junho, mas provavelmente foi escrito antes da experiência de **Aldersgate**. Nele Wesley resume a sua posição mais recentemente formada ao dizer: "A fé Cristã é, então, não só um assentimento para o Evangelho de Cristo na sua totalidade, mas também uma confiança total no sangue de Cristo; uma confiança nos méritos da Sua vida, morte e ressurreição. [...] e, por conseguinte uma inclinação para Ele como nossa 'sabedoria, retidão, santificação e redenção', ou, expresso em apenas uma palavra; nossa salvação". (39)

Isso marca o fim de mais de uma década de esforço em direção a perfeição.

Wesley, mais tarde em The Appeals, faz uma reflexão sobre este período ao dizer: Eu era totalmente ignorante sobre a natureza e condição da justificação. Às vezes eu confundi isso com santificação—particularmente quando eu estava na Geórgia.

Em outras ocasiões tive alguma noção confusa sobre o perdão de pecados, entretanto eu aceitei como certo que o tempo disso ocorrer seria na hora da morte, ou no dia do julgamento.

Eu era igualmente ignorante acerca da natureza da fé salvadora, entendendo que isso significava não mais que 'uma firme aceitação de todas as proposições contidas no Velho e Novo Testamento' (40)

Uns vinte anos após essa declaração, Wesley faz um relatório deste primeiro período da sua vida em "Minutes de 1765 da seguinte forma: "Em 1729 eu e meu irmão lemos a Bíblia; e percebemos que a santidade interior e exterior; tinha se tornado clara para nós, motivamos outros a fazer o mesmo". (41) . Em 1737 Wesley disse que ele e Charles perceberam que a "santidade vem pela fé". (42) . Em 1738 afirmou: "Nós devemos ser justificados antes de sermos santificados. "Mas ainda a santidade era nosso foco, santidade interior" e exterior. (43)

Resumindo esse primeiro período podemos notar que, Wesley examinou pelo menos cinco conceitos diferentes de perfeição Cristã. O de Taylor e Lucas que representam parcialmente o conceito da Igreja da Inglaterra cuja convicção era de que alguém se torna perfeito por meio de exercícios racionalmente disciplinados. A perfeição nunca é atingida antes da morte. Os primeiros escritos de William Law formam o segundo conceito. Ele enfatiza a vontade do indivíduo ao considerar que a perfeição é executar os deveres ou ações de um cristão com as intenções apropriadas. Um terceiro conceito de perfeição Cristã é visto em Kempis, Scougal e Scupoli. Estes escritores tendem a dar ênfase nas atitudes como a chave para perfeição, cuja expressão não se percebe por meio de uma ação externa como visto nos primeiros dois conceitos, mas no reino subjetivo individual de abnegação e amor a Deus. Um quarto conceito é o de Molinos, Guyon e de Sales, que dão ênfase a união com Deus a ponto de que até mesmo o "eu" seja perdido, e a vontade jamais deseja qualquer coisa a não ser, que o "eu" seja desejado por Deus. Por ultimo, o conceito de perfeição cristã nos coloca em um círculo completo.

Os pais Orientais acreditam em uma união com Deus a ponto de se perder (negar) a si mesmo nesta união. Ainda esta não é a fase final. A fase final é voltar ao mundo criatural para cuidar das pessoas e administrar a palavra de Deus. Destas cinco opções, Wesley escolhe a ultima versão.

III.

Essa segunda parte trata dos anos medianos e controvertidos da vida de Wesley, que vão de 1739 a 1763. Em 1739, Wesley publicou os "Hinos e Poemas Sagrados" (44). No prefacio ele diz o seguinte: "por um lado os místicos falam contra o ter que esperar ser aceito por Deus através de nossas ações virtuosas", "e então ensinam que seremos aceitos por Deus por meio de nossos hábitos virtuosos ou pelo nosso temperamento". (45) Por outro lado, os não místicos ou os "escritores comuns" supõem que somos justificados por causa de nossa retidão exterior. A verdade é que, nem de um modo, nem de outro somos mais justificados. A "santidade de coração, como também a santidade de vida, não é a causa, mas o efeito da justificação. E nem tampouco a condição disso é (como supõem eles) a nossa santidade de coração ou de vida: mas a nossa fé somente. "(46).

Wesley explica o que ele quer dizer por perfeição. Para ele os místicos avançaram para uma religião solitária. Se o desejo é perfeito, dizem eles, não o "aborreça com obras exteriores." (47) Mas isso opõem diretamente ao evangelho de Cristo, porque o evangelho "não reconhece qualquer religião, a não ser a social; nenhuma santidade, a não ser a santidade social. Fé operando pelo amor é o comprimento a profundidade e altura da perfeição Cristã". (48) "Vocês têm a unção do Santo, que vos ensina a renunciar qualquer outra mais alta perfeição, que não seja a fé como oportunidade de fazer o bem a todos os homens". (49)

No ano seguinte, Wesley publicou uma segunda edição de "Hinos e Poemas Sagrados". Novamente usando o prefacio, ele afirma "que um primeiro princípio entre os verdadeiros crentes" é que, quem não é nascido de Deus "peca: mas quem

é gerado de Deus conserva a si mesmo, e o maligno não lhe toca." Enfatiza ainda que, "qualquer um que habita" Nele [em Cristo] não peca." Diz ainda mais que, "Aquele que é nascido de Deus não comete pecado. Porque a Sua semente permanece nele, e ele não pode pecar, porque é nascido de Deus". (50)

Em 1740, Wesley escreveu "Os Princípios de um Metodista" em resposta a um panfleto intitulado "Uma Breve História dos Princípios do Metodismo."

Evidentemente havia neste período certo alvoroço por causa dos dois prefácios escritos nos Hinos e Poemas Sagrados, pois Wesley estava sendo acusado de acreditar em uma "perfeição sem pecado." Esta foi a primeira das muitas cobranças que viriam. (Uma seção de "Os Princípios" também foi usada no prefácio da edição de 1742 dos Hinos e Poemas Sagrados.)

Wesley lida com essa cobrança fazendo algumas distinções – opção que qualquer bom teólogo faria. Primeiro ele sugere que o preconceito geral contra perfeição cristã é resultado de um mal entendimento da mesma. Perfeição não é fazer o bem e cumprir as ordenações de Deus, e nem estar livre da ignorância, engano, tentação, ou fraquezas. Mas em vez de declarar o que perfeição é, Wesley prefere falar sobre o que é uma pessoa perfeita. Usando frases bíblicas que se tornam frases de efeitos, ele diz que a pessoa perfeita é aquela que tem "a mente que estava em Cristo" que "anda como Cristo andou, que é limpo de toda a imundícia de carne e do espírito" que "não comete pecado", etc. (51) "Isto define 'um homem perfeito', uma pessoa totalmente santificada: 'ter um coração ardendo com o amor de Deus.', e continuamente oferecendo todo pensamento bom, palavra e obra, como um sacrifício espiritual aceitável a Deus por meio de Cristo". (52)

Em "Os Princípios" o assunto muda quanto à doutrina da certeza e da regeneração. O conduzir do Espírito é diferente com pessoas diferentes. Michael Linner citando, Wesley diz, "Normalmente o método é conceder ao mesmo tempo perdão de pecado e total segurança. (53). A Regeneração se realiza em fases (estágios) e normalmente começa no momento que uma pessoa vem a Cristo pela fé, e é justificado. Mas essa pessoa nasce novamente em certo sentido, imperfeita, porque existem dois, ou talvez, mais graus de regeneração. Nesta fase a pessoa tem poder sobre todas as inclinações e motivos de pecado, mas não uma liberdade total deles. Esta liberdade Wesley chama de santificação. E santificação é".

"o último e mais alto estado de perfeição nesta vida. Pois a pessoa que dá fruto é nascida de novo no sentido total e perfeito. É lhe dado um coração novo e limpo; e a luta entre o velho homem e o novo se estabelece a partir daí. (54)

A santificação significa neste momento o que Wesley vai definir posteriormente como perfeição cristã, ou inteira santificação. Veremos, adiante que quando o termo santificação aparece novamente dois anos depois, ele incluirá todo o movimento (processo) que começa simultaneamente com justificação englobando a segurança, a regeneração e a perfeição.

O primeiro sermão de Wesley publicado focalizando este assunto foi o que ele não pregou sobre a "Perfeição Cristã". Este sermão foi impresso em 1741, junto com o vinte e oito hinos de Charles Wesley sobre a "A Promessa de Santificação". Wesley explica que esse sermão teve origem em uma conversa entre ele e o Dr. Gibson, bispo de Londres, em Whitehall na segunda metade do ano 1740.

"Ele me perguntou o que eu queria dizer sobre a perfeição. Eu lhe falei sem qualquer disfarce ou reserva. Quando terminei, ele disse, 'Sr. Wesley, se isto é tudo que você quer dizer, publique para todo o mundo. Eu respondi 'Meu senhor, eu vou'; e adequadamente escreveu e publicou o sermão sobre a perfeição". (55)

Iniciando com a afirmação de que "qualquer pessoa"—que, acredita que perfeição é atingível nesta via—corre um grande perigo de ser considerado um homem pagão ou um publicano, "(56) Wesley declara que mesmo assim temos que falar de perfeição porque a Bíblia o faz; mas temos que distinguir em que sentido os cristãos não são, e em que sentido são "perfeitos." Os cristãos não são perfeitos em conhecimento, ou livres de enganos, ignorância, fraquezas, ou tentação. Os cristãos

são perfeitos dentro do que chamamos de perfeição cristã, que "é só outro termo para 'santidade.' Assim, todo que é perfeito é santo, e todo que é santo é, no sentido Bíblico, perfeito". (57) Infelizmente, Wesley não define o que ele quer dizer por santidade. Afirma porém, que não há nenhuma perfeição absoluta na terra. Assim por mais que o homem tenha atingido um alto nível de perfeição, ou qualquer que seja o grau de perfeição que ele tenha alcançado, ainda precisa 'crescer em graça' e diariamente avançar no conhecimento e amor de Deus seu Salvador" (58)

O sentido em que os cristãos são perfeitos é examinado na segunda seção do sermão. Wesley inicia suas observações com a premissa de "que há fases (estágios) na vida cristã; alguns cristãos são bebês enquanto outros atingiram mais maturidade". (59) o que segue depois é um longo discurso sobre o pecado. Wesley centra-se na Bíblia, tentando demonstrar que ela tem uma visão elevada de que os cristãos não cometem pecados. Embora ele admita que no Velho Testamento as pessoas cometessem pecados, ele argumenta que elas estavam debaixo da dispensação da lei; e que a dispensação cristã mudou isso. A necessidade de pecar não existe. De acordo com o Novo Testamento, "nós tiramos esta conclusão: um cristão é tão perfeito que não comete pecado". (60)

Vários pontos significantes sobressaem deste sermão. Primeiro, o sermão concentra no pecado; nele se resume a perfeição cristã como sendo liberdade do pecado. Segundo, o sermão provê para Wesley a base exegética dessa doutrina, ao longo da sua carreira. Nenhuma outro texto contém um estudo Bíblico tão extenso da posição bíblica sobre esse assunto. Um terceiro ponto é que esse sermão se torna a pedra fundamental de Wesley para as próximas duas décadas quando ele repetidamente se refere sobre seu ponto de vista. Finalmente, nele Wesley escolhe uma terminologia específica: santidade e perfeição. Para ele, ambas são sinônimos, e devem ser entendidas como a descrição dos cristãos, desde a fase de bebês à daqueles entrando na maturidade. (61).

Em 1742, Wesley publicou um folheto intitulado O Caráter de um Metodista. Seu propósito neste folheto foi estabelecer as marcas distintivas de um Metodista. "Estas marcas escreveu ele, não são opiniões de qualquer tipo, nem são palavras ou frases, nem ações, costumes, ou usos de qualquer natureza, nem qualquer afirmação da religião como um todo, ou qualquer parte dela. Antes, um Metodista é alguém que tem 'o amor de Deus abrigado no coração pelo Espírito Santo que lhe foi dado' "(62); alguém que ama a Deus com todo seu coração, alma, mente e força; alguém que está cheio de amor perfeito." Descartamos quaisquer distinções que façam um Metodista diferente dos outros cristãos. E nenhuma doutrina especial é marca de um Metodista.

Sua primeira e importante defesa do movimento metodista para o mundo inglês ocorreu em 1742 com a publicação de "Um Apelo Sério para Homens de Razão e Religião. Antes disso, ele tinha experimentado a violência do povo, os folhetos difamatórios e xingamentos, a maioria gerados por falta de informações corretas sobre o assunto. Numa época cuja marca era a ostentação de racionalidade, Wesley tenta resgatar consistentemente a validade e importância da fé.(63)".

Ele começa seu discurso sobre a perfeição cristã defendendo os seus primeiros escritos ("especialmente a Perfeição Cristã"). Primeiro, ele nota que as pessoas ouviram dizer que ele ensinava que os "Homens podem viver sem pecado." Ele afirma que a Bíblia ensina a mesma coisa -as pessoas podem viver sem cometer pecado. Paulo diz "que os que crêem não continuam em pecado". (64) Pedro reafirma que "aquele que sofreu na carne cessou de pecar".(65) João diz que "quem comete pecado é do diabo", "quem nasce de Deus não comete pecado", (66) e "quem nasce de Deus não peca".(67) Assim, Wesley reivindica que não são os Metodistas mas a Palavra de Deus que proclamam essa doutrina. Os cristãos foram capacitados por Deus "para não cometer pecado". (68) Nada novo com respeito a perfeição Cristã aparece em "Um Apelo Sério". Como já foi mencionado, tudo está basicamente igual ao sermão de Wesley sobre a "Perfeição Cristã." Porém, a ênfase parece estar agora mais no amor do que no

pecado.

Em 1744, a novidade do Avivamento não estava mais em uso, e provavelmente teria se dissipado não fosse os próprios padrões de Wesley de comunidade e disciplina. Os pastores que trabalhavam com Wesley tinham falta de um compêndio doutrinal elementar e um plano administrativo. (69) Wesley realizou ambas as coisas com uma conferência anual na qual ele usou o método de pergunta e resposta. As Atas dessas reuniões, junto com os sermões que Wesley começaram a ser publicadas dois anos depois, e as Notas Explicativas do Novo Testamento, se tornaram o padrão de doutrina para os Metodistas.

As Atas de 1744 marcam uma mudança na terminologia da doutrina de Wesley sobre a perfeição cristã. O termo santificação substitui o termo perfeição cristã que não é mencionado na Atas de 1744. A mudança poderia ser explicada em parte porque Wesley decide concentrar mais pesadamente nas Homilias e Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra. (70) Havia uma pressão sobre o conceito de perfeição cristã, pois alguns a consideraram uma nova teologia, moderna e perigosa. Sobre a santificação, Wesley a vê como o ser renovado na imagem de Deus, em verdadeira retidão, e verdadeira santidade. Fé é a condição e instrumento de santificação. Quando começamos a crer, a salvação se inicia; e na medida em que a fé aumenta a santidade também aumenta (note que Wesley usa "santidade" e "santificação" como sinônimos). Quando uma pessoa nasce de novo, uma grande mudança é estampada no coração e nos afetos, embora a pessoa ainda esteja cheia de pecado de forma que ela não tem um coração totalmente novo. Mas há uma distinção entre os níveis diferentes de cristãos. Um cristão que tem pecado nasceu de Deus em um sentido inferior. "Mas aquele que nasceu de acordo com o sentido próprio do termo não pode cometer pecado." (71) Esta distinção de Wesley foi feita primeiro no sermão "A Perfeição Cristã." Para Wesley, ser tornado perfeito em amor é definido como: amar a Deus com toda nossa mente, alma e força. O termo "Perfeito amor" também apareceu no "O Caráter de um Metodista", mas neste estágio está ligado diretamente ao termo santificação, porque, se uma pessoa é "perfeita em amor", essa mesma pessoa não pode pecar. Todo o pecado é retirado. Este é outro exemplo onde "santificação" é usada como "perfeição cristã."

Na segunda conferência de 1745, ele desenvolveu ainda mais a doutrina da santificação, e a doutrina de segurança aparece ligada à mesma. A segurança é absolutamente necessária à santidade interior, mas não à santidade externa. Wesley é confrontado com a acusação freqüentemente repetida de que ele havia mudado a sua pregação ou sua doutrina. Ele responde mostrando que no princípio ele pregou aos incrédulos. Mas a esses agora sobre quem: "A fundação já está colocada, nós os exortamos a irem em direção à perfeição; a qual nós não vimos tão claramente no princípio, embora dela falamos ocasionalmente desde o princípio. Ainda agora continuamente pregamos a fé em Cristo como Profeta, Sacerdote e Rei, tão claramente e fortemente e tão completamente quanto fizemos seis anos atrás." (72)

Toda atenção agora é dirigida para santificação. A santificação interior começa no momento da justificação, quando "a semente de toda virtude é então instantaneamente semeada na alma. A partir disso o crente morre gradualmente para o pecado e cresce na graça. A semente do pecado ainda permanece nele, até que ele seja santificado completamente no corpo, alma e espírito". (73) Se uma pessoa morrer sem ser santificada, "ela não pode ver a Deus. Mas nenhuma pessoa que busca isto sinceramente irá morrer sem isso, entretanto possivelmente ela a alcance momento antes da morte". (74) Na realidade, Wesley acredita que aqueles que esperam e procuram a santificação podem atingi-la muito antes de morrer. "Embora nós aceitemos (1) que a maioria dos crentes não são santificados a não ser momentos antes da morte, (2) e que poucos desses para quem Paulo escreve em suas Epístolas eram santos na ocasião que ele escreveu; (3) e que ele também não era totalmente perfeito no momento em que escrevia as suas

primeiras Epístolas. (75) Mas a Bíblia afirma que João e todos aqueles para os quais escreveu eram completamente santificados.(76)

Nos primeiros dois anos de existência de seus Relatos e Atas, (Minutes) a santificação foi compreendida como iniciando simultaneamente com a justificação. Mas no segundo ano, Wesley introduz duas novas condições—"o estado de inteira santificação" (full) e o de "completamente santificado" (wholly)—e enfatiza a busca de tal experiência. Assim "santificação" e "estado de completa santificação" ou "completamente santificado" são coisas diferentes. "Inteira santificação" é um termo novo. Mas não está claro nos seus relatos o que ele significa. Por um lado, é usado com relação a justificação (77) e semelhante à santificação nos relatos de 1744. Por outro lado é usada no sentido de "completamente santificado" ou "como o estado de santificação completa" sugerindo que nós deveríamos orar sobre isso por aqueles que não estão atentos.

Logo depois, no mesmo ano, Wesley publicou "Um Apelo Adicional aos Homens de Razão e Religião" em resposta à solicitação dos seus associados no Concílio de junho de 1744. Ele segue com o mesmo discurso apresentado em 1739 no prefácio dos Hinos e Poemas Sagrados. E usa o termo "santificação", palavra que não havia empregado em seu primeiro "Apelo", só que desta vez santificação é um termo que usado de forma intercambiável com salvação, mantendo uma relação semelhante com a justificação como aconteceu em seus relatos no começo do mesmo ano.

O que é novo neste momento é a discussão sobre a salvação, que agora não significa:

"apenas (de acordo com a noção vulgar) a libertação do inferno, ou a ida para o céu, mas uma libertação presente do pecado, uma restauração da alma para sua saúde primitiva, sua pureza original, uma recuperação da natureza divina—a renovação de nossas almas à imagem de Deus em retidão e verdadeira santidade em justiça, misericórdia e verdade."(78),

A diferença entre estas duas noções é que: a noção vulgar, com seu foco em nosso estado futuro, não trata do pecado no presente. Wesley acredita que é primordial pensar sobre isso. Só quando lidamos com pecado no presente podemos falar de santidade. E Wesley acredita que santidade e salvação são termos sinônimos.

Vários aspectos anteriores estão faltando nesta definição de santificação. A inteira santificação é precipitadamente definida como algo que acontece antes da nossa justificação final no último dia.(79) Wesley emprega uma nova imagem ao falar sobre salvação. Sua gradação é comparada ao reino de Deus: se uma pessoa lança a semente no solo, primeiro nasce a árvore, depois a espiga e em seguida o grão na espiga. A primeira semeadura é instantânea. Após explicar suas convicções Wesley aborda os argumentos dos seus críticos. Sobre a doutrina de santificação, o folheto "Observations", (80) que foi amplamente atribuído ao Bispo Gibson de Londres, questiona Wesley sobre o resultado prático da sua doutrina.(81) Ele pergunta: "Você não acha que dizer que alguém está no estado de perfeição não o leva ao orgulho espiritual? E pessoas que atingiram este estado provavelmente não menosprezariam outros considerando-os inferiores e imperfeitos, isto é, demonstrando com isso que há graus de crescimento em graça e bondade?"

"(82) A resposta de Wesley simplesmente diz que essa falsa imaginação é orgulho espiritual. "Mas a verdadeira perfeição cristã não é outra coisa senão, amor expresso humildemente". (83)

A segunda pergunta é altamente sutil. O Bispo Gibson habilmente escolheu o assunto que Wesley havia passado por cima, ou seja, se há diferença entre perfeição cristã (um estado alcançado após a santificação) e a santificação gradual. Wesley responde em duas partes. Primeiro, ele diz que pessoas que imaginam que só eles atingiram a perfeição menosprezam os outros. Segundo, crescer em graus na graça e bondade, não é uma mera distinção entre um modo inferior e outro perfeito. "Os que já são 'pais' em Cristo crescem em graça através de graus do mesmo modo que os bebês recém-nascidos o fazem também". (84)

Gibson pressiona Wesley novamente sobre as condições da salvação. Wesley

responde que a fé, a santidade e obediência universal são as condições prioritárias para a salvação final. A fé é a única condição para a salvação presente. A fé implica que (1) as pessoas são salvas de seus pecados e podem ser interiormente e exteriormente santos, e (2) que sempre que a fé se manifesta, a santidade começa na alma.

As Atas de 1746 focalizam novamente o assunto da salvação. Ao afirmar que a salvação é pela fé Wesley quer dizer o seguinte: O perdão (salvação iniciada) é recebido pela fé gerando boas obras; a santidade (salvação continuando) é a fé operando pelo amor; o céu (salvação consumada) é a recompensa desta fé.

Em 1746 surge pela segunda vez novos questionamentos referentes à uma possível mudança na pregação de Wesley sobre a doutrina da salvação. As perguntas foram, por que você mudou a pregação dessa sua doutrina em relação ao seu tempo em Oxford? Pode existir algum grau de amor a Deus antes de um senso claro de justificação? Esta última pergunta focaliza nitidamente os primeiros anos da experiência de Wesley. Ele responde, "Nós acreditamos que pode." Mas sua resposta levanta a contundente pergunta sobre a santificação ou santidade em graus antes da justificação. Sobre isso Wesley afirma que a santidade exterior pode vir antes da santificação, mas qualifica a sua declaração ao dizer: ela não se originam de princípios cristãos. Porque o amor de Deus não pode se manifestar a não ser por meio da fé em um Deus perdoador, e nenhuma verdadeira santidade cristã pode existir sem ter este amor como fundamento". (85).

Os relatos de 1747 são especiais porque clarificam alguns aspectos importantes dos seus escritos sobre a doutrina da salvação. Wesley afirma que a segurança vem em graus. Ele apela para a doutrina da Igreja da Inglaterra sobre a santificação, que afirma:

1. Que toda pessoa deve estar completamente santificado na morte;
2. Que o crente cresce diariamente em graça e se aproxima cada vez mais da perfeição;
3. Que devemos continuamente nos preocupar com isto, e exortar outros a fazerem o mesmo. (86)

Wesley concorda que (1) a maior parte dos que morreram na fé não foi santificado a não ser num pequeno instante antes da morte; (2) que o termo "santificado" é continuamente aplicado por Paulo para todo aquele que foi justificado—tornaram verdadeiros crentes, (3) que o termo santificação quando usado sozinho, raramente está se referindo a alguém salvo de todo o pecado; (4) que não é certo usá-lo neste sentido, sem acrescentar a palavra "totalmente", "completamente", ou outro termo semelhante; (5) que os escritores Bíblicos muito raramente falaram dos completamente santificado nem se referindo a si mesmos nem a quem eles escreveram; (6) que por conseguinte nós temos que falar quase continuamente do estado de justificação, mas raramente, e de maneira bem clara e explícita, sobre a inteira. santificação

A diferença entre a visão de Wesley e da Igreja da Inglaterra é que Wesley acredita que Deus nos salvará de todo o pecado antes da morte. É uma promessa bíblica clara. Wesley acredita que a perfeição e a inteira santificação são intercambiáveis, mas ele não incluiu a perfeição nos seus seis pontos anteriores nos quais falou da inteira santificação.

Os assuntos sobre a santificação desaparecem por uma década depois de 1747. Os relatos se preocuparam principalmente com o problema de disciplina. Em 1753 Wesley demonstra a sua visão do que é ser um cristão ideal com a publicação de "Uma Clara Explicação de um Cristianismo Genuíno". (87) O cristão ideal é aquele que não pode pensar em Deus sem humilhar diante Dele; aquele que tem um sentimento contínuo de dependência de Deus, alguém que tem um profundo afeto pela fonte de todo o bem, que se lembra de que Deus, acima de tudo é amor generoso e desinteressado. Este amor é fonte de todos os sentimentos corretos e constrange a pessoa a uma rígida consideração à verdade, com sinceridade e simplicidade genuína. Este mesmo amor é fonte de todas as ações corretas. O cristão é feliz sabendo que há um Deus e que Deus o ama. Esta é a moldura nua

clara de um cristão no qual Wesley acredita. O cristianismo descreve seu caráter, especialmente em 1 Coríntios 13 e nas Bem-Aventuras, e promete que este tipo de caráter pode ser meu se eu não descansar até que eu o alcance. Além disso, me diz como eu posso consegui-lo, isto é: pela fé. "O Cristianismo me diz e eu encontro isto. E o cristianismo considerado como um princípio interior, é a conclusão de todas as promessas. É santidade e felicidade, a imagem de Deus impressa num espírito criado; uma fonte de paz e amor transbordando em vida eterna". (88)

Três anos mais tarde Wesley escreveu dois de seus mais claros tratados sobre a perfeição nas cartas enviadas para William Dodd. Eles foram posteriormente publicados em 1779 na Revista Arminiana. Embora, nada de novo apareça, essas publicações simplesmente reafirmam o conceito de Wesley de perfeição cristã dos anos médios de sua reflexão.

A carta de Wesley para Thomas Oliver em março de 1757 apresenta uma situação nova que merece análise. As pessoas estão reivindicando uma experiência da "segunda bênção". Duas outras coisas aparecem relacionadas com a perfeição cristã. Uma é a reivindicação de Wesley de que sem perfeição cristã ninguém pode ser feliz nesta terra. Tal reivindicação é uma reminiscência de Richard Lucas. A outra coisa é que um fruto é produzido no mesmo instante que o testemunho positivo e direto do Espírito comunica que a obra da perfeição foi realizada.

O ano seguinte também foi conturbado para a doutrina de Wesley sobre a santificação. Em uma carta para Elizabeth Hardy, de 5 de abril de 1758, Wesley aponta que alguns dos seus pastores estão propondo novas doutrinas. (89) As doutrinas são 1- se você morrer sem alcançar a perfeição, você perecerá. 2- o crente está debaixo da maldição de Deus e em estado de condenação até que receba a perfeição. Tal radicalismo leva Wesley a definir a perfeição nesta sua carta apenas como "amor perfeito" ou "amar a Deus de todo nosso coração." Wesley está convencido de que todo crente pode atingir isto, contudo, nenhuma condenação existe para aqueles que não conseguem. Não obstante Wesley assegura que é conveniente ou necessário de acordo com a natureza das coisas que a alma poderá ser salva de todo o pecado antes de entrar na glória. Está escrito "nenhuma coisa suja entrará no céu". (90)

Uma nova dimensão da perfeição cristã emerge deste conflito nos relatos de 1758. É a discussão sobre a necessidade que os "perfeitos" têm dos méritos de Cristo. Eles também têm a necessidade de perdão, Wesley diz que é porque até mesmo um engano é uma transgressão da lei perfeita. Todo engano, se não for expiado, exporia a pessoa à condenação eterna. Com esta mudança, Wesley é bem sucedido ao demonstrar que até mesmo o mais perfeito tem a necessidade ininterrupta dos méritos de Cristo.

Uma vez mais, Wesley usa a caneta em defesa da sua doutrina, desta vez em 1759. Em 1760 ele publicou um folheto intitulado "Reflexões sobre a Perfeição Cristã" nos "Sermões sobre Várias Ocasões". Usando perguntas pesadas, os críticos tentavam forçar Wesley a admitir que ele tinha modificado o ensino que havia defendido anteriormente. Ao invés disso, Wesley juntou sabiamente todas as objeções em uma série de perguntas na Conferência de Londres de 1759, e em seguida publicou "Thoughts". (91)

Wesley acrescenta ainda um prefácio chamado "Reflexões para o Leitor Cristão". Nele declara que o propósito de escrever "Reflexões", não é satisfazer a curiosidade, nem para provar a doutrina em oposição àqueles que a ridicularizam, nem para responder as numerosas objeções de pessoas sérias sobre a sua doutrina sobre a perfeição Cristã. Sua pretensão é demonstrar os sentimentos com os quais ele esteve envolvido durante os últimos vinte e cinco anos de sua vida, ou seja, o que a perfeição cristã inclui e o que ela não inclui, e adicionar alguns observações. O que é então a perfeição Cristã para John Wesley em 1760? Sua resposta corrente é—"Amar a Deus com todo nosso coração, mente, alma, e força." Ele primeiramente a definiu desta forma no prefácio de Hinos e Poemas Sagrados em 1739. Logo ele cita dos relatos de 1758 uma lista de mal entendidos, e a

necessidade da perfeição cristã dependente dos méritos de Cristo. Isto é então elaborado em "Reflexões". Em qualquer condição nós precisamos de Cristo: para graça, para todas as bênçãos: temporal, espiritual, e eterna— e para expiação de todas nossas omissões, faltas e divergências.

Ele também aborda o tópico de um modo mais claro, bem parecido ao de Law. A perfeição cristã é a sujeição de todo desejo e obediência a Cristo. "A vontade está completamente sujeita à vontade de Deus e os sentimentos totalmente fixados nele". (92) Se uma pessoa estiver em tal situação, que motivo poderia induzi-la a uma transgressão da lei? A resposta de Wesley é que nenhum mal pode induzir uma pessoa "perfeita" a fazer qualquer ato que é "formalmente mal", embora, materialmente por causa da fraqueza a pessoa possa ser condenada pela lei perfeita. Algumas pessoas não fazem esta distinção entre formal e material. Por isso eles entendem mal as reivindicações de Wesley de que os cristãos podem ser perfeitos.

Mas uma pessoa pode estar enganada sobre ser perfeita? Wesley acreditava que até mesmo se a pessoa é enganada, é um engano inofensivo porque a pessoa sente nada mais que amor dentro do seu coração. O seu ponto é que, contanto que a pessoa sinta amor e é animada por amor em todas as suas ações, pensamentos e palavras, qualquer um pode chamar isto do que eles quiserem. Ao mesmo tempo, não obstante, Wesley reconhece que este não é um estado permanente de ser. O amor pode morrer. Entretanto ele enfatiza que simplesmente porque alguns perdem a inteira santificação, isso não significa que a doutrina é falsa. Tal lógica exigiria que todas as pessoas que experimentam a inteira santificação estejam enganadas.

No próximo ano, Wesley aumentou seu trabalho prévio escrevendo "Mais Recentes Pensamentos sobre Perfeição Cristã". Em seu Diário, ele escreveu, "Se precauções tivessem sido tomadas, quanto escândalo teria sido prevenido!" E por que elas não foram tomadas? "Porque meu próprio amigo íntimo [Thomas Maxfield] estava formando um partido contra mim."

Em seu texto "Mais Recentes Pensamentos", Wesley apresenta pela primeira vez, na sua discussão sobre a perfeição Cristã, o conceito de "Concerto Adâmico". O propósito é tornar mais claro o sentido de "mal material" que tinha sido introduzido em "Pensamentos". Quando Adão caiu, ele não só perdeu os poderes originais que lhe permitiam agir, falar, e pensar corretamente, mas além disso, o seu corpo incorruptível tornou-se corruptível. "É tão natural para um homem cometer um engano quanto respirar; e ele não pode mais viver sem um, tanto quanto, sem o outro." (93). Por conseguinte, ninguém é capaz de servir esta lei. Mas Cristo trouxe um fim à lei de Adão. A nova lei é a fé em Cristo como nosso Profeta. Até mesmo, a mais santa de todas as pessoas, constantemente precisa de Cristo, devido ao pecado de Adão. Com isso, Wesley reitera a sua posição anterior dos relatos de 1745 explicando novamente o significado de Profeta, Sacerdote e Rei. (94) Porém, uma mudança sutil ocorre aqui no pensamento de Wesley sobre a perfeição. Em 1747 ele declarou que geralmente os cristãos eram completamente santificados antes da morte. A pessoa sente que ela é completamente santificada, se referindo aos não Metodistas. Em 1761, Wesley entende que isso também ocorre com os Metodistas. Porém, ele diz, "eu acredito que este é o caso da maioria, mas não de todos". (95)

Em 1762, as coisas progrediram a ponto de Wesley sentir-se compelido a escrever "Precauções e Instruções dadas aos Maiores Professores nas Sociedades Metodistas". Os "entusiastas", como Wesley os chamou, foram conduzidos por George Bell e Thomas Maxfield. Eles desenvolveram uma doutrina da inteira santificação para compensar o que eles viram como um compromisso de Wesley de permitir um pregador que não tinha experimentado a inteira santificação ensinar os que tiveram. Wesley respondeu à questão com seis conselhos: Esteja atento e ore continuamente contra orgulho; cuidado com o entusiasmo, com o antinomianismo, com os pecados de omissão, desejando apenas a Deus, e cuidado com o cisma. Resumindo, o entendimento de John Wesley sobre a "santificação" e "perfeição"

durante os anos médios de sua experiência deve ser dividido em dois segmentos. O primeiro segmento, de 1739 até aproximadamente 1744, é caracterizado pela ênfase na "santificação" e "perfeição" como viver sem pecado. Embora ele veja as pessoas em níveis diferentes de maturidade, estes níveis são fases da regeneração, e não santificação ou perfeição. Esta compreensão dos termos explica por que ele pode comparar santificação e perfeição: ambos significam a ausência de pecado. O significado idêntico também explica como Wesley pôde reivindicar ambos como sinônimos de santidade. Mesmo o termo "perfeito em amor" significa vida sem pecado.

O outro segmento deste período mediano vai de 1745 até 1763. Wesley está desenvolvendo certa sofisticação na compreensão do que significa ser um cristão maduro. A santificação começa simultaneamente com justificação e continua até a morte. A perfeição é uma experiência instantânea após a santificação na qual os crentes deixam de pecar. Pecado ainda é o elemento constitutivo do conceito de Wesley sobre a perfeição cristã. Porém, é este mesmo ponto que dá início ao último período daquilo que John Wesley compreende como perfeição Cristã.

IV

No segundo segmento, como vimos anteriormente, gradualmente Wesley mudou sua posição no que se refere ao pecado ter uma correlação direta com os "perfeitos em amor." A característica do último período é a afirmação constante de que o "perfeito" pode cair da graça. Um outro aspecto que Wesley energeticamente reforça são as obras de santificação. É como se ele tivesse voltado a sua antiga ênfase de 1738 sobre as obras como o conceito de santificação, com exceção da presença da dimensão da fé. Estes novos aspectos marcam amadurecimento do pensamento de Wesley, e com isso nos leva à seção final desta abordagem.

A reafirmação entre a relação "amor - pecado" pode ser vista na carta que Wesley escreveu a Sra. Maitland, em maio de 1763. Não há nenhum pecado nos cristãos que são perfeitos? Ela pergunta. Wesley responde, "eu não acredito; mas pode ser que sim, eles não sentem nenhum temperamento, mas puro amor, enquanto se alegram, oram e agradecem, continuamente. Se o pecado foi suspenso ou extinguido, eu não vou me deter nisso; é suficiente apenas dizer que eles não sentem nada, a não ser amor". (96)

No seu Diário no dia 28 de março de 1763, Wesley escreve que o sermão "O Pecado nos Crentes" era para corrigir a noção de que não há nenhum pecado naquele que está justificado. Esta noção de "perfeição sem pecado", diz Wesley, vem da influência do Conde Zinzendorf; e embora ele a tenha abandonado, ela ainda se mantém viva na Inglaterra.(97)

Daqui para frente temos o problema dos cristãos sem pecado. O problema já foi discutido. Porém, Wesley nos esclarece com a sua resposta, a seguinte pergunta: O justificado está livre de todo o pecado na sua justificação? No momento que são santificados e lavados, e recebem poder sobre o pecado interior e exterior? Wesley não acredita que a pessoa é livre do pecado neste momento, porque Paulo diz o contrário. Além disso, "a posição de que não há nenhum pecado no crente, nenhuma mente carnal, nenhuma inclinação à apostasia, é contrária à Palavra de Deus, e para a experiência dos seus filhos". (98) Os cristãos continuamente sentem o coração inclinado para a apostasia, uma tendência natural para mal. Diariamente eles sentem isto. Mas ao mesmo tempo, eles sabem que são de Deus, e sentem o Espírito de Deus testemunhando com o espírito deles. "Eles estão igualmente seguros de que o pecado está neles e que Cristo é neles a esperança de glória." (99)

Mas surge a pergunta: Cristo pode morar no coração onde habita o pecado? Wesley responde sim. Porém, Cristo não pode reinar onde reina o pecado. "Mas ele está e mora no coração de todo crente que está lutando contra todo o pecado." (100). Wesley apresenta doze argumentos usados para apoiar a perfeição sem pecado, e se opõem a cada um deles habilmente. A conclusão é que:

"há em toda pessoa, até mesmo depois que ela é justificada, dois princípios

contrários, natureza e graça, denominados por Paulo como carne e Espírito. Conseqüentemente, embora até mesmo os bebês em Cristo sejam santificados, eles só estão em parte. De acordo com a medida da fé deles, em certo grau eles são espirituais; mas em outro grau eles são carnis."(101)

Os cristãos conhecem esta luta pela experiência.

"Então, nos deixe firmemente afirmar esta doutrina 'uma vez entregue aos santos', e entregue por eles aqui na terra, pela palavra escrita para todas as gerações sucessivas,: que, embora sejamos renovados, limpos, purificados, santificados, no momento que nós verdadeiramente cremos em Cristo, contudo nós não somos renovados , limpos e purificados completamente; pois a carne, a natureza má, ainda permanece (embora subjugada), e guerreia contra o Espírito. Tanto o mais quanto nós usamos toda a diligência 'lutando a boa luta de fé.'" (102)

O sermão "O Modo Bíblico de Salvação" foi escrito em 1765 por causa da controvérsia dos ensinamentos antinomianos de John e Robert Sanderman (que tinha ganho dois dos mais talentosos pregadores de Wesley , Thomas Maxfield e George Bell). Mais do que uma simples declaração, este sermão clarifica o conceito de Wesley sobre a santificação, colocando-a no contexto geral da sua teologia. Alguns que abandonaram a santificação cometeram o erro de afirmar que não havia mais pecado. Macarius, mil e quatrocentos anos antes, descreveu esta mesma situação.

O inábil [sem experiência], quando a graça opera, eles imaginam que não têm mais nenhum pecado. Mas aqueles que têm discipulação não podem negar que até mesmo nós que temos a graça de Deus podemos ser molestados novamente. Porque nós temos freqüentemente exemplos de alguns entre os irmãos que experimentaram tal graça para afirmar isso [...] neles não havia pecado, mas, no entanto, depois de tudo, quando se achavam totalmente livres a corrupção que se escondia no interior deles foi despertada novamente e quase foram consumidos (103)

Os aspectos que Wesley clarifica são úteis. Uma pessoa é santificada da mesma maneira que outra é justificada: e a condição é a fé. Deve haver boas obras para ambos, entretanto boas obras não são as condições para fé. As boas obras de santificação são divididas em obras de devoção e obras de misericórdia ambos as quais são em certo sentido necessárias para santificação da mesma maneira que os frutos de arrependimento são em algum sentido necessários para a justificação. Isto significa que há boas obras que vêm antes da santificação e boas obras que seguem a santificação; sem estas obras, a pessoa não é santificada. Tal é o caso com a justificação. Este ponto está no coração da controvérsia com antinomianismo.

No sermão O Modo de Bíblico de Salvação, Wesley usa pesadamente outro sermão "Sobre o Pecado nos Crentes" para enfatizar que o pecado permanece embora ele necessariamente não reine. A experiência nos convence de nosso desamparo, e nossa inabilidade absoluta para pensar o que é bom, ou formar um desejo bom. Só pela livre e Toda-poderosa graça de Deus, primeiro na forma preveniente e depois nos acompanhando em todo momento é que fazemos qualquer bem.

Mas contrário ao sermão "Sobre o Pecado nos Crentes", Wesley fala agora vigorosamente de inteira santificação. É salvação total de todos os nossos pecados. É equivalente a perfeição definida como "perfeito amor." Mas o que é a fé por meio da qual nós somos santificados, somos salvos de todo pecado, e somos aperfeiçoados em amor? Wesley diz que esta fé é primeiramente prometida na Bíblia. Em segundo lugar, o que Deus prometeu, Ele pode executar. Deus pode tirar a impureza. Terceiro, Deus está pronto para fazer isso agora. Quarto, Deus faz isso instantaneamente. Este movimento progressivo é idêntico ao Cristianismo Genuíno. Em 1765, Wesley publicou as primeiras seis edições de " Uma abordagem Clara da

Perfeição Cristã como Crê e Ensina o reverendo John Wesley de 1725 a 1765. A obra, uma coleção dos seus escritos sobre o assunto,(104) é mais uma vez uma defesa do seu movimento. Os escritos que aparecem em "Uma Conta Clara", tinham sido discutidos, com exceção de uma pequena abordagem da vida e morte de Jane Cooper, um texto não identificado e a própria conclusão de Wesley. As primeiras duas exceções acrescentam pouco a nossa compreensão da perfeição cristã. Mas a conclusão é útil.

Na conclusão, duas coisas são notáveis. Wesley diz em 1764 que ele resumiu a perfeição Cristã nas proposições seguintes. (aqui se menciona o que não é redundante.)

4. Não é absoluta. Perfeição absoluta não pertence ao homem, nem aos anjos, mas apenas a Deus.

6. É sem pecado? Não vale a pena por enquanto discutir o termo. É 'salvação do pecado' (minha ênfase).

7. É 'amor perfeito.' Esta é a sua essência.; suas propriedades, e seus fruto inseparáveis

são: alegrar sempre, orar sem cessar, e em tudo dar graças.

9. É possível de ser perdida; fato do qual nós temos numerosos exemplos. Mas não estávamos completamente convencidos disto até cinco ou seis anos atrás (minha ênfase). (105)

Um outro fato é que: Wesley agora vê a perfeição cristã de pelo menos três pontos importantes.

1- De um modo, é pureza de intenção, dedicação de toda a vida para Deus.

2- De outra perspectiva, é toda a mente que estava em Cristo, nos habilitando a caminhar como Cristo caminhou.

3- De outra forma, é amar a Deus com todo nosso coração, e nosso próximo como a nós mesmo. (106)

No mesmo ano Wesley escreveu outro sermão importante—"O Senhor Justiça Nossa." O ponto importante e controverso desse sermão é a ponto onde Wesley questiona se nós não "devemos tirar os trapos imundos de nossa própria retidão antes de podermos vestir a imaculada justiça de Cristo?"(107). Sua resposta é sim; devemos. A implicação aqui parece ser que (1) há obra de justificação e santificação que vêm antes de se estar justificado e santificado. E (2) nossas obras são (uma) parte integrante da nossa salvação.

Em "Breves Pensamentos sobre a Perfeição Cristã", escrito em 1767, Wesley diz que ele precisa "fazer a correção de várias expressões em nossos Hinos que em parte expressa, em parte insinua, a impossibilidade"(108), de nunca perder a perfeição. Wesley está recorrendo à edição de 1740 de Hinos e Poemas Sagrados. Na sua segunda edição de Uma abordagem Clara, ele admite exagerar com relação ao seguinte: não desejar facilidades na dor, não ter nenhum pensamento quando vir diante de Deus exceto dEle; não ter nenhuma dúvida ou temor sobre qualquer ação; confiar no Santo para o que falar ou fazer, e não ter nenhuma razão .(109) Os "Minutes" de 1768 também são reveladores. Wesley castiga os pregadores pela frouxidão das sociedades, pela formalidade existente no louvor, e por negligenciarem jejuns. Ele reclama que:

"poucos estão convencidos, poucos justificados, poucos de nossos irmãos são santificados. Conseqüentemente há cada vez mais dúvida, se somos santificados afinal antes da morte: Eu quero dizer santificado totalmente, salvos de todo o pecado, perfeitos em amor. Deste modo podemos falar a mesma coisa. Eu pergunto mais uma vez, devemos nós defender esta perfeição ou desistirmos dela?" (110)

Os Minutes também são úteis por esclarecer terminologia ambígua. "Santificado totalmente", "salvo de tudo", "aperfeiçoado em amor", "perfeição", e "inteira santificação," todos significam a mesma coisa — uma experiência instantânea no movimento gradual de santificação.

Nos Minutes de 1770 a preocupação de Wesley é reavivar a obra de Deus. Está faltando visitação., e com isso aumentando a inatividade e vadiagem. Tal condição não é compatível com crescimento na graça. "Sem preocupação em redimir o tempo", diz ele, "é impossível reter a vida até mesmo a que foi recebida na justificação". (111). Wesley recorre aos Minutes de 1768 ao sugerir que o lugar para se começar é: com livros evangelísticos , pregação nos cultos matutino, louvor, jejum, e a experiência da libertação instantânea do pecado.(112) No final dos Minutes de 1770, Wesley diz que aqueles de nós aceitos por Deus somos os que acreditamos em Cristo com um coração obediente e amoroso. Aqueles que nunca ouviram Cristo temem a Deus e fazem boas obras de acordo com a luz que eles têm. Essa afirmação aumenta a controvérsia da salvação através das obras. ""Wesley afirma a salvação não pelo mérito das obras, mas tendo as obras como uma condição"; de méritos, sim, temos medo, mas "somos recompensados 'de acordo com as nossas obras; sim 'por causa de nossas obras.' "(113). "Esse ponto de vista parece divergir da posição mais antiga onde a fé é a única condição de justificação e santificação".

Em seu sermão intitulado "Sobre a Perfeição", escrito em 1784, Wesley faz a exegese de Hebreus 6:1, "Prossigamos para a perfeição." Se nós não formos em direção a perfeição, nós corremos o risco de sermos lançados fora. Wesley diz, "e se nós formos lançados fora é 'impossível', isto é, extremamente difícil, sermos renovados novamente para o arrependimento. ' (114) Aqui ele esclarece o que a perfeição significa. Nem é a perfeição de anjos, nem a perfeição adâmica. Não é estar livre da ignorância, erro, fraquezas, ou alguns afetos. Antes "o resumo da perfeição Cristã está contido na palavra, amor". (115). Além dessa definição, Wesley cria oito definições bíblicas para o que ele entende como perfeição.(116) Somente uma das definições menciona o pecado.

Dois sermões, escritos nos últimos anos da vida de Wesley, reforçam a linha comum que tece ao longo da última seção deste relatório. No sermão "Como desenvolver a nossa Própria Salvação", um sermão escrito em 1785, Wesley desenvolve a idéia de que "é Deus que opera em você o querer e o realizar de acordo com a Sua vontade". Primeiro ele afirma esta "verdade principal.," e depois provoca discussão ao dizer:

"... desenvolva sua própria salvação. A palavra original, desenvolva, insinua o fazer uma coisa completamente. Sua própria, para você mesmo, você deve fazer isto, ou ficará sem ser feito para sempre".(117)

Ele vai mais além ao dizer que a salvação começa com graça preveniente que inclui o desejo de agradar a Deus, descobrindo a sua vontade, e discernindo nosso pecado contra Ele. "Tudo isso implica em alguma tendência para vida, algum grau de salvação". (118) A Salvação é proporcionada pela graça convencedora - arrependimento. É aí então que nós experimentamos a própria salvação Cristã, isto é, a justificação e a santificação. Esta tensão entre a obra de Deus e a humana desenvolvendo a salvação são reunidas pela seguinte declaração de Wesley: "primeiro Deus age, então você pode agir, ou visto de outra forma: Deus opera, então você tem que operar". (119)

Um outro sermão "Sobre as Vestes de Casamento" foi escrito no dia 26 de março de 1790, só meses antes da sua morte. Está baseado em Mateus 22:12 na parábola sobre o banquete que um Rei faz para o seu filho. Quando o rei cumprimenta os convidados, ele nota que um convidado não estava usando as vestes apropriadas para a festa de casamento. Quando perguntado por que, o amigo fica sem palavras. Assim o rei manda lançá-lo na escuridão exterior. Wesley interpreta o vestuário de casamento como a "santidade sem a qual ninguém verá a Deus." A justiça de Cristo e a santidade da pessoa são ambas necessárias. A primeira nos nomeia para o céu, a última nos qualifica para isso. Mas o que é esta santidade? "Em uma palavra Wesley afirma que santidade é ter 'a mente que estava em Cristo' e 'andar como ele andou.' "(120)

Para resumir a compreensão de Wesley sobre a "santificação" e a "perfeição" no primeiro período de sua vida, precisamos reconhecer várias mudanças. Nos seus primeiros anos de experiência, Wesley parece estar levando o pecado mais a sério do que faz no seu sermão "Sobre o Pecado nos Crentes." Ele fala de perfeição em termos de perfeito amor" e não está necessariamente relacionado a não pecar. Na realidade, Wesley diz que não pretende discutir sobre o termo "sem pecado." Uma segunda mudança pode ser percebida na ênfase colocada sobre as obras de santificação. Wesley também vai aparentemente mais além ao equacionar obras com fé como a condição de salvação— o começo da santificação. Uma outra mudança acontece no modo de Wesley falar da perda da perfeição. A experiência novamente lhe mostrou muitos exemplos que negam essa possibilidade. E por ultimo, Wesley fala em várias ocasiões, das diferentes formas de se entender o que é a perfeição cristã. Mas quando são resumidas ao essencial, a essência da perfeição Cristã para John Wesley é o amor.

V

Revisando os três períodos da vida de Wesley vimos suas próprias reivindicações de que o seu conceito de perfeição Cristã mudou em alguns aspectos, e permaneceu o mesmo em outros.

Falaremos primeiro sobre o aspecto imutável da doutrina. Com relação a sua leitura sobre Taylor e Kempis, Wesley entendeu que todos os aspectos da sua vida devem ser dedicados a Deus, a simplicidade de intenção e pureza de afeição devem estar unidas com o amor . Isto deveria governar toda a sua conversa, desejos, e temperamentos. Neste sentido Wesley consistentemente manteve a sua doutrina da santificação, e estes aspectos consumiram toda a sua vida.

Usamos aqui intencionalmente o termo santificação em vez de perfeição. Isto se deve ao próprio uso que Wesley faz dele durante as últimas seis décadas da sua vida. Ele entendeu a santificação como uma gradação de maturidade Cristã, começando simultaneamente com justificação e se estendendo até a morte. A perfeição, porém, deveria ser limitada ao trabalho instantâneo do Espírito por meio de quem a pessoa é limpa, como na sua forma inicial de compreensão, ou quando o "ser inteiro" da pessoa é consumido pelo amor a Deus e pelo seu próximo , de acordo com sua compreensão posterior. Fica difícil perceber claramente a distinção entre santificação e perfeição sem primeiro discutir como a doutrina da santificação mudou. Aqui se estabelece a confusão histórica. Ele começou a sua "religião séria" com a santificação como condição para justificação. Em 1738 ele inverteu a ordem e a fé tornou-se a condição de ambos. Wesley desconsiderou qualquer obra antes da santificação durante os primeiros vinte e cinco anos. Mas gradualmente ele gravitou em torno de sua antiga posição nos anos antes de 1738 chegando a incorporar as obras como necessário juntamente com fé para a santificação. De forma mais enfática, Wesley reafirma nos Minutes de 1768 que as obras juntamente com fé são a condição para santificação — mas não os méritos da mesma.

Outra mudança no seu pensamento ocorreu na forma como a doutrina da perfeição foi ensinada. Nos metade de sua vida, Wesley, fez uma justaposição entre a ausência de pecado e amor, embora deva ser considerado que isso não ocorreu em todas as ocasiões. Isto criou uma tensão constante de "perfeição sem pecado." Nos anos seguintes e finais de sua vida, ele deu maior ênfase ao amor reinando totalmente no coração, colocando às vezes em descrédito até mesmo a noção de ausência de pecado. "Tal estado de amor perfeito" é sempre de caráter temporário. Ou seja, Wesley enfatizou que este estado podia ser perdido. Mas também poderia ser recuperado. Wesley foi também enfático neste ponto. Nenhuma pessoa está tão segura na graça de forma que ele ou ela nunca possam cair da mesma. Finalmente, a noção de Wesley de "perfeição" dentro da sua doutrina de santificação foi primeiramente uma doutrina prática. Alguém poderia dizer que ela evoluiu da própria necessidade de Wesley manter os Metodistas pressionados em

busca da santidade tanto interior com exterior. Se a perfeição só é possível na próxima vida, por que se exige nesta vida? Ainda mais se a perfeição é alcançada simultaneamente com justificação, por que afinal se preocupar em fazer qualquer boa obra?

Não somente a sua doutrina é prática, como também se orienta entre dois extremos, além de ser também logicamente necessária. Se os dois extremos forem rejeitados, deve haver uma posição mediana. Esta posição mediana não pode ter qualquer grau de poder absoluto senão ela se transforma obrigatoriamente em um dos extremos. (Essa foi de alguma forma a pretensão de Wesley)

Notas

1. Wesley makes this claim in *A Plain Account in The Works of John Wesley*, ed. Thomas Jackson (Kansas City: Beacon Hill Press, 1979), (hereafter Jackson: Works), 11:369.
2. Martin Schmidt, *John Wesley: A Theological Biography*, trans. Norman R. Goldhawk (Nashville: Abingdon, 1960), 1:77-80.
3. *Ibid.*, p. 67. It is said of King, Schmidt avers, that he "always carried about with him a copy of *The Imitation of Christ*."
4. Schmidt says Wesley reasoned that God made humans to be happy, and gave them the physical ability to enjoy little pleasures.
5. *Ibid.*, p. 53.
6. John Wesley: *A Christian Library* (hereafter *A Christian Library*) (Bristol n.p., 1749-1755), 24:60-430.
7. Lucas in *A Christian Library*, 24:283.
8. *Ibid.*, p. 283.
9. *Ibid.*, p. 283.
10. This is Wesley's interpolation.
11. *Ibid.*, p. 308.
12. Wesley published parts of it in 1748.
13. William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (London: J. M. Dent and Sons, 1955), p. 18.
14. However she knew the book under the title *Spiritual Conflict*, by the Benedictine Juan de Castaniza, who published Scupoli's work with his own. Schmidt, p. 48.
15. *Ibid.*, p. 53.
16. *Ibid.*, p. 48.
17. From *Spiritual Combat* in Albert C. Outler's *John Wesley* (London: Epworth Press, 1964), p. 252.
18. Henry Scougal, *The Life of God in the Soul of Man*, ed. W. S. Hudson (Philadelphia: Westminster Press, 1958), p. 30.
19. *Ibid.*, p. 48.
20. *Ibid.*, p. 49.
21. Wesley says he read both of Law's works before 1730. See *The Journal of the Rev. John Wesley*, ed. Nehemiah Curnock (New York: Eaton and Mains, n.d.), (henceforth *Wesley: Journal*), 1:467.
22. R. Newton Flew, *The Idea of Perfection in Christian Theology* (London: Oxford, 1934), p. 294.
23. *Ibid.*, p. 295. I am indebted to Flew for my discussion of Law's Christian Perfection.
24. Cited in Fogg's *Journal*, December 9, 1732—quoted in E. H. Sugden (ed): *Wesley's Standard Sermons* (hereafter *The Standard Sermons*), (London: Epworth Press. 1921). 1:264.
25. *A Plain Account* in Jackson: Works, 11:367-68.
26. Most of the quotations Wesley used in "The Circumcision of the Heart" I suspect come from the above writers. When the new Works come out this can be verified.
27. Molinos, *The Spiritual Guide Which Disentangles the Soul*, ed. Kathleen Lyttelton (London: Methuen and Company, 1950), p. 199.
28. de Sales, *Introduction to the Devout Life*, trans. and ed. J. K. Ryan (New York: Harper and Row, 1952), p. 3.
29. John Wesley, ed. Albert C. Outler (London: Oxford, 1964), 47. (Journal entry for January 24, 1738).
30. *Ibid.*, p. 47.
31. Outler, *John Wesley*, p. 252.
32. *Ibid.*, p. 252.
33. R. Newton Flew, *The Idea of Perfection in Christian Theology*, p. 180. I have drawn extensively from Flew on Macarius.
34. *The Homilies of Macarius* in *A Christian Library*, 1:88.
35. *Ibid.*, p. 88-89.
36. Outler, *John Wesley*, p. 12-13.
37. See *Wesley: Journal*, 1:151.
38. Outler, *John Wesley*, p. 14.

39. The Standard Sermons, 1:40f.
40. Frank Baker, gen. ed., The Works of John Wesley, 42 vols. (London: Oxford, 1975—), (hereafter Baker: Works) 11:176-77: The Appeals, by Gerald Cragg.
41. Minutes of the Methodist Conferences (London: John Mason, 1872), (henceforth The Minutes), 1:55.
42. Ibid, p. 55.
43. Ibid, p. 55.
44. Wesley acknowledges some verses were written upon the scheme of the Mystic divines. "But we are now convinced that we therein greatly erred: not knowing the Scripture, neither the power of God," Hymns and Sacred Poems, 1st ed., coll. and arr. in George Osborn, The Poetical Works of John and Charles Wesley (London: Wesleyan-Methodist Conference Office, 1868), (henceforth Osborn: Poetical Works), lxi.
45. Ibid., p. xiv.
46. Ibid., p. xx.
47. Ibid, p. xxii.
48. Ibid., p. XXii.
49. Ibid, p. xxii.
50. Hymns and Sacred Poems, 2nd ed., in Osborn: Poetical Works, 1:199.
51. Jackson: Works, 8:374.
52. Ibid., p. 365.
53. Ibid, p. 371
54. Ibid., p. 373.
55. A Plain Account in Jackson: Works, 11:374.
56. Outler, John Wesley, p. 254.
57. Ibid, p. 254.
58. Ibid, p. 254.
59. Ibid, p. 259.
60. Ibid, p. 267.
61. Several scriptural references Wesley repeatedly uses to round his doctrine are: Matt. 7:17-18; 21:12-33; Mark 7:12; Luke 6:40; and 2 Cor. 10:4.
62. Jackson: Works, 8:342.
63. Gerald Cragg, in the "Introduction" to A Farther Appeal in Baker: Works, 11:95, notes that Wesley assigned this writing together with the Farther Appeals a distinctive role. In his Journal, on January 5, 1761, he writes, "I have again communicated my thoughts on both heads to all mankind I believe intelligibly, particularly in the "Appeals To Men of Reason and Religion. "
64. Romans 6:12.
65. 1 Peter 4:12.
66. 1 John 3:8-9.
67. 1 John 5:18.
68. Baker: Works, 11:66.
69. Outler, John Wesley, p. 135.
70. Here I mean sometime after his 1738 reading and before or during writing Farther Appeals.
71. Outler, John Wesley, p. 160.
72. Ibid., p. 151.
73. Ibid, p. 152.
74. Ibid, p. 152.
75. Ibid, p. 152-53.
76. 1 John 4:17.
77. Outler, John Wesley, p. 151.
78. Baker: Works, 11:106.
79. Ibid., p. 106.
80. The full title is Observations, upon the Conduct of a Certain Sect usually distinguished by the name of Methodists.
81. The Bishop's remarks strongly resembled the terminology of the sermon "Christian Perfection."
82. Baker: Works, 11: 126.
83. Ibid., p. 126.
84. Ibid, p. 126.
85. Outler, John Wesley, p. 160.
86. Ibid, p. 167.
87. Ibid, p. 183.
88. Ibid, p. 191.
89. The Letters of the Rev. John Wesley, A.M., ed. John Telford, (London Epworth Press, 1931) (henceforth Wesley; Letters), 4:10.
90. Ibid., p. 11.
91. Outler, John Wesley, p. 283.
92. Ibid, p. 286.
93. Jackson: Works, 11:415.

94. Ibid, p. 417.
95. Ibid, p. 423.
96. Wesley: Letters, 4:213.
97. Wesley's confrontation with the Count can be found in Outler, John Wesley, p. 353-76.
98. The Standard Sermons, 2:368.
99. Ibid., p. 369.
100. Ibid., p. 369.
101. Ibid., p. 377.
102. Ibid, p. 378.
103. Outler, John Wesley, p. 274.
104. Here is a list of writings Wesley reprinted in A Plain Account: (1) "Circumcision of the Heart," (2) the preface to Hymns and Sacred Poems, 1739 edition, (3) The Principles of a Methodist (which he mistakenly entitled The Character of a Methodist), (4) "Christian Perfection," (5) the preface to Hymns and Sacred Poems, 1740 edition, (6) the preface to Hymns and Sacred Poems, 1742 edition, (7) the Minutes of Conference; 1744-47, 1758, (8) Thoughts on Christian Perfection, (9) Farther Thoughts on Christian Perfection, (10) a short account of the life and death of Jane Cooper, (11) Cautions and Directions Given to the Greatest Professors in the Methodist Societies, (12) and an unidentified tract.
105. Jackson: Works, 11:442.
106. Ibid, p. 442.
107. The Standard Sermons, 2: 433.
108. Jackson: Works, 11:446.
109. Ibid, pp. 379-80.
110. The Minutes, 1:80.
111. Ibid, p. 95.
112. In the 1744 Minutes he said, "We have leaned too much toward Calvinism," with regard to human faithfulness, and with regard to working for life. Our Lord expressly commanded us to "labor," literally "work" for the meat that endures to everlasting life.
113. Minutes of the Methodist Conferences (London, 1812), 1:96. This has its rationale in "The Lord Our Righteousness." "The Lord Our Righteousness" draws from the first reference to this in Hymns and Sacred Poems, the 1739 edition.
114. Jackson: Works, 6:411.
115. Ibid, p. 413.
116. (1) "Let this mind be in you which was also in Christ Jesus." (2) It is the one undivided fruit of the Spirit: "The fruit of the Spirit is love, joy, peace, long suffering, gentleness, goodness, fidelity, meekness, temperance." (3) "Putting on the new man" and "the new man renewed after the image of him that created him." (4) "As he that hath called you is holy, so be ye holy in all manner of conversation." (5) "the God of peace himself sanctify you wholly and may the whole of you, the spirit, the soul, and the body, be preserved blameless unto the coming of our Lord Jesus Christ." (6) "I beseech you, brethren, by the mercies of God, that ye present your bodies a living sacrifice unto God." (7) "Ye are a holy priesthood, to offer up spiritual sacrifices, acceptable to God through Jesus Christ." And (8) He will "save his people from their sins."
117. Jackson: Works, 6:509.
118. Ibid, p 509
119. Ibid, p. 511.
120. Jackson: Works, 7:317.

Bibliografia em Português:

- Wesley, John, A Perfeição Cristã, Casa Nazareno de Publicações, EUA, 1981.
- _____, Sermões, Volumes I-V, Editora Cedros. SP., 2000, pp.118
- Burtner, Robert W. at all, Coletania da Teologia de João Wesley, Imprensa Metodista, SBC., 1960,
- Reily, A Duncan, Metodismo Brasileiro e Wesleyano, Imprensa Metodista, SBC, 1981, pp. 229.
- _____, Momentos Decisivos do Metodismo, Imprensa Metodista, SBC, 1991, pp.143
- Lelievre, Mateo, João Wesley, Sua vida e Obra, Editora Vida, SP., 1997.
- Ensley, F. Gerald, João Wesley: O Evangelista, Imprensa Metodista, SP., 1992, pp.78.
- Kempis, Tomas A., Imitação de Cristo, Ediouro, RJ, s/d.
- Shedd, Russel P., Lei Graça e Santificação, Edições Vida Nova, SP., 2000.
- Stokes, Mack B., As Crenças Fundamentais dos Metodista, Imprensa Metodista, SBC., 1992, 150

Apostilas/textos

- Silva, Dionisio O ., Teologia de Wesley, adaptação, SP., 2002, 85 pp.
- Moore, D. Marselle, O Desenvolvimento do Pensamento de Wesley sobre a Santificação e a Perfeição, tradução e adaptação feita pelo pelo prof. Dionisio Oliveira da Silva, SP., 2003. 27 pp.

http://www.metodistalivre.org.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=50&sg=0&form_search=&pg=1&id=978

TAREFA

Com base no texto anterior, responda:

1-Quais mudanças práticas, Wesley imprimiu em sua vida cristã após a leitura de “Regras e Exercícios para um morrer e viver Santo”, de Jeremy Taylor?

2-Qual o conceito de Perfeição Cristã de Richard Lucas em seu livro “Uma Investigação sobre a Felicidade”?

3-William Law publicou “Chamada Séria a uma Vida Devota e Santa”, livro que influenciou Wesley. Como Law entende a Perfeição cristã?

4-Como Lorenzo Scupoli entende a Perfeição Cristã em sua obra “Combate Espiritual”?

5-Henry Scougal escreveu “A Vida de Deus na Alma do Homem”. Qual o seu conceito de Perfeição cristã.?

6-Outro livro de William Law intitulado “ A Perfeição Cristã”, foi estudado por Wesley. Quais conceitos Law apresenta sobre a perfeição cristã?

7-O que todos estes autores; Taylor, Scougal, Lucas e Law têm em comum quanto à visão da Perfeição Cristã?

8-Macáriu, o egípcio, conta entre os espiritualistas orientais da igreja cristã que possuem uma compreensão da perfeição cristã diferente da visão latina. Cite as 4 idéias distintivas de Macáriu de sua visão teológica.

9-Resuma os 5 conceitos de Perfeição Cristã, segundo os entendimentos de
a)Taylor e Lucas

b)William Law

c)Kempis, Scougal e Scupoli

d)Molinos, Madame Guyon e Francisco de Sales

e)Pais Orientais

10-Em 1740, Wesley escreveu “Os Princípios de um Metodista” para refutar o mal entendimento referente a esta doutrina. Como Wesley explicou “Uma pessoa perfeita”?

BIBLIOGRAFIA

- McGrath, Alister E. Uma introdução à Espiritualidade Cristã. Ed. Vida. SP. 2008
- Greatthhouse, William M. Dos Apóstolos a Wesley. CNP. Campinas. SP. 2002
- Wynkoop, Mildred Bangs. Fundamentos da Teologia Armínio-Wesleyana. CNP. Campinas. 2004
- Culbertson, Wiley. Introdução à Teologia Cristã. Casa Nazarena de Publicações. SP. 1990
- Knight, John A. À Semelhança de Cristo. Casa Nazarena de Publicações. Kansas City.
- Neill, S.C. La Doctrina Cristiana de La Santidad. Cátedra Carnahan. Casa Unida de Publicaciones. México. 1958
- Textos: Silva, Dionísio – “O Desenvolvimento do Pensamento de Wesley sobre a santificação e a Perfeição Cristã.” Site Metodista Livre
- GRUN, Anselm. O céu começa com você: a sabedoria dos padres do deserto para hoje. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KNIGHT, John, A semelhança da Cristo. Kansas. City CNP 1983.
- McKENNA, David L. Wesleyano en el siglo XXI. Kansas City, 2000.
- RUNYON, Theodore. A nova criação: a relogia de John Wesley. São Bernardo do Campo. Editeo, 2002.
- RUTH, C. W. Santidade explanada. Cabo Verde: Editora Nazarena, 1962.
- TAYLOR, R. S. A vida disciplinada. Kansas City, CNP 1981.
- WESLEY, Jonh A perfeição cristã. Kansas City, CNP 1981.
- WOOD, J. A. Perfeito amor Campinas: Editora Nazarena, 1965.

Esta apostila foi preparada para uso na disciplina

Doutrina de santidade II, pelo prof. Sila D. Rabello. Permitido o uso desde que se mantenham os créditos.

Revisado – Outubro de 2010